UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE - UNIVILLE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO EM EDUCAÇÃO
DENEUSA LUZIA RODRIGUES

EDUCAÇÃO NÃO FORMAL: DO CUIDADO À EMANCIPAÇÃO? CARTOGRAFIAS DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DAS ORGANIZAÇÕES SOCIAS DE JOINVILLE VINCULADAS À ASSOCIAÇÃO JOINVILENSE DE ORGANIZAÇÕES SOCIAIS – AJOS

JOINVILLE
2013

DENEUSA LUZIA RODRIGUES

EDUCAÇÃO NÃO FORMAL: DO CUIDADO À EMANCIPAÇÃO? CARTOGRAFIAS DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DAS ORGANIZAÇÕES SOCIAS DE JOINVILLE VINCULADAS À ASSOCIAÇÃO JOINVILENSE DE ORGANIZAÇÕES SOCIAIS – AJOS

Dissertação apresentada à Universidade da Região de Joinville - UNIILLE, Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Educação. Linha de pesquisa: Políticas e Práticas Educativas, como requisito para a obtenção do grau de Mestra em Educação.
Orientadora: Profª. Drª. Elizabete Tamanini.

JOINVILLE

2013

Catalogação na publicação pela Biblioteca Universitária da Univille

R696e

Rodrigues, Deneusa Luzia

Educação não formal : do cuidado à emancipação? cartografias das práticas educativas das organizações sociais de Joinville vinculadas à Associação Joinvillense de Organizações Sociais - AJOS / Deneusa Luzia Rodrigues ; orientadora Dra Elizabete Tamanini – Joinville: UNIVILLE, 2013.

92 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Educação – Universidade da Região de Joinville)

1. Educação não formal. 2. Práticas educativas. 3. Movimentos sociais. 4. Associação Joinvillense de Organizações Sociais – AJOS. I. Tamanini, Elizabete. (orient.). II. Título.

CDD 372

Termo de Aprovação

"Educação Não Formal: do Cuidado à Emancipação? Cartografias das Práticas Educativas das Organizações Sociais de Joinville Vinculadas a Associação Joinvilense de Organizações Sociais - AJOS"

por

Deneusa Luzia Rodrigues

Dissertação julgada para a obtenção do título de Mestra em Educação, aprovada em sua forma final pelo Programa de Mestrado em Educação.

Profa. Dra. Elizabete Tamanini
Orientadora (UNIVILLE)

Profa. Dra. Márcia de Souza Hobold
Coordenadora do Programa de Mestrado em Educação

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Elizabete Tamanini
Orientadora (UNIVILLE)

Prof. Dr. Danilo Romeu Streck
(UNISINOS)

Profa. Dra. Silvia Sell Duarte Pillotto
(UNIVILLE)

Joinville, 18 de março de 2013

Dedicatória

Ao Antonio, meu companheiro de todas as horas, pelo incentivo, amor e dedicação.

Ao meu amado filho Jean, o grande incentivador nesta caminhada.

Aos meus pais por terem me iniciado na vida acadêmica.

Agradecimentos

À minha família pela compreensão da ausência em muitos momentos de encontros.
À professora Dra. Elizabete Tamanini (Orientadora) pela presença e dedicação.

Ao professor Dr. Danilo S. Streck e a professora Dra. Silvia Sell Duarte Pillotto por estarem presentes nesse meu processo de formação e por contribuírem de forma amorosa e qualificada na retomada desta trilha, meu muito obrigada!

Às pessoas e instituições envolvidas nesta pesquisa, que me receberam com carinho e afeto, sujeitos desta construção.

À Rafaela Leoni e a Cris Coutinho amigas e imprescindíveis nos "nós" e "alinhavos" finais desta narrativa.

Moço, eu estou nesse negócio de catar pedras faz bem uns cinqüenta anos. Muita gente me dizia para largar disso – cadê coragem? Cada um tem que viver procurando alguma coisa. Tem quem procure paz, tem quem procure briga. Eu procuro pedras. Mas foi numa dessas noites da minha velhice que entendi por que nunca larguei disso: só a gente que garimpa pode tirar estrelas do chão.

Fernando Azevedo

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACIJ – Associação Comercial e Industrial de Joinville

ADEJ – Associação dos Deficientes \Físicos de Joinville

ADESD – Associação de Síndrome de Down de Joinville

AJOS – Associação Joinvilense de Organizações Sociais

APISCAE – Associação para Integração Social de Crianças e Adolescentes Especiais

AVAPE – Associação para Valorização de Pessoas com Deficiência

CASA DA AMIZADE – Casa da Amizade das Famílias de Rotarianos de Joinville

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

GASP – Grupo de Assistência ao Paraíso

LOAS – Lei Orgânica da Assistência Social

ONG's – Organizações não Governamentais

PNAS – Política Nacional de Assistência Social

SESC – Serviço Social do Comércio

SESI – Serviço Social da Indústria

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UNIPAZ – Universidade da Paz

UNIVILLE – Universidade da Região de Joinville

LISTA DE QUADROS

Quadro nº 01 - Instituições Sociais associadas à AJOS – 09/02/2011..... 30
Quadro nº 02 - Instituições Sociais associadas à AJOS com proposta de atividades educativas e/ou formação..... 41
Quadro nº03 - Instituições AJOS. Aspectos Históricos de sua criação. Levantamento Documental.....44
Quadro nº 04 - Organizações Sociais da AJOS com práticas na Educação não Formal.....48

RESUMO

Esta pesquisa de Mestrado em Educação teve como objetivo maior investigar a Educação não Formal e sua perspectiva de intervenção sócio-educativa, bem como sua contribuição a educação enquanto área de conhecimento. Como cenário mais específico para as reflexões desta problemática o estudo ancora-se nas Organizações Sociais de Joinville/SC associadas à Associação Joinvilense de Organizações Sociais de Joinville - AJOS. A partir da premissa teórico-metodológica onde problemática de pesquisa e sujeito que investiga são elementos intrínsecos e com intencionalidades, pois o espaço da pesquisa é espaço de atuação da pesquisadora. Esta pesquisa está fundamentada em pressupostos filosóficos de Paulo Freire e seus muitos interlocutores, como Streck, Boff, Tamanini, entre outros. Elaborando uma cartografia conceitual das experiências, investigou-se, no campo de atuação cotidiana, se essa prática se dá na perspectiva teórica da Educação não Formal. Tendo como base este inventário, desenharam-se cartografias, documentando historicamente os aspectos de constituição da AJOS e, sobretudo, a relação do conceito de sujeito fundante na dimensão da formação educativa do cuidado e acolhimento.

Palavras-Chave: Educação não Formal. Práticas Educativas. Cartografias. Movimentos Sociais

ABSTRACT

This dissertation investigates the non-formal Education and its perpective under the socioeducational intervention as well as its contribution to the educational field. The Social Organizations of Joinville/SC associated to the Social Organizations of Joinville – AJOS took part in this research. The theorical-methodological analyses the subject and the research institution as instrinsec and intentional elements because this is the place where the researcher works. This research is supported on the phylosophical presuppositions of Paulo Freire and his intellectuals as Streck, Boff, Tamanini, among others. A conceptual cartography of experiences was made in order to investigate the day-by-day interventions if this practice is related to the theorical perpective of non-formal Education. The historical constitution of AJOS was investigated especially the relation between the subject concept in the formation of educative care and welcoming.

Keywords: non-formal Education. Educative practises. Cartografias. Cartography. Social Movements.

SUMÁRIO

APRENDIZAGENS COMPARTILHADAS: EXPERIÊNCIAS DE VIDA E INDÍCIOS DE EDUCAÇÃO - Apresentando..... 12

1 MOMENTO I - ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA: INTERFACES E PROVOCAÇÕES DAS APRENDIZAGENS COMPARTILHADAS AO MOVIMENTO DA PESQUISA..... 16

1.1 Interfaces e Provocações das aprendizagens Compartilhadas ao Movimento da Pesquisa 18

1.2 Sobre o Movimento da Pesquisa e os Objetivos..... 22

1.3 Sobre Práticas Educativas nos Espaços não Formais: Um olhar para a Educação Popular e os Movimentos Sociais..... 25

2 MOMENTO II - AS PRÁTICAS EDUCATIVAS NA ASSOCIAÇÃO JOINVILENSE DE ORGANIZAÇÕES SOCIAIS/AJOS: O REGISTRO, A CARTOGRAFIA, A ESCUTA..... 29

2.1 Um pouco de História..... 29

2.2 Sobre a AJOS e a Profissionalização – Complexidade e Desafios..... 37

2.3 Sobre a AJOS e a Cartografia das Práticas Educativas..... 40

2.4 Sobre as Instituições Pesquisadas – As Práticas Educativas..... 50

3 MOMENTO III – EDUCAÇÃO NÃO FORMAL NAS INSTITUIÇÕES SOCIAIS DA AJOS: DO ACOLHIMENTO AO CUIDADO..... 54

3.1 As práticas Educativas Sociais como Possibilidades: Da Autonomia à Emancipação?..... 60

4 PRÁTICAS EDUCATIVAS EMANCIPATÓRIAS MANTENDO O OLHAR E A ESCUTA – (IN) CONCLUSÕES..... 66

REFERÊNCIAS..... 70

ANEXO..... 91

APRENDIZAGENS COMPARTILHADAS: EXPERIÊNCIAS DE VIDA E INDÍCIOS DE EDUCAÇÃO - Apresentando.

"O estudo é a maior herança que eu posso deixar a vocês..."
Dyrce Maria Rodrigues [1]

Cresci ouvindo a fala de minha mãe, *"O estudo é a maior herança que eu posso deixar a vocês..."* lembrança forte que inspirou o nascimento deste texto. Era, pois, o maior desejo de meus pais, que todos os filhos estudassem e tivessem sucesso na vida pessoal e na vida profissional.

Nasci no ano de 1964, em 13 de dezembro, aqui na cidade de Joinville[2], Santa Catarina. Sou a filha primogênita de uma família de sete crianças. Família humilde, de pais trabalhadores, meu pai, Artur Lucio Rodrigues, operário e minha mãe, Dyrce Maria Rodrigues, professora de coração e formação, hoje, ambos aposentados.

Seu Tuca, como é chamado meu pai e dona Dyrce trabalhavam o dia todo. E a professora precisava cuidar da casa, dos filhos e a noite e finais de semana preparar aulas e corrigir provas. Não havia jeito, todos juntos nos afazeres para tudo correr bem. Minha mãe era professora estadual, lecionava na Escola Estadual Dom Pio de Freitas. E meu sonho, aos sete anos, quando fosse para o primeiro ano, era ser aluna da professora Sueli, amiga de minha mãe, por quem eu tinha verdadeira admiração. O sonho não se realizou, não pude ser aluna da professora Sueli, ela trabalhava no mesmo horário de minha mãe e eu precisa cuidar de meus irmãos quando minha mãe estava na escola. A vida é assim, frustrações fazem parte e fazem bem.

Fui então, a contragosto, para a Escola Municipal Lauro Carneiro de Loyola e a minha primeira professora foi a Dona Rosangela, de quem gostei muito e aprendi a admirar e respeitar. Somente no segundo ano fui para a escola estadual onde minha mãe trabalhava, nesta segui por mais alguns anos.

Nossa infância foi de muito trabalho, todos ajudavam nas tarefas domésticas, mas, na maioria das vezes, este trabalho se tornava uma diversão. Mesmo muito jovem eu já tinha meus compromissos domésticos, sempre ajudei minha mãe a cuidar de meus irmãos. Mesmo

---

[1] Minha mãe.

[2] Joinville é um município brasileiro situado na região nordeste do estado de Santa Catarina, com 1130,878 km² de área e população de aproximadamente 515.250 habitantes, conforme Censo de 2010.

assim, tive uma infância onde o brincar era uma constante, experiência que resultou em um grande aprendizado para mim. Os saberes adquiridos na infância e adolescência "misturam-se" em si, fazendo parte da minha constituição como sujeito, e ao perceber esses saberes e experiências, entendo-me como um ser humano e inacabado. E aqui me percebo nas palavras de Paulo Freire:

> Repito, porém, como inevitável a *franquia* de mim mesmo, radical, diante dos outros e do mundo. Minha *franquia* entre os outros e o mundo mesmo e a maneira radical como me experimento enquanto ser cultural, histórico, inacabado e consciente do inacabamento. (FREIRE, 1996, p. 50) [grifos do autor]

Uma casa cheia de livros e brincadeiras, uma mãe educadora, um cenário para se brincar com toda a vizinhança e, em meio ao divertimento, o saboroso brincar de "escolinha", onde, é claro, quase sempre, o papel de professora era meu. Brincávamos também de contação de histórias, "teatrinho", música, dança e muitas outras atividades.

Meus irmãos e eu tivemos a oportunidade de estudar as séries iniciais em escolas públicas e as séries finais em escola privada. Vivemos intensamente os anos de escola, fizemos muitos amigos, tivemos excelentes professores que até hoje relembramos com carinho e alegria, quando o assunto é a escola na infância e na adolescência.

Nesse ambiente tão rico em que fui criada e tive a educação como algo muito importante, pude refletir seu significado de forma ampla, não só na perspectiva institucionalizada, formal da escola, mas, sobretudo ampliar a sua dimensão humanizadora.

Pensando numa conceituação de educação deparo-me com diferentes pressupostos que provocam tensões e desafios, evidenciando a necessidade de posicionar-me conceitualmente nas diferentes abordagens. Assim, apropriei-me da concepção educativa onde o ser humano é categoria fundante. Este que se apropria de saberes constrói e apreende nas heranças sociais do grupo em que está inserido.

Percebo no "tempo fundante", conceito que estará presente nesta dissertação, o inevitável sobre o papel da educação na minha trajetória e que evidenciam uma mescla de ensinos adquiridos da vida, da escola e do mundo, constituindo, assim, o que denominamos de aprendizagens compartilhadas: experiências de vida e indícios de educação.

O compromisso com a Educação não Formal tem sido uma constante nos últimos tempos. O desejo de desvendar os processos de ensino, as práticas educativas nos espaços além da escola moveram-me nestas aprendizagens e levaram-me a iniciar esta pesquisa.

A pesquisa que segue parte do meu envolvimento com as atividades sociais que já exerço há muito tempo. Participar ativamente de trabalhos sociais nas áreas de educação, lazer e cultura também são ações intrínsecas à minha história.

Nos últimos cinco anos tenho estado à frente de alguns trabalhos sociais no Rotary Club Joinville Manchester, onde já exerci a presidência. O Rotary é uma Organização Internacional, com mais de cem anos, e no Brasil com mais de oitenta anos. É uma Organização que presta serviços humanitários, enfatiza padrões éticos em suas profissões e ajuda a promover a paz mundial, desenvolvendo projetos comunitários que visam tratar de assuntos atuais, entre eles crianças em situação de risco, pobreza e fome, preservação do meio ambiente, analfabetismo e violência. Apoia, também, iniciativas pró-juventude, promovendo o desenvolvimento profissional, patrocinando oportunidades educacionais e de intercâmbio para estudantes, professores e outros profissionais. Em decorrência do trabalho no Rotary estou ligada à Associação Joinvilense de Organizações Sociais - AJOS, fundada em 1987 e exerço a presidência desde 2012.

A luz de dilemas inerentes à complexidade social destes contextos este cenário instigou-me a enfrentar o desafio de investigar acerca das práticas educativas propostas pelas entidades em questão, seja de modo empírico, intencional ou ainda por força das exigências do Estado, buscando, assim, maior entendimento no campo da Educação não Formal. Acolhendo estas inquietações, a pesquisa deu-se em parceria com as organizações associadas à AJOS.

A pesquisa reveste-se de uma magia contagiante, isto se dá pelo seu processo, pelo aprendizado durante a caminhada e pela construção do conhecimento. Este é um trabalho bastante artesanal, feito a muitas mãos, muitos olhares, muitas escutas. Aqui se aprende caminhando.

Na construção do texto, optei por utilizar da primeira pessoa do singular quando narrei minha trajetória de vida e o encontro com a temática da pesquisa, bem como, neste texto de apresentação. Para os outros momentos desta narrativa será empregada a primeira pessoa do plural, porque compreendo que a pesquisa não se deu de forma individual; este processo se construiu coletivamente e envolveu muita gente, gente como diz Paulo Freire:

> Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo. Daí que insista tanto na *problematização* do futuro e recuse sua inexorabilidade. (FREIRE, 1996, p. 53)

A organização textual tem um primeiro momento chamado **“MOMENTO I - ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA: INTERFACES E PROVOCAÇÕES DAS APRENDIZAGENS COMPARTILHADAS AO MOVIMENTO DA PESQUISA”,** este momento traz fragmentos da minha trajetória de vida que oportunizou o encontro com a temática da pesquisa, apresenta-se também os objetivos e a metodologia adotada nesta construção.

O segundo momento contextualiza a AJOS, sua história e as instituições pesquisadas, determinado por **“MOMENTO II - AS PRÁTICAS EDUCATIVAS NA ASSOCIAÇÃO JOINVILENSE DE ORGANIZAÇÕES SOCIAIS/AJOS: O REGISTRO, A CARTOGRAFIA, A ESCUTA.”**

E o terceiro momento, **“EDUCAÇÃO NÃO FORMAL NAS INSTITUIÇÕES SOCIAIS DA AJOS - DO ACOLHIMENTO AO CUIDADO[3]”.** Conceitua Educação e Educação não Formal, trazendo às categorias autonomia e emancipação numa prática educativa sensível de acolhimento e do cuidado, fazendo a interface com as conversas tidas com as trabalhadoras sociais das instituições pesquisadas.

Nesta construção dá-se o corpo para a pesquisa realizada, entendendo que o trabalho não se esgota aqui, a trilha não se encerra, ao contrário, apresenta novas possibilidades, sugere e permite novos caminhos de pesquisa passíveis de serem experienciados.

---

[3] BOFF Leonardo (1999) - Fábula-mito do cuidado por Leonardo Boff - De origem latina e com base grega, ganhou sua expressão literária definitiva pouco antes de Cristo, em Roma.
“Certo dia, ao atravessar um rio, Cuidado viu um pedaço de barro. Logo teve uma idéia inspirada. Tomou um ouço do barro e começou a dar-lhe forma. Enquanto contemplava o que havia feito, apareceu Júpiter.
Cuidado pediu-lhe que soprasse espírito nele. O que Júpiter fez de bom grado.
Quando, porém, Cuidado quis dar um nome à criatura que havia moldado, Júpiter o proibiu. Exigiu que fosse imposto o seu nome. Enquanto Júpiter e o Cuidado discutiam, surgiu de repente, a Terra. Quis também ela conferir o seu nome à criatura, pois fora feita de barro, material do corpo da Terra. Originou-se então uma discussão generalizada. De comum acordo pediram a Saturno que funcionasse como árbitro. Este tomou a seguinte decisão que pareceu justa: “Você, Júpiter, deu-lhe o espírito; receberá, pois, de volta, este espírito por ocasião da morte dessa criatura. Você, Terra, deu-lhe o corpo; receberá, portanto, também, de volta, seu corpo quando essa criatura morrer. Mas como você, Cuidado, foi quem, por primeiro, moldou a criatura, ficará sobre seus cuidados enquanto ela viver. E uma vez que entre vocês há acalorada discussão a cerca do nome, decido eu: esta criatura será chamada *Homem*, isto é, feita de *húmus*, que significa terra fértil”.

1 MOMENTO I - ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA: INTERFACES E PROVOCAÇÕES DAS APRENDIZAGENS COMPARTILHADAS AO MOVIMENTO DA PESQUISA

Ao iniciar a tessitura desta pesquisa acreditamos ser relevante destacar experiências constitutivas de nossa construção, trazendo fragmentos da narrativa apresentada no memorial descritivo que elaboramos para ingressarmos no Mestrado em Educação. Para Moraes (1992), construir um memorial não é uma tarefa fácil, pois, é um retrato crítico do indivíduo visto por múltiplas facetas, através dos tempos, o qual possibilita inferências de suas capacidades. Boaventura (1995) neste diálogo diz que o fazer do memorial não é somente crítico, mas também autocrítico do desempenho acadêmico do candidato. Crítica que conduz forçosamente à avaliação dos resultados obtidos na trajetória da carreira científica.

Neste contexto, apresentamos o surgimento da temática da pesquisa que, quando numa análise mais profunda sobre como aconteceu esse momento, percebemos ser algo muito mais antigo do que imaginávamos. Quando da construção do memorial descritivo para o ingresso no mestrado, requisito obrigatório em um processo metodológico, mergulhamos nas lembranças, memórias herdadas e acumuladas. Compreendemos nessa imersão e conforme provocação no próprio título acima, "**ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA: INTERFACES E PROVOCAÇÕES DAS APRENDIZAGENS COMPARTILHADAS AO MOVIMENTO DA PESQUISA**" o quanto acumulamos de experiências, conhecimentos, informações e dúvidas. Nesta perspectiva Tamanini e Peixer (2007, p. 67) ressaltam que:

> É através da cultura material e ou da materialidade humana e das narrativas que se concentra a passagem do tempo, assim a leitura é feita a partir das experiências acumuladas e representadas que se desdobram na memória, diante da imagem do presente. Desse modo, a educação pode contribuir para a compreensão das contradições presentes nos processos históricos e, sobretudo na construção desses diálogos, rupturas e confrontos.

Para esse primeiro momento (MOMENTO I) trazemos um recorte de nossa trajetória de vida. Passamos, então, a narrar trajetos de nossa história que nos levou ao encontro com a educação, especificamente a Educação não Formal, os trabalhos além dos muros da escola, o contato com mulheres, crianças, jovens e idosos. Aqui apresentamos a nossa trajetória a partir dos primeiros passos no trabalho formal e a busca pelos estudos. Como costumamos dizer:

"*ser alguém na vida"*.[4] - Neste fazer de si, buscamos desde muito jovem um lugar no mundo, com o desejo de ser validada e respeitada por esta construção social.

A partir da premissa teórico-metodológica onde problemática de pesquisa e sujeito que investiga são elementos intrínsecos e com intencionalidades, a construção deste texto está fundamentada de maneira intensa em pressupostos filosóficos de Paulo Freire e seus muitos interlocutores. Identificamo-nos com o autor e pressentimos fundamental como referência neste caminhar e, a fim de que o leitor(a) compreenda as metáforas aqui usadas para a construção de nossas reflexões, valemo-nos da constatação de Freire (1992, p. 19):

> Interessante, no contexto da infância e da adolescência, na convivência com a malvadez dos poderosos, com a fragilidade que precisa virar a força dos dominados, que o tempo fundante do SESI, cheio de 'soldaduras' e 'ligaduras' de velhas e puras 'adivinhações' a que meu novo saber emergindo de forma critica deu sentido [...]

No encontro com Paulo Freire e sua história, fizemos também um "resgate" de nosso processo profissional, acadêmico e de vida, naquilo que Gramsci (1978) conceitua de *práxi*s. Reencontramos também um "tempo fundante" em nossa trajetória e que nas sábias palavras de Freire (1996, p. 19) nos percebemos com emoção "[...] pedaços de tempo que, de fato, se achavam em mim, desde quando os vivi, à espera de outro tempo, que até poderia não ter vindo como veio, em que aqueles se alongassem na composição da trama maior" [...]. E ainda inspirados nessas mágicas palavras percebemos os tempos vividos e a nossa história de transformação, de encontros, desencontros e re-encontros. Continuando as palavras de Freire (1992, p. 19). [...] "às vezes, nós é que não percebemos o 'parentesco' entre os tempos vividos e perdemos assim a possibilidade de 'soldar' conhecimentos desligados e, ao fazê-lo, iluminar com os segundos, a precária claridade dos primeiros". Os tempos fundantes da infância e adolescência.

Diante da experiência de alguns anos de trabalho na Educação não Formal nos reconhecemos nas falas e relatos ouvidos dos sujeitos desta pesquisa. Como diz Paulo Freire, algumas "soldaduras" e "ligaduras" foram feitas nesta experiência. Nas palavras de Freire: "religar lembranças, reconhecer fatos, unir conhecimentos, re-conhecer para conhecer melhor." (FREIRE, 1992, p. 20)

Retomamos a reflexão do "tempo fundante", que de fato nos exigiu um laborioso exercício de perguntas e parte delas ainda sem respostas, para entendermos nosso despertar

---

[4] Por curiosidade e pela força com que veio a palavra *alguém*, pesquisamos o seu significado que é: **Alguém** - Alguma pessoa. **2** Pessoa digna de consideração: *Fala pouco e bem, ter-te-ão por alguém. Antôn: ninguém.* Disponível em:<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=alguém&CP=8605&typeToSearchRadio=exactly&pagRadio=50> Acesso em: 20 jan. 2013.

para a docência, bem como a correlação das inúmeras indagações surgidas ao longo da vida com a nossa temática de pesquisa. Gadotti (1984, p. 30) nos auxilia destacando que:

> Se a filosofia vai ao "fundo das coisas", se ela procura ordem das coisas, se ela penetra as coisas até sua raiz, é ao nível das raízes, dos fundamentos, que uma interrogação da filosofia da educação tem sentido e importância. [...] na educação do homem, a raiz é o próprio homem.
>
> .

De modo ainda exploratório problematizamos a construção de um contexto de pesquisa pouco explorado no Estado de Santa Catarina e na região do território norte deste Estado que é a Educação não Formal e as Práticas Educativas nas organizações associadas da Associação Joinvilense de Organizações Sociais – AJOS.

Diante deste contexto decidimos narrar, então, os indícios do que aqui vamos chamar de **APRENDIZAGENS COMPARTILHADAS,** de maneira a compreendermos nossa busca e o encontro com nossa temática que passamos a narrar na primeira pessoa do singular, porque "a história não é, ela está sendo" (Freire, 2007) e desse modo compartilhamos desta construção.

1.1 Interfaces e Provocações das aprendizagens Compartilhadas ao Movimento da Pesquisa

Com quinze anos fui convidada por um tio para trabalhar em seu comércio no Mercado Público Municipal de Joinville. Essa foi uma das grandes escolas da vida. O Mercado Público era um lugar onde se ouvia história, contos, causos. Eu, muito jovem e sem experiência alguma de vida, ficava encantada com tantas descobertas. Joinville era ainda uma cidade pequena e muito provinciana. O mercado era frequentado por "famílias de nome e renome" como aqui é costume se dizer, ou ainda se perguntar, qual é o seu sobrenome? É de origem[5]? Mas era também o espaço dos pescadores, das bordadeiras, dos boêmios, dos mendigos e de outros muitos. E essa mistura de povos era fascinante. As histórias de vida que o "Bentivi", pescador, contava-me eram tão lindas e importantes, mais que as histórias das "damas" da sociedade joinvilense. Permaneci por dois anos trabalhando no comércio do Mercado Público, onde, no período noturno, frequentava o colégio, cursando o Ensino Médio, e depois fui trabalhar em um escritório de contabilidade onde aprendi a fazer serviço de caixa

[5] Joinville – cidade colonizada por imigrantes europeus. Disponível em: <http://www.promotur.com.br/> Acesso em: 22 jan. 2013.

financeiro, lançamento fiscal e outros serviços contábeis, um serviço quase que solitário, eu os papeis, as máquinas.

Já finalizando o Ensino Médio, aproxima-se o tempo da universidade. O sonho de uma jovem adolescente que nascera e vivera num lugar que respirava os estudos, o ensino, as histórias. A universidade passou a ser um sonho e um compromisso.

Com dezoito anos prestei vestibular na UFSC para Bacharel em Química, fui aprovada e me mudei para a capital, Florianópolis. Lá morei e estudei durante três anos, mas não concluí o curso. Tive muitas dificuldades para acompanhar as aulas, morar sozinha e cuidar da vida. Voltei para Joinville, mais madura, com ideias e sonhos. Casei-me no ano seguinte e comecei a trabalhar com meu marido, que era despachante de trânsito e proprietário de uma casa lotérica, a qual passei a gerenciar. Um trabalho bastante complexo, nada era informatizado e as prestações de contas para caixa econômica precisavam ser exatas, uma grande responsabilidade. Esse trabalho me deu muita experiência profissional na área financeira e de gerenciamento de pessoas. Durante esse período fiz um curso técnico em informática com dois anos de duração.

Em 1987, realizei o sonho da maternidade, tornando-me mãe, mas não deixei de trabalhar, levava meu filho junto para o trabalho. A mãe, a mulher e a profissional estavam se constituindo.

Trabalho, estudo, família e uma mulher questionando-se profissionalmente. Havia algo me incomodando. Sempre fui muito criativa, gostava de costurar, decorar a casa, organizar festas, criar ambientes. Então decidi cursar Artes Visuais na Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE. Uma decisão acertada, foram quatro anos de curso que me trouxeram muitas realizações, conheci pessoas significativas que fizeram a diferença na minha vida e uma bagagem de conhecimento que transformaram minha trajetória. Abriram-se os horizontes.

Na mesma época fiz uma formação na UNIPAZ[6] – Formação Holística de Base, durante dois anos, um final de semana por mês, vinte três seminários, que passaram da arte de viver a vida à arte de viver a passagem. Na graduação em Artes Visuais fiz bacharelado e licenciatura, fazendo o estágio no Colégio Machado de Assis – escola particular - nos ensinos fundamental e médio. No ano seguinte a minha formatura, fui chamada nessa mesma escola

[6] UNIPAZ- Um movimento mundial com as pessoas e instituições afins, disseminar uma Cultura de Paz entre os vários segmentos sociais, promover a inteireza do ser e a ampliação de consciências divulgando o paradigma holístico. A sede da Reitoria da Universidade é em Brasília. Disponível em: <http://www.unipazsul.org.br/> Acesso em: 11 dez. 2012.

para assumir as aulas de artes no ensino médio e fundamental. Começa aqui de fato a vida de professora.

Neste esforço de relembrar as minhas experiências da infância e da adolescência, ou neste exercicío de escavar os movimentos dos tempos fundantes da infância e da adolescencia, deparo-me com a menina professora em vários momentos. Na infância, as brincadeiras de escolinha, o sentimento de ser professora já fazia parte dessa trama. Era uma alegria quando a garotada chegava para brincar. E muitas vezes essa brincadeira se tornava muito séria, alguns vizinhos que tinham dificuldades com as tarefas escolares vinham lá em casa pedir ajuda para minha mãe, e ela então, com muitos afazeres, pedia que eu ajudasse a garotada. E de brincadeira em brincadeira vai se constituindo a professora.

Durante o tempo de universitária fui também estagiária na Extensão Universitária, na UNIVILLE, responsável pelos eventos do coral da Universidade e professora de Cursos de Extensão nas áreas rurais na região de Pirabeiraba e Quiriri, em Joinville, fazendo oficinas de fibra de bananeira, arranjos florais, entre outras.

Uma grande experiência, ainda como estudante na UNIVILLE e estagiária da Extensão Universitária, foi um trabalho realizado na aldeia indígena na região de Araquari, município vizinho de Joinville. Esse projeto tinha como intencionalidade refletir sobre os saberes e uso do barro/argila por essa comunidade. O trabalho metodológico partia do uso do barro/argila e com isto tentávamos aprender e do mesmo modo contribuir para o "resgate" das técnicas de cerâmica nessa Aldeia Guarani[7].

Nessa mesma época tive uma das mais importantes experiências na Educação. Fui voluntária, como professora, das oficinas de artes num projeto chamado GASP[8], o trabalho desenvolvido nesse projeto na Educação infantil, na qual tive oportunidade de atuar durante três anos e hoje faço parte da diretoria dessa instituição que já completou 10 anos, atuando na educação de crianças de três a cinco anos e suas famílias.

Essa época de graduação e formação na UNIPAZ foi muito fértil no campo da docência. Mesmo que eu não tivesse consciência de tão profundo mergulho, eu estava atuando na Educação não Formal com muita intensidade. Relembrando Paulo Freire (1992, p. 33) [...] "experimentamos, é certo, na travessia que fazemos, um alvoroço na alma, síntese de

[7] A pouco mais de 20 quilômetros de Joinville, no limite entre Araquari e Guaramirim, localiza-se a Aldeia Guarani Tiaraju, mais populosa da região Norte de Santa Catarina. São 23 famílias indígenas que moram às margens das BRs 280 e 101 com uma contradição diária, condição social complexa: manter as tradições dos ancestrais e conviver com as mudanças atuais. Lá vivem 112 pessoas, dos 436 indígenas da região, principalmente crianças. Disponível em <http://diariocatarinense.clic rbs.com.br/sc/geral/noticia/2012/04/indios-tentam-preservar-tradicoes-na-aldeia-guarani-tiaraju-no-norte-de-sc-3732035.html> Acesso em: 06 fev. 2013.

[8] Grupo de Assistência Social Paraíso – GASP – constitui-se numa sociedade civil voltada à assistência social e a educação infantil. Disponível em: <http://gasp.com.br/sobre-nos/> Acesso em: 22 jan. 2013.

sentimentos contraditórios [...]". Nesse re-encontro com essa trajetória, tenho ainda bem vivos retalhos das histórias vividas naqueles fazeres da docência, ou seja, "um tempo fundante[9]".

E depois de todos esses trabalhos e seis anos de docência no ensino fundamental e médio, em 2008 fui contratada para ministrar as aulas de Estética e *Ecodesign* no Curso de Design de Interiores na Faculdade Anhanguera. No ano seguinte, atuei com oficinas na semana acadêmica desta instituição e assumi a disciplina do curso de Pedagogia, Imagem do Outro – Ética e Educação, durante dois anos, mais a disciplina de Educação Profissional e Educação Não Formal nos Espaços não Escolares, Educação de Jovens e Adultos, Educação e Diversidade. Em 2010 passei a fazer também a Coordenação Pedagógica e Coordenação da Faculdade Aberta da Terceira Idade. Hoje por ocasião de estar cursando o mestrado pedi afastamento das funções de coordenadora.

Ainda durante o período de Graduação em Artes Visuais e a Formação da UNIPAZ, uma amiga e eu mantínhamos um Ateliê Artístico, que chamamos de Alquimia da Terra, onde trabalhamos durante oito anos. O ateliê foi muito atuante, com propostas artísticas, artesanais e pedagógicas. Muitas vezes fomos chamadas pelas faculdades para darmos oficinas nos cursos de Design, Arquitetura, Pedagogia e Artes Visuais. Uma lembrança que ainda causa arrepios! E por falar em arrepios um dos mestres e facilitador da UNIPAZ, Roberto Crema em seus seminários, assim como Rubem Alves (2004) e Paulo Freire (2007), nos dizia que prestássemos atenção em nossos arrepios, pois eles nos têm muito a dizer. Sugeria, inclusive, que tivéssemos um livro dos *Arrepios.* Mas, lembro-me muito bem dos arrepios que senti quando comecei a atuar na educação. Hoje compreendo um pouco mais sobre o que Paulo Freire quer dizer do significado de "estarmos e ficarmos encharcados de sentidos para sermos educadores". Assim, desejo profundamente que estes arrepios nunca cessem.

No ano seguinte ao término da graduação, em 2003 comecei a Pós Graduação em Arteterapia[10] na Cidade de Curitiba/PR, curso que me proporcionou muita segurança para estar em sala de aula, pois em terapia aprendemos a nos observar. Uma ferramenta fundamental para lidar com o outro, importante também para mediar situações diversas na prática docente, seja em sala de aula ou em outros ambientes não formais.

---

[9] Ibdem (1992, p. 19)

[10] A Arteterapia tem como objetivo maior oportunizar um espaço para os profissionais que desejem ampliar o universo de conhecimento em que atuam ou pretendem atuar como terapeutas para que possam utilizar a Arte como recurso terapêutico auxiliar, proporcionando ao indivíduo a possibilidade de amenizar seu sofrimento mediante o desenvolvimento de seu próprio potencial criador, além de oferecer ao profissional subsídios para a organização de sua prática pedagógica.

Ao término da segunda Pós em Arteterapia, construí um Ateliê Terapêutico, dedicando-me durante muito tempo à Arteterapia, e a desenvolver oficinas e cursos de artes nas escolas, associações de bairros, espaços de encontros de terceira idade, grupo de gestantes em empresas, e outras.

Está então, em parte, constituída a educadora, a professora, e encontrei aqui nas velhas tramas, feitos da infância e da adolescência, da mocidade e da maturidade, nos encontros e re-encontros, nas passagens e experiência com o outro, a essência do meu trabalho, da minha vida, da minha pedagogia. Que nas palavras de Bosi é um conjunto de representações que povoam a minha consciência atual:

> A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão agora à disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça à lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. (BOSI, 1994, p. 55)

1.2 Sobre o Movimento da Pesquisa e os Objetivos

Ao descrever os meus trajetos de vida misturando profissionalização e experiência de vida, utilizo-as como forma de contextualizar e dar sentido à escolha da temática em estudo. Dessa forma, esta pesquisa não apresenta um formato linear e rígido. A construção da narrativa desta dissertação segue um ritmo onde saberes não formais dialogam com saberes formais, alimentada, sobretudo, pela reflexão presente em Freire (2007) e Streck (2005), “onde ressaltam que pesquisar é pronunciar o mundo”. “É ler o mundo, pronunciando-se e anunciando um novo olhar, uma nova posição diante dele e com ele”. Desse modo, o processo de escrita segue um ir e vir desde as primeiras linhas até as considerações finais. “Quem pesquisa sabe que em algum lugar terá que fazer os seus registros”. (STRECK, 2005, p. 11)

Uma constatação significativa: o ato de estudar, conhecer, ensinar, aprender é desafiador e prazeroso quando temos desejos pelo mundo e isto tudo nos exige dedicação, coragem e certa gota de utopia. Fazer o mestrado em educação já era um de meus objetivos havia um bom tempo.

A Educação não Formal e as práticas educativas estão diretamente relacionadas às disciplinas com as quais atuo no Ensino Superior, enquanto educadora, e às atividades junto

aos movimentos e organizações sociais. Daí a escolha pela Linha de Pesquisa: Políticas e Práticas Educativas do Mestrado em Educação/UNIVILLE.

Conforme já dito a escolha da temática é fruto de nossa trajetória de vida onde desejo pessoal, profissional e acadêmico fazem parte das 'soldaduras' e 'ligaduras' feitas nestas experiências. Entretanto pode-se dizer que o Projeto de Qualificação apresentado em forma de dossiê, fruto dos percursos realizados nesta fase de inserção no Mestrado em Educação da UNIVILLE, teve um papel fundamental na continuidade e condução do trabalho. Percebemos de modo substancial que ainda havia muito a fazer e o que foi sugerido pelos professores pesquisadores, no momento da banca de avaliação, veio reforçar a complexidade científica da problemática, bem como o compromisso social e ético com os estudos desejados. Novamente nos amparamos em Freire quando afirma que é com "as incertezas que pesquiso. Pesquiso para constatar, constatando intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade" (FREIRE, 1996, p. 32).

Diante do encontrado, ou seja, ainda para se fazer passamos a seguir o objetivo fundante da proposta de dissertação: investigar "o papel das práticas educativas, nas organizações associadas da Associação Joinvilense de Organizações Sociais – AJOS, analisadas pelo viés conceitual da Educação não Formal, cujo sujeito fundante é assumido na dimensão do cuidado e do acolhimento.

Nosso olhar esteve atento a esses espaços de convivência, bem como sobre suas dinâmicas e contextos sociais. Algumas indagações postas no caminhar da pesquisa estão sendo desveladas à luz da contradição da própria história. Observando a historiografia educacional regional constatou-se que há lacunas agudas na pesquisa acadêmica sobre Educação não Formal no Estado de Santa Catarina.

Destacamos que esta área de investigação de um lado, caracteriza-se por um campo da educação em construção; por outro lado, esta problemática está fortemente presente nos processos educativos das organizações sociais. Como educadora, temos indagado sobre tais práticas educativas nesses espaços, tentando compreender o papel do Estado e dos segmentos organizados da sociedade civil nessa construção.

Neste contexto, atendendo parte das inquietações, realizamos, inicialmente com o apoio das organizações associadas à AJOS, um levantamento documental para extrairmos informações acerca das práticas educativas propostas pelas entidades em questão. "A Escolha por uma "Arqueologia do saber sobre", ou de uma estratigrafia do estado da arte desta temática", registrando o passo a passo do processo de estudo corrobora com a premissa fundante descrita nesta narrativa que assume o registro da pesquisa como uma contribuição

social e, portanto, um bem coletivo. Neste cenário de buscas, coletas, observações, visitas, escutas e registros, ou seja, a difícil tarefa de lidar com fontes, dados, sujeitos, objetivos, foram feitas muitas perguntas e observadas sob perspectivas conceituais complexas. Todavia nossa atenção se voltou para a centralidade do objetivo da investigação em questão. Assim, por meio deste estudo que organiza dados empíricos, fontes inéditas e referências bibliográficas e como destaca Demo, sem dicotomizar quantidade e qualidade:

> Parte do processo emancipatório é tipicamente qualitativo, no sentido da qualidade política, feita de utopias e esperanças, ideologias e compromissos, influências e artes, participação e democracia. Não cabe mensurar. Nem por isso menos importante (DEMO, 1993, p. 20).

Na medida em que seguíamos com a pesquisa, caminhamos com todas as coisas da vida, tudo ao mesmo tempo. E como diz a música[11] "o tempo não pára". Por questões estruturais nosso tempo é divido entre trabalho docente, estudar e pesquisar, militância social e vida pessoal. A complexidade maior observada por nós nesta construção foi que o lugar da pesquisa em si, também era um dos lugares de nossa atuação (Presidente da AJOS /Joinville-ano 2012 e 2013). Mas como nos adverte e nos acolhe Streck (2005, p. 82):

> O segredo da pesquisa talvez esteja em penetrar este simples movimentar-se dentro dele, entre as suas fissuras e saliências. Este simples e óbvio não nos encontra na escrivaninha, protegidos entre os livros, atrás da tela do computador. O óbvio encontra-nos nas ruas, nas salas de aula, nas rodas de conversas, sempre que estejamos dispostos a um tipo de escuta em que deixamos cair nossas defesas e barreiras [...]

Nas diversas leituras realizadas, nas atividades desenvolvidas pelo Mestrado em Educação, participação em fóruns e atividades afins, assim como em grupos de pesquisa passamos a ter um aprofundamento sobre os caminhos para se construir e instituir conhecimentos e saberes, sejam eles considerados científicos ou não. Neste sentido reside a nossa reflexão; alinhavando, sobretudo, a complexidade das relações sociais em relação à educação enquanto categoria conceitual. Desse modo, a pesquisa qualitativa dá-nos a possibilidade de investigar o processo na sua totalidade e subjetividade, acreditando que os sujeitos ou grupos de sujeitos desta investigação serão participantes em ação, com sua visão de mundo e suas experiências. Freire (1996, p. 76-77) ressalta que:

> É o saber da História como possibilidade e não como determinação. O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar.

---

[11] O Tempo não Para – Música Cazuza. Disponível em : http://www.musica.com/letras.asp?letra=76553, acesso em 23 de abril de 2013.

Diante desse processo de investigação e pesquisa nossa postura é de nos colocarmos como sujeitos da história e na história. O que na concepção de Streck (2005, p. 22), [...] “A pesquisa é interação múltipla de sujeitos: Pesquisar é um ato de conhecer o que aconteceu, o que socialmente herdamos entre sujeitos, um movimento que reflete a vida e gera vida [...]” Para Tamanini (2000) o conhecimento social é um artefato e um patrimônio cultural coletivo. A memória social ou coletiva, evidenciada a partir dos registros, vestígios e fragmentos, considerados conceitualmente como bens culturais, sejam materiais ou imateriais de uma dada sociedade, constitui-se em referencial da identidade cultural e instrumento mediador entre sujeito histórico e cidadania. (TAMANINI, 2007)

Nesta perspectiva buscamos construir diálogos nos procedimentos técnicos de pesquisa que sustentam o entendimento do sujeito citado anteriormente, dispondo assim de instrumentos que nos permitiram sistematizar e organizar os saberes advindos da investigação pretendida e assim constituímos o que Minayo (2009, p. 21) conceitua de pesquisa qualitativa:

> A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não devia ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes [..] junta-se a proposta de analisar os contextos históricos, as determinações socioeconômicas dos fenômenos, as relações sociais de produção e de determinação com a compreensão das representações sociais.

Nosso movimento teórico-metodológico buscou possibilidades que nos levaram a uma investigação entre sujeitos e com sujeitos, exercitando de algum modo, o compartilhar das observações. Foi com este compromisso que trilhamos as discussões coletivas, as observações no diário de campo, a narrativa em si.

1.3 Sobre Práticas Educativas nos Espaços não Formais: Um olhar para a Educação Popular e os Movimentos Sociais

A história da educação no Brasil vem se constituindo como área de conhecimento e área de intervenção social, fruto da interferência significativa dos Movimentos Sociais em diferentes contextos políticos. Em estudo recente sobre os caminhos da Educação Popular e a importância dos Movimentos Sociais no Brasil, Reinaldo Matias Fleuri destaca que:

> A primeira vertente de educação popular é a que se identifica com a ampliação da educação escolar para todos os cidadãos. A expressão *educação popular* é usada pela primeira vez por intelectuais, militantes e educadores latino-americanos, entre fins do século passado e começo deste. Uma outra vertente significativa de educação dirigida às camadas populares é a educação de adultos. (FLEURI, 2002, p. 52-53)

A intensificação do debate sobre as pedagogias que dimensionam esta diversidade de experiências na Educação Formal e não Formal permite-nos dizer que há uma ampla diversidade de interesses e objetivos das propostas e suas práticas espalhadas e apropriadas em diferentes territórios e realidades sociais com desdobramentos temáticos complexos. Essas práticas apresentam processos interativos intencionais. Os espaços educativos estão direcionados às trajetórias de vida dos grupos e indivíduos.

Conforme reflexões já referenciadas no decorrer desta escrita, ressaltamos que a Educação Popular, Educação não Formal ou as metodologias qualitativas nasceram às margens da sociedade, nos extramuros da instituição escolar e dos espaços de legitimação oficial da educação. Já na década de 60, do século XX, experiências de organização popular e educação comunitária faziam parte de debates, fóruns e tentativas de articulação com a educação oficial formal mobilizada, sobretudo, pelos movimentos sociais.

À frente deste processo esteve o educador Paulo Freire que engenhosamente abriu caminhos para a reflexão sobre o papel do conhecimento e a responsabilidade social e política do educador e, sobretudo, do sentido emancipatório da educação pública. Protagonizou a ideia de sujeito que aprende e que ensina, deslocando o debate sobre o "poder e conhecimento" para "poder, conhecimento e autonomia social". Em um livro recém lançado intitulado: "Educação e Pedagogias Críticas a partir do Sul", Marco Raul Mejía (Colombia), estudioso das lutas sociais na América Latina, ressalta que:

> A construção de uma sociedade, que não esteja baseada nas desigualdades, na dominação de grupos específicos por razões econômicas, políticas ou culturais, e a discriminação por raça, gênero ou sexo, e reconheça o direito à diferença e a não viver sob condições de submissão e opressão política, econômica ou cultural, gerou as resistências, que se convertem nas lutas para transformar nossas sociedades a partir de compreensões racionais, opções éticas, estéticas e políticas (MEJÍA, 2012, p. 71).

Somente no final da década de oitenta, do século XX, que tais debates passam a fazer parte das estruturas oficiais do Estado. As políticas de educação, como um direito à cidadania (UNESCO/LOAS/ECA), objetivamente, estão sendo estruturadas a partir de pressão dos movimentos sociais nestas últimas décadas.

> A educação popular tem a seu favor o surgimento das novas forças do poder local democrático e também a presença nos aparatos burocráticos estatais de antigos militantes ou simpatizantes do movimento de educação popular. Mas tem, sobretudo uma nova arma teórica, que nasce da prática da organização popular, para enfrentar os novos desafios desse final de século. (GADOTTI, 1996, p. 09)

Segundo Maria da Gloria Gohn (2009), os movimentos sociais têm sido considerados, por vários analistas e consultores de organizações internacionais, como elementos e fontes de inovações e mudanças sociais. Afirma ela, ainda, que existe também um reconhecimento de que eles detêm um saber, decorrentes de suas práticas cotidianas, passíveis de serem apropriados e transformados em força produtiva. Força essa, que entendemos ser transformadora na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos próprios movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Aponta Gohn (1999), em seu livro Movimentos Sociais e Educação, que falar da existência de um processo educativo no interior de processos que se desenvolvem fora dos canais institucionais escolares implica em ter, como pressuposto básico, uma educação que não tenha no aprendizado de conteúdos a sua única forma de aprendizagem.

Dessas experiências observamos que os movimentos sociais populares consistiram em formas renovadas de educação popular. Eles não ocorreram através de um programa previamente estabelecido, mas através dos princípios que fundamentaram programas de Educação Popular. Para Gohn destaca-se, na prática dos movimentos sociais, uma série de questões e dentre elas estão:

> 1) a aquisição de um senso de reflexão sobre a realidade suscitada pela opressão e negação de direitos e manipulação de informações; 2) da aprendizagem gerada com a experiência de contato com as fontes de poder; 3) da aprendizagem das diferenças existentes na realidade social a partir da percepção das distinções nos tratamentos que os diferentes grupos sociais recebem de suas demandas; 4) da aprendizagem gerada pelo contato com as assessorias contratadas ou que apoiam o movimento; 5) da aprendizagem da desmistificação da autoridade como sinônimo de conhecimento. (GOHN, 1992, p. 50-51)

Diante disso entendemos que um fator a ser considerado é o desenvolvimento das capacidades dos indivíduos nesses grupos. A sociabilização, a partilha e a comunicação, fomentam iniciativas de liderança. Fomentando e valorizando os grupos:

> Não se trata de um processo apenas de aprendizagem individual, que resulta num processo de politização de seus participantes. Esta é uma de suas faces mais visíveis. Trata-se do desenvolvimento da consciência individual. Entretanto, o resultado mais importante é dado no plano coletivo. (GOHN, 1999, p. 52)

Contudo, consideramos instrumentos didáticos utilizados nos movimentos sociais a discussão em grupo, debates, dinâmicas de grupo, a reflexão sobre a teoria e prática e, principalmente, a partilha de experiências, que proporciona um aprendizado coletivo, construindo, assim, também, uma cidadania. Streck (2000) corrobora com esta reflexão quando se refere *à práxis* como ação coletiva:

> Aprende-se cidadania na práxis, através das marchas que homens e mulheres realizam durante a história na busca de ser mais. Há hoje muitos exemplos destas marchas: em escolas, em movimentos sociais e em organizações governamentais e não governamentais. (STRECK, 2000, p. 110)

Salientamos que nos "séculos XIX e XX tínhamos o conceito de Educação enraizada na sociedade de classe privilegiada, em que o mais importante era a aquisição de informação factual. Diante deste cenário, o conceito de Educação amplia-se" (TAMANINI e PEIXER, 2008). E nas palavras de Gohn (2011) não se limitando apenas aos espaços escolares formais, atrelados somente ao processo de ensino-aprendizagem de seus educandos. Há sobremaneira tensões postas advindas destas novas práticas sociais, mobilizadas para que "os sujeitos em sua integralidade tenham acesso e sejam preparados para a vida" (STAMM e PILLOTO, 2007).

Observamos, então, nesta primeira década do século XXI, o envolvimento de outras organizações que não a escola, apresentando experiências educativas significativas, afirmando assim modos variados de aprendizagens. Muitas delas mesclam-se com a experiência educativa formal criando uma educação integrada, possibilitando um conhecimento qualitativo da vida. É aí que nasce a valorização de saberes que transcendem o paradigma da modernidade, onde a dicotomia é construída a partir da disputa entre "o pensamento racional e o pensamento religioso separando, sobretudo o ser humano da natureza" (MEJÍA, 2012, p. 68). Desse modo, estamos refletindo novas possibilidades emancipatórias e, de modo especial, sobre o papel das práticas educativas cujo conceito fundante passa pela concepção de "cuidado com o outro", o outro em sua "potencialidade humana" acolhido enquanto sujeito de intuição, criatividade, emoção, percepção, ou seja, um sujeito com autonomia para decidir sobre a vida.

2 MOMENTO II - AS PRÁTICAS EDUCATIVAS NA ASSOCIAÇÃO JOINVILENSE DE ORGANIZAÇÕES SOCIAIS/AJOS: O REGISTRO, A CARTOGRAFIA, A ESCUTA

Para este Momento II compartilharemos aspectos da criação da AJOS, com centralidade nas instituições sociais que atuam na perspectiva das práticas educativas. Para transformar os dados e as fontes pesquisadas em conhecimento alinhavamos as informações presentes em documentos oficiais com observações de campo, trabalho de campo, escutas e, em especial, articulando tais questões a nossa vivência cotidiana com as dimensões da Educação não Formal, conforme já relatado no Momento I. Destacamos aqui a responsabilidade de quem pesquisa à luz das reflexões de Freire (2011, p. 22):

> O compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, de cujas "águas" os homens verdadeiramente comprometidos ficam "molhados", ensopados. Somente assim, o compromisso é verdadeiro.

Não é nossa intenção, neste estudo, discutirmos a que ponto as instituições associadas e as pessoas envolvidas no trabalho da AJOS são comprometidas ou não sob a perspectiva filosófica emancipatória Freiriana. Mas, sim, desenharmos uma cartografia capaz de documentar historicamente os aspectos de constituição da AJOS e posicionar o conceito de sujeito fundante na dimensão da formação educativa do cuidado e acolhimento.

2.1 Um pouco de História[12]

Fundada em 12 de Agosto de 1987 como pessoa jurídica de direito privado, a AJOS tem como objetivo em seu "estatuto[13] contribuir para o desenvolvimento social do município

[12] Contribui para composição deste texto o Trabalho desenvolvido pela acadêmica Josiane Andresa Fagundes Rojahn na disciplina de Projeto Experimental Estágio, no 8º período do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Relações Públicas do Centro de Ciências Sociais Aplicadas: Comunicação, Turismo e Lazer, na Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI. Sob a orientação da Profª. M.Sc. Sônia Regina de Oliveira Santos Luna.

[13] Novo Estatuto Social da Associação Joinvilense de Organizações Sociais – AJOS –Capítulo I, Art. 2º, § 2º e 4º: Da denominação, sede, prazo e objetivo social. Registro em 29 de dezembro de 2009. Fonte: Arquivo da AJOS – Pesquisadora.

de Joinville e região, articulando-se com os setores público e privado, por meio da oferta do serviço de assessoramento nas áreas de assistência social, captação de recursos, elaboração de projetos e comunicação institucional". Tem como desejo ser "referência na área de assessoramento às instituições do terceiro setor, realizando serviços de qualidade". E ainda, "ser uma associação sem fins lucrativos e com objetivos sociais, cívicos, culturais, educacionais, promocionais e beneficentes". Uma de suas principais atividades é o assessoramento de organizações sociais que prestam atendimentos a famílias nas áreas da criança e adolescente, idoso, pessoa portadora de deficiência, saúde, serviços comunitários, cultura e lazer.

Ao coletar os dados e analisando os documentos observamos que a AJOS possui, em sua estrutura, 44 instituições associadas que prestam atendimento a diferentes públicos e setores da região. Com o objetivo também de constituir fontes para a historiografia da educação, haja vista a ausência de pesquisa com esta temática, consideramos pertinente registrar a elaboração das cartografias, representadas por meio de quadros demonstrativos. Abaixo segue a síntese da organização:

Quadro nº 01 - Instituições Sociais associadas a AJOS – 09/02/2012.
Fonte: Associação Joinvilense de Organizações Sociais – AJOS – Pesquisadora.

	INSTITUIÇÃO	**SERVIÇO PRESTADO**	**CONTATO**
01	Ação Social de Joinville – A.S.J. asjlle@gmail.com chiketona@yahoo.com.br (Neusa)	Atendimento para doação remédios com cadastro e receita médica.	Av. Procópio Gomes, 219 – Centro. Tel. 3422-6204 9974-4765(Iracema)/8811-1533(Neusa)
02	Albergue de Integração Social "Um Novo Dia" adriville0703@hotmail.com andrisouzza@hotmail.com ceifeirosdecristo2008@hotmail.com	Comunidade terapêutica, palestras, oficinas, atendimento odontológico.	Rua Dílson Funaro, 55 – Parque Juquiá – Ademar Garcia. Tel. 3466-6912/3454-8644 9938-7213(Adriana)/9995-2064(Andrízia) 9138-7513(José Bispo)
03	Assistência Social – Maná do Céu asmaceu@hotmail.com	Atendimento a famílias – doações.	Rua Guanabara, 3060 - Fátima. Tel. 3429-4255 9945-5137(Adolar)/3466-4205/9141-6960(Adriel)
04	Associação Água da Vida gilsonsoares@ricsc.com.br jo@midiaclean.com	Abrigo para crianças e adolescentes em situação de risco.	Rua Padre Roma, 339 - Jarivatuba. Tel. 3436-2999/9119-7097 (Jocilene) 9101-5920 (Gilson)/8425-5277 (Jamil)
05	Associação Beneficente Bakhita jardimbakhita@gmail.com manadores@gmail.com msattes@hotmail.com	Educação Infantil de 2 a 6 anos.	Rua Helmuth Falgatter, 1925 - Boa Vista - Caixa postal 1952. Tel. 3432-0704 9946-8491(Mª das Dores)
06	Associação Casa do Adalto – Apoio às Crianças e Adolescentes com Neoplasia adaltochagas@casadoadalto.org.br	Apoio para realização de trabalho médico, acompanhamento psicólogo, oficinas, bazar.	Rua Austergilio de Meneses, 61 - Boa Vista. Tel. 3438-1629 9114-2217(Noeli)/9195-0477(Priscila) 9138-0523(Claudia)

07	Associação das Damas de Caridade da Catedral daniela-nobrega@hotmail.com	Atendimento a famílias e doações.	Av. Juscelino Kubitschek, anexo a catedral - Centro. End. Corresp.: Rua Aubé, 1350 - Boa Vista. Tel. 3433-3459(Sec. Catedral) 3422-0617/9994-3260(Mª Icelda) 3422-4487(Odilza)
08	Associação de Amigos do Autista – AMA amajlle@hotmail.com amajlle@gmail.com	Palestras sobre uso de medicação, comportamento, avaliação ortopédica, fisioterápica, neurológica, psiquiátrica.	Rua José Gerard, 185 - Bom Retiro. Tel. 3425-5649 9947-4332(João)/8827-9040(Rita)
09	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Joinville – APAE apaejve@terra.com.br	Serviços e oficinas pedagógicas, psicoterapia, fonoaudiologia, psicologia, terapia ocupacional, serviço social, médico.	Rua José Elias Giuliari, 111 - Boa Vista. Tel. 3431-7400 3026-7957/9933-3545(Vera) 3431-7402/9971-3848(Heloisa) 3431-7404/8444-4780(Diego) 3441-7406(Ildete)
10	Associação dos Deficientes Educáveis e Síndrome de Down – ADESD adesd.joinville@yahoo.com.br mariaavanzi@yahoo.com.br	Atendimento fonoaudiologia, terapia ocupacional, apoio pedagógico, dentista.	Rua Mário Lobo, 106 - sl. 142 - Centro. Tel. 3423-2102/3437 9908 3437-5932/8808 2548(Sonia)
11	Associação dos Deficientes Físicos de Joinville – ADEJ adejfinanceiro@yahoo.com.br nilsa_md@hotmail.com adejentidade@hotmail.com	Fisioterapia, terapia ocupacional, atividade física, mercado de trabalho.	Rua José Elias Giuliari, 95 - Boa Vista. Tel. 3433-6355/3801-4308/8853-6245/3026-6130(Carlos) 3425-0174 /8836-8601(Nilsa) 9651-8440(Pamplona)
12	Associação dos Moradores e Amigos do Bairro Itinga -CEI Vovó Juliana – AMORABI amorabi@amorabi.org.br secretaria.amorabi@terra.com.br	Assistência a moradores e CEI.	Rua dos Esportistas, 510 - Itinga. Tel. 3465-2075 3465-0166(Sérgio)/8411-4783(Suzana)/ 8479-6390(Denise)
13	Associação Essência de Vida roseli@cncontabilidade.com.br essencia@essenciadevida.org.br neivawestrupp@hotmail.com	Tratamento regime de internação para usuário de substância psicoativa.	Av. Getúlio Vargas, 500 - sl.8 - Galeria Oscar. Tel. 3423-3357 3423-3327/9964-0037(Roseli) 3801-1548/9961-6723(Neiva)
14	Associação Joinvilense dos Ostomizados asso.ostomizados.jlle@hotmail.com	Atendimento ao ostomizado, cuidados, orientação, palestras.	Rua Monsenhor Gercino, 474 - Floresta. 3429-7752/8407-1515(Nestel/Tere) 3463-5407/8404-9582(Ednelson) 3437-1835(Albertino)/9152-0600(Alessandro)
15	Associação Joinvilense para Integração dos Deficientes Visuais – AJIDEVI ajidevi@ajidevi.org.br social@ajidevi.org.br socialfamilia@ajidevi.org.br	Alfabetização Braille, Oficinas, Informática, Atividades da Vida Pessoal, Atividades da Vida Diária, Terapia Ocupacional.	Rua Jornalista Hilário Muller, 276 - Floresta. Tel. 3436-3126/3454-8542 9941-0308(Onízia)/9915-7157(Carla) 8829-3827(Jane)/9974-0953(Floriano) 3426-7014(Cida)
16	Associação para Integração Social de Crianças e Adolescente Especiais – APISCAE apiscae@bol.com.br lenitadevillar@hotmail.com	Atendimento ao adolescente e jovem com necessidades educativas especiais.	Rua Desembargador Nelson Nunes Guimarães, 529 – Atiradores. 3422-9525(Dante) 3029-3375(Sandra) 9602-2522(Lenita)
17	Associação Santa Luiza de Marilac adgaspar@terra.com.br aureliasilvy@gmail.com aureliasilvy@pop.com.br	Atendimento ao idoso, doação de cesta básica e medicamentos.	Rua Diringshoffen, 745/401 – Anita Garibaldi. 3801-0544/9932-8819(Adê) 3433-7526/9603-3948(Aurélia) 3436-1083(Ângela)/9984-8308(Sonia K.)
18	Banco de Olhos de Joinville bolhosjoinville@ig.com.br boj.voluntarias@hotmail.com	Captação de córnea para transplante	Avenida Getúlio Vargas, 238 – Centro. Tel. 3433-3431 3422-4210/9166-3653(Clarice)

	linhahs@hotmail.com		3455-0646/9984-9313(Leila)
19	Casa da Amizade das Famílias de Rotarianos de Joinville joinville@casadaamizade.com.br	Atendimento a gestantes, palestras, cursos de culinária.	Rua XV de Novembro, 1529 – Gloria. Tel. 3422-6325 3026-2998/9605-6561(Fátima) 3453-1368/9609-2220(Ana Nery) 9964-0723 Sigrid/9984-4852(Deneusa)
20	Casa da Mãe Sônia mtzlima@hotmail.com massmaria_8@hotmail.com casadamaesonia@hotmail.com tui_gestao2010@hotmail.com almirzanella@terra.com.br	Doação de cesta básica, agasalho, curso de gestante.	Rua Petrolândia, s/n, Loteamento São Benedito. 8809-5838(Ismael) 3435-3613/8452-3450(Almir) 3801-3897/9964-4937(Maria) 3457-0534/3434-0034(Marlene)
21	Centro de Apoio e Atividades Maternidade Darcy Vargas – CAPA marlenemdv@yahoo.com.br betisilver@yahoo.com.br	Doação de enxovais, fraldas, absorventes, kit de higiene pessoal, confecção pijamas, apresentação coral.	Rua Miguel Couto, 44 – Anita Garibaldi. Tel.3461-5813/3461-5766 3461-5766(Fax) 3461-5718/9913-1172(Marlene) 3461-5747(Direção)
22	Centro de Educação Infantil Cantinho Feliz ceifeliz@ig.com.br	Atendimento a crianças de 1 ½ a 2 anos	Rua Francisco Alves, 174 – Floresta. Tel. 3436 9714 9912-2625(Elania)/9129-9893(Dego) 9601-4017(Patrícia)
23	Centro de Educação Infantil Recanto dos Querubins ceiquerubins@yahoo.com.br querubins.social@yahoo.com.br	Atendimento a crianças de 1 a 6 anos	Rua Deputado Paulo Stuart Writh, 40 – Jardim Sofia. Tel. 3473-0750. Rua Apus, 1029 – Jardim Paraíso.Tel.3467-4037 3473-5972/9924-9362(Patrícia)
24	Centro de Estudos e Orientação da Família – CENEF cenef25anos@gmail.com cenef.coord@gmail.com	Atendimento psicossocioeducativo a família.	Rua Urussanga, 444, esq. com Plácido de Oliveira. Tel. 3422-7033/3423-3270 3422-9923(Roni)/9608-7317(Dr. Mario) 9971-2396(Mª Inês)/8822-7370(Orli)
25	Centro Educacional e "Creche Conde Modesto Leal" creche.leal@ig.com.br	Atendimento Berçário ao Ensino Fundamental; Educação Complementar; Cursos Profissionalizantes Marcenaria e Inclusão Digital.	Rua São Paulo, 1000 – Bucarein. Tel. 3455-3457/3455-3132 3422-8053/9984-6766(Mirian P) 9961-9493(Noemi)/9961-9929(Lílian)
26	Centro Educacional Infantil Criança Feliz valdella@ig.com.br cei_crianca_feliz@hotmail.com	Atendimento a crianças de 2 a 7 anos.	Rua Ataulfo Alves, 1177 – Comasa. Tel. 3434-2665 3032-1001/9163-7043(Veríssimo) 3434-0955/9987-5081(Grasiele)
27	Centro Integrado João de Paula diretoria@joaodepaula.org.br secretaria@joaodepaula.org.br www.joaodepaula.org.br	Atendimento a adolescentes, jovens e família, curso informática, inglês.	Rua XV de Novembro, 3165 – Glória. Tel. 3453-0588 8474-8039(Otoniel)
28	Circulo Operário de Joinville circulo.secretaria@terra.com.br	Cursos profissionalizantes: cabeleireiro, corte e costura, informática, manicure, pintura em tecido.	Rua Inácio Bastos, 241 – Bucarein. Tel. 3455-1491/3426-0470 9974-9627(Zélia)/9928-8651(Júlia) 9158-9550(Vania)
29	Complexo Assistencial Lar Espírita Maria de Nazareth larlar@ilhanet.com.br artur.marianoneri@gmail.com presidente@ajos.org.br	Atendimento médico, odontológico, doações, creche de 2 a 6 anos, abrigo crianças.	Rua Adolfo Bezerra Menezes, 444 – Porto Grande – Araquari/SC 3452-2108(Valmir) 3027-2456/9951-2781(Artur) 3439-6688(Abrigo-Valdete)
30	Comunidade Evangélica de Joinville aline.cej@gmail.com Jeane.cej@hotmail.com	Realização de serviços nas paróquias: palestras, doações, encaminhamento, visitas.	Rua Princesa Isabel, 508 – Centro. Rua Tijucas, 135/31 – Centro. Tel. 3903-1800/3903-1804 3436-5069/9107-1743(Mayke) 9131-6480(Edson)/9609-0587(Adair) 8432-0651(Valdir)/9951-9590(Aline)

31	Grupo de Apoio à Vida – GAVI gavi.joi@gmail.com	Atendimento a pessoa vivendo com HIV/AIDS e família, doações, palestras, encaminhamento.	Rua Aluísio Pires Condeixa, 2700 – Saguaçu. Tel. 3027-7458 9918-8411(Pastor Carlos) 9186-7511(Mario)
32	Grupo de Voluntárias do Hospital Municipal São José magdalu.souza@gmail.com vpbsol@yahoo.com.br	Visitas aos pacientes, doações.	Avenida Getúlio Vargas, 238 – Centro. 3441-6665(Hospital) 3426-4341/9931-0924(Rose) 3425-3928/9911-3147(Magda)
33	Instituto de Reabilitação do Potencial Humano – IRPH potencial.humano@ig.com.br	Serviço de terapia ocupacional, pedagogia, fonoaudiologia, fisioterapia, serviço social, oficinas.	Rua Tupy, 2315 – São Marcos. Tel. 3454-0514 3454-0511(Res. Ana)/9914-4761(Valdete) 3429-7252/9165-7100(Marilse)
34	Instituto Pedagógico de Reabilitação e Inclusão – ISPERE ispere@bol.com.br	Reabilitação, educação especial, fonoaudiologia, fisioterapia, serviço social.	Rua 7 de setembro, 35 – Centro. Tel. 3025-5638/3026-5638 3422-1990(Fax) 9138-1852(Ivete)
35	Legião da Boa Vontade – LBV diomaraa@lbv.org.br bonifacioa@lbv.org.br aavila@lbv.org.br	Atendimento para crianças de 6 a 11 anos, plantão social, doações, palestras.	Rua Haiti, 291- Bairro Itaum – Esq. Rua Anitápolis. Tel. 3465-1082 3454-2111/8813-8770(Diomara) 9976-0822(Gisele)
36	Mutirão do Amor – Sociedade Beneficente merypaul@terra.com.br	Confecção para enxoval - doações a maternidade.	Rua Otto Boehm, 1.111 apto 601 – Atiradores. Tel. 3804-1675 9984-8219(Mery) 3425-1251/9961-4182(Rosita)
37	Rede Feminina de Combate ao Câncer de Joinville contato@redefemininajlle.com.br	Atendimento médico, Ambulatório, psicológico, palestras, benefícios, bazar.	Rua Borba Gato, 26 – Atiradores. Tel. 3026-6506/3025-6512 3026-6512(Lucia) 3026-6502/9623-7354(Riele) 3422-5795/9175-3424(Donalda)
38	Serviço de Ação Social de Integração Educação e Qualidade – SASIEQ sasieq.valedaluz@ig.com.br jiovanni.go@hotmail.com	Atendimento Psicoló-gico e Terapêutico ao usuário de substância psicoativa. Grupo de Terceira Idade.	Rua Paraná, 419 - Anita Garibaldi. Tel. 3433-0027 3436-3970/3436-3970/9972-1496(Arlete)
39	Sociedade de Assistência Social e Educacional "Deus Proverá" – SASEDEP simonifeliz@hotmail.com sasedep@sasedep.org.br	Curso: informática, costura, bordado, plano de benefício familiar, casamento social.	Rua Coronel Procópio Gomes, 1080 – Bucarein. 3433-4374/9645-9812(Simone) 3028-7016/9995-2107(Andréia) 8467-1142(Rute)
40	Sociedade de Promoção Social do Fissurado Lábio-Palatal e Defic. Auditivo de Jlle – PROFIS profisjlle@terra.com.br cassiana22@yahoo.com.br	Apoio ao tratamento médico. Benefícios, realização de eventos em datas comemora-tivas.	Rua Borba Gato, 685 – Atiradores. Tel. 3433-3145 8425-8448(Josué)/9162-7283(Deise)
41	Sociedade Espírita de Joinville – SEJ wilmarmanske@gmail.com cida.scorrea@gmail.com	Atendimento a famí-lias, Benefícios: Cesta Básica, Vestuário. Cursos de Informática e Tapeçaria. Coral Infanto-Juvenil.	Rua Paraná, 77 – Anita Garibaldi. 3422-4966/9961-0154(Olenyr) 3801-4748/9984-7020(Wilmar) 3426-7014/9957-5665(Cida)
42	Sociedade Espírita Luz do Oriente – SELO inge@objetiva.srv.br inge.azevedo@terra.com.br	Benefícios, trabalhos manuais.	Rua Gen. Div. Euclides P. Bueno – 379 – Lot. Lino Rech II – Paranaguamirim. Tel. 3427-0030 3027-5139/9989-1416(Inge) 3422-3155/9119-3515(Ladir)

43	Sociedade Eunice Weaver Não tem email	Atendimento ao doente canceriano, benefícios.	Rua Itajaí, 51 – ant. Sec. Saúde – Centro. 3433-6863(Carmem) 3422-2584(Vera) 3422-2935(Anete)
44	Sociedade Pavilhão da Caridade / Centro Educacional Inf. Maria Ofélia Guimarães ceimariaofelia@yahoo.com.br larmariaofelia@yahoo.com.br	Atendimento a crianças de 1 a 6 anos, palestras e benefícios.	Rua Marabá, 293 – Floresta (CEI) 3436-3306/3426-8303/9947-2233(Evelise) 8821-7968(Marilza) 3436-0139/9932-7593 (Maria)

A ideia de fundar uma associação surgiu durante encontros realizados por dirigentes de instituições constituídas juridicamente em Joinville. Verificamos que o grupo de pessoas que se organizou para constituir a AJOS sentia a necessidade de buscar meios para influenciar a política pública de assistencia social do município e também como forma de buscar melhores resultados no setor socioassistencia1. Realidade esta que, segundo Gohn, tem gerado inúmeras posibilidades no campo das reflexões acerca do papel do estado e da sociedade:

> Observa-se que inúmeras inovações no campo democrático advêm das práticas geradas pela sociedade civil que alteram a relação estado-sociedade ao longo do tempo e constroem novas formas políticas de agir, especialmente na esfera pública não estatal. (GOHN[14])

A iniciativa partiu de Marli Nutti (Assistente Social) e Lili Freitag (esposa do então prefeito Wittich Freitag), ambas se deslocaram até São Bernardo do Campo, em São Paulo, para conhecer o trabalho de uma organização de caráter social que agregava várias organizações sem fins lucrativos e realizava o serviços para entidades do terceiro setor.

No retorno da visita chegaram munidas de informações e realizaram a primeira reunião[15] com objetivo de iniciar os trabalhos para concluir a ideia da associação.

A partir deste primeiro encontro criou-se uma comissão para a implantação da futura instituição. As instituições juridicamente organizadas e em funcionamento foram convidadas a debaterem e aprovarem o primeiro estatuto da instituição representativa, criando-se a então a Associação Joinvilense de Obras Sociais-AJOS e sua primeira diretoria[16], em 1987, hoje Associação Joinvilense de Organizações Sociais.

---

[14] GOHN, Maria da Glória - artigo: Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362006000100003> Acesso em: 02 fev. 2013.

[15] Participaram desta primeiro reunião: Marli Nutti, representante de Dario Salles, secretário do desenvolvimento social na época, Píer Marchezine presidente da Ação Social, Roberto Miranda representante do Centro Educacional e Creche Conde Modesto Leal, Adelor Vieira representante da Sociedade de Assistência Social e Educacional Deus Proverá – SASEDEP, Ladir Eberhardet Franco representante da Rede Feminina de Combate ao Câncer de Joinville e Maria Helena Wegner representando a Casa da Amizade das Famílias Rotarianas de Joinville. Disponível em: <http://www.ajos.org.br/institucional/historico> Acesso em: 15 dez. 2012.

[16] Os membros da primeira diretoria, conforme ata de constiuição da AJOS foram: Píer Marchezine (presidente), Roberto Miranda (vice-presidente), Adelor Vieira (1º secretário), Maria Helena Wegner (2ª secretária), Ladir

Nos primeiros anos de atividades a AJOS trabalhou na divulgação dos seus objetivos para se tornar conhecida pela comunidade. Fez um trabalho efetivo de divulgação junto ao poder público e à iniciativa privada, assim como ampliou a filiação das demais organizações que atuavam na área social da cidade. Até 1989 a AJOS realizou ações intensas de capacitação dos dirigentes, associados e voluntários das organizações, conforme a legislação interna vigente.

A partir de 1990 a AJOS começou atuar fortemente no setor da assistência social. Um exemplo importante foi a participação das associadas na discussão da Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS) que traz o reconhecimento da assistência social como direito a qualquer cidadão brasileiro aos benefícios, serviços, programas e projetos socioassistenciais, que foi aprovada sob número 8.742, de 7 de dezembro de 1993, e determina em seu capítulo primeiro, art. 1º.

> Art. 1º A assistência social, direito do cidadão e dever do Estado, é Política de Seguridade Social não contributiva, que provê os mínimos sociais, realizada através de um conjunto integrado de ações de iniciativa pública e da sociedade, para garantir o atendimento às necessidades básicas.[17]

A participação da discussão da LOAS foi conduzida pelas assistentes sociais da antiga Legião Brasileira de Assistência (LBA), primeira instituição de assistência social de Joinville, conforme dados pesquisados.

> O tema dos direitos é fundamental porque ele dá universalidade às questões sociais, aos problemas econômicos e às políticas públicas, atribuindo- lhes caráter emancipatório. É a partir dos direitos que fazemos o resgate da cultura de um povo e de uma nação, especialmente em tempos neoliberais que destroem ou massificam as culturas locais, regionais ou nacionais.[18]

A AJOS também desenvolveu capacitações que orientaram as instituições do terceiro setor (ONG's) quanto às alterações estatutárias em relação aos procedimentos necessários para preparar as entidades para estarem aptas a receberem subvenções, doações e assinarem convênios com entes públicos, já que os recursos passaram a ser municipalizados.

As instituições também passaram pelo recadastramento no Conselho Nacional do Serviço Social (CNSS), criado em 1938, sendo a primeira grande regulação da assistência social no País, mais tarde substituído pelo Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS).

Eberhardt Franco (1ª tesoureira) e Zilah Marchesine (2ª tesoureira). A posse aconteceu em 18 de novembro de 1987. Disponível em: <http://www.ajos.org.br/institucional/historico> Acesso em: 15 dez. 2012.

[17] Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8742.htm> Acesso em: 03 fev.2013.

[18] GOHN, Maria da Glória - artigo: Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-4036200600 0100003> Acesso em: 02 fev. 2013.

O CNAS foi instituído pela Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), Lei n.º 8742, de 7 de dezembro de 1993, como órgão superior de deliberação colegiada, vinculado à estrutura do órgão da Administração Pública Federal responsável pela coordenação da Política Nacional de Assistência Social[19]. Segundo o Ministério de Assistencia Social o CNAS tem como principal função:

> [...] aprovar a Política Nacional de Assistência Social; normatizar as ações e regular a prestação de serviços de natureza pública e privada no campo da assistência social [...] apreciar e aprovar a proposta orçamentária da Assistência Social a ser encaminhada pelo órgão da Administração Pública Federal responsável pela coordenação da Política Nacional de Assistência Social [...][20]

Paralelamente a todas essas ações foi elaborado o Plano de Ação Social, um levantamento[21] de dados institucionais e sociais de cada entidade.

Este Plano foi entregue ao prefeito Luiz Gomes, em 1992, e tinha como finalidade inserir a AJOS no orçamento municipal para a realização de parcerias, visto que o poder público a partir de sua estrutura não contemplava as necessidades sociais do Município. O ano de 1993 foi marcado pela discussão regida pela diretoria da AJOS, cujo tema em debate era a manutenção das associadas como forma de fazer com que as instituições não interrompessem os serviços prestados à população com carência social. Para se manterem, as entidades filiadas à AJOS realizavam diversas ações como cafés, feijoadas, jantares, brechós, entre outras atividades que contribuíam na busca por recursos.

O que pode se destacar é que passados vinte anos a situação não é muito diferenciada, a AJOS e suas associadas ainda enfrentam grandes dificuldades financeiras para sua manutenção. Em grande parte, os editais públicos ou privados para projetos não contemplam manutenção; somente, construção, reforma e aquisição de equipamentos. O que presenciamos neste processo, é ainda a falta de Políticas Públicas, bem como a omissão do Estado e sua ausência no cumprimento de suas obrigações básicas na garantia dos direitos dos cidadãos.

Inquietos com a situação e decididos a contribuir cada vez mais, o grupo passou a estudar e buscar uma solução mais ampla, algo que contemplasse todas as suas entidades na questão financeira. Então, durante uma audiência com o Prefeito Wittich Freitag (1993), surgiu o grande desafio: criar um evento para ajudar na questão financeira da AJOS e suas

---

[19] Disponível em: <http://www.mds.gov.br/cnas/sobre-o-cnas/quem-somos-e-como-funcionamos> Acesso em: 04 fev. 2013.

[20] Disponível em: <http://www.mds.gov.br/cnas/sobre-o-cnas/quem-somos-e-como-funcionamos> Acesso em: 04 fev. 2013.

[21] Este levantamento foi elaborado gratuitamente por Ruy Arcego e coordenado por Carmen Meyer Miranda, secretária da AJOS, e por Ana Lucia Palhares, Assistente Social. Fonte: AJOS.

associadas tendo o município como parceiro. Após muitos debates formou-se uma comissão de voluntários[22] que inicialmente realizou visitas técnicas a municipios como: Blumenau, Florianópolis[23], dentre outros. O objetivo era conhecer experiências com eventos voltados à filantropia e à assistência social. Após esses contatos, no ano de 1994, foi realizada a 1ª Festa da Solidariedade em Joinville.

Na sua primeira edição contou com a participação de 24 instituições e a atuação de 860 voluntários, tendo um público visitante estimado em 35 mil pessoas. As atrações culturais, comerciais e gastronômicas são cuidadosamente definidas para agradar as mais variadas idades e preferências e a entrada é gratuita.

A Festa da Solidariedade representa uma significativa captação de recursos para as entidades associadas à AJOS, que juntas, em média, realizam 60 mil atendimentos/mês. Atividades e serviços socioassistenciais na área da saúde, educação, cultura e serviços comunitários e nas modalidades de criança, adolescente, idoso e pessoa com deficiência. Este evento passou a fazer parte do calendário municipal e a AJOS é responsável por sua organização. Este ano em junho a festa terá a sua 20ª edição.

2.2 Sobre a AJOS e a Profissionalização – Complexidade e Desafios.

Adequar-se ao processo de institucionalização e sistematização acarreta para as organizações do Terceiro Setor[24] o reconhecimento de suas potencialidades e também suas fragilidades. Até o ano de 1995 a AJOS não possuia uma sede fixa, sendo essa itinerante, ou seja, conforme a presidência a instituição adaptava o local da sede para o mesmo local da instituição do presidente que estava atuando no momento. Dada a grande demanda de trabalho

---

[22] Roberto Miranda e Carmen Miranda, representantes do centro Educacional e Creche Conde Modesto Leal, Roberto Stelter e Ivete Stelter, representantes do Instituto Pedagógico de Reabilitação e Inclusão - ISPERE e Lena Droshalgen, representante da Ação Social de Joinville – ASJ.

[23] Florianópólis realiza a Feira da Esperança organizada pela Associação de Pais e Amigos dos Exepcionais – APAE.

[24] GOHN (2011, p. 76) O Terceiro Setor brasileiro é composto por inúmeras associações e entidades com perfis variados. Essas associações e entidades sobrevivem graças ao apoio financeiro e institucional que recebem de empresas, nacionais e internacionais, fundações também empresariais, bancos e outras entidades da sociedade civil. Este conjunto de entidades patrocina inúmeros projetos sociais, projetos formulados com premissas associativistas destinados a clientelas carentes, num universo multifacetado das experiências associativas, inscrevendo suas atuações no universo das políticas de responsabilidade social.

foi necessário constituir uma sede. Na gestão de 1996 a AJOS é instalada em duas salas cedidas pelo Shopping Cidade das Flores, não cobrando aluguel (apenas as taxas de condomínio são pagas pela AJOS).

O mesmo movimento se deu com a necessidade de profissionalização. A primeira funcionária no cargo de assistente administrativo iniciou suas atividades no ano de l996, e a primeira Assistente Social foi contratada em maio de 1999. Entre os anos de 2000 a 2004 iniciou-se um processo de mudança que visava capacitar as instituições associadas. Se por um lado estas ações produziram um movimento que levou algumas instituições a se desfiliarem, por outro lado houve a inclusão de outras que avaliaram as inicitivas como um caminho para a profissionalização deste setor. Nesta linha de atuação a AJOS incorporou em seu plano de trabalho o projeto de consultoria e planejamento para o Terceiro Setor com treinamento e oficinas na elaboração de projetos e captação de recursos, bem como orientação para elaboração do planejamento estratégico. Realizou cursos e palestras nas áreas de assistência social e Terceiro Setor, trabalhando temas como: a importância dos Conselhos na gestão das políticas públicas, fontes de recursos através das leis de incentivos fiscais e gestão de pessoas para o Terceiro Setor. Também apoiou a organização da VIII Conferência Municipal da Assistência Social e a mobilização de instituições não-governamentais e de usuários da política para esse mesmo evento.

A partir de 2009, as entidades consideradas sem fins lucrativos tiveram que adequar as suas propostas para atender as exigências da Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS[25], conforme determina o DECRETO nº 7.237, de 20 de julho de 2010, que regulamenta a Lei nº 12.101, de 27 de novembro de 2009, que dispõe sobre o processo de certificação das entidades beneficentes de assistência social para obtenção da isenção das contribuições para a seguridade social.

> Art. 1º. A certificação das entidades beneficentes de assistência social será concedida às pessoas jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos, reconhecidas como entidades beneficentes de assistência social com a finalidade de prestação de serviços nas áreas de assistência social, saúde ou educação e que atendam ao disposto na Lei nº 12.101, de 27 de novembro de 2009, e neste Decreto.[26]

---

[25] LOAS – Lei Orgânica de Assistência Social, de nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993, dispõe sobre a organização da assistência social. É o instrumento legal que regulamenta os pressupostos constitucionais, ou seja, aquilo que está escrito na Constituição Federal, nos seus Artigos 203 e 204, que definem e garantem os direitos à assistência social. Disponível em: <http://www.mds.gov.br> Acesso em: 14 ago. 2011.

[26] Livre acesso pelo portal do Ministério do Desenvolvimento Social. Disponível em: < http://portal.mds.gov.br> Acesso em: 14 ago. 2011.

Com as novas exigências de adequação da legislação a AJOS passou por uma readequação dos seus serviços, ampliando seu público de interesse para instituições, trabalhadores sociais e usuários da política da assistência social.

> Art. 2º. Para obter a certificação as entidades deverão obedecer ao princípio da universalidade do atendimento, sendo vedado dirigir suas atividades exclusivamente a seus associados ou à categoria profissional, e às demais exigências da Lei no 12.101, de 2009, e deste Decreto.[27]

Completando mais de duas décadas de atuação a AJOS tem trabalhado para ser uma organização de referência em seus serviços prestados. A profissionalização das instituições associadas e entidades afins tem garantindo a elas a validade técnica na condução dos seus trabalhos, obtendo o respeito e a valorização por parte dos demais setores. Essa atuação profissional[28] lhes confere credibilidade nos seus projetos, sendo mais uma porta de entrada para o apoio desses setores no desenvolvimento de projetos sociais.

A profissionalização da gestão organizacional no Terceiro Setor para melhores estratégias visando à otimização dos recursos na obtenção de melhores resultados, sustentabilidade e continuidade, respeitando os valores e objetivos sociais é um grande desafio. As organizações sociais que fazem parte do Terceiro Setor prestam serviços na área social fundamentadas em valores como solidariedade e promoção da assistência social, a profissionalização se apresenta como uma alternativa para atender tais demandas.

O assessoramento na área de assistência social ocorre por meio da análise de ações, serviços, programas, projetos e benefícios, no sentido de se adequarem à Política Nacional de Assistência Social (PNAS), esta é uma política que tem por objetivo intervir nas questões sociais, visando garantir o acesso e a universalização dos direitos sociais. O público dessa política são cidadãos em situação de risco ou vulnerabilidade social.

---

[27] Idem.

[28] A AJOS reúne a Assembléia Geral, ordinariamente, duas vezes ao ano, para prestação de contas e relatório de atividades. A Assembléia é constituída por um representante de cada associada e a Diretoria e tem como competência: eleger e empossar cargos de Diretoria, Conselho Fiscal e Conselho de Ética; aprovar ou rejeitar os projetos de regulamentos e normas administrativas; aprovar reformas estatutárias da AJOS; entre outras. A Diretoria tem mandato de dois anos, é o órgão executivo, composta por Presidente, Vice-Presidente, 1º Secretário, 2º Secretário, 1º Tesoureiro e 2º Tesoureiro. Outra equipe imprescindível para bom andamento dos trabalhos da AJOS é o Conselho Fiscal que é responsável por fiscalizar a administração contábil-financeira da instituição. O Conselho de Ética também tem função importante de cuidar para que as decisões tomadas referentes à AJOS e suas associadas estejam em conformidade com o estatuto e o regulamento interno.O departamento técnico da AJOS conta com uma Assistente Social responsável pelo departamento de assistência social dando suporte para as organizações associadas. A elaboração de projetos e captação de recursos é de competência da área de Administração. A comunicação institucional é de responsabilidade da Comunicação Social e Relações Públicas e, por fim, o setor administrativo/financeiro. Fonte: AJOS.

E a tipificação dos serviços socioassistenciais é destinada ao público da assistência social, serviços ofertados gratuitamente e realizados de forma continuada, permanente e planejada. A AJOS realiza estas ações por meio de capacitações, palestras e seminários, direcionados aos dirigentes de instituições, usuários e trabalhadores sociais.

O assessoramento na área de comunicação institucional é realizado por meio de esclarecimentos e projetos relacionados à imagem da instituição, divulgação de eventos das associadas, comunicação interna e externa. Esta área também é responsável pela divulgação das ações da associação e atualizações das redes sociais e manutenção do site da AJOS.

Vale destacar que um dos mais importantes serviços prestados pela AJOS está no Departamento de Serviço de Assessoramento em Elaboração de Projetos e Captação de Recursos. Observamos que há uma demanda significativa por parte das associadas, em função das dificuldades técnicas encontradas na elaboração de projetos. A AJOS disponibiliza esta assessoria, oferecendo condições para que as organizações executem com êxito seus projetos.

O Departamento Administrativo/financeiro tem sob sua responsabilidade recepcionar e encaminhar os usuários conforme necessidade; enviar, receber e distribuir correspondências; executar arquivamento de documentos; agendamento de reuniões; e ainda é responsável por pagamentos e recebimentos.

Neste ir e vir das informações, fontes e referências, ou seja, o movimentar-se da pesquisa, pode-se analisar que o processo de profissionalização inclui a participação de novos sujeitos e ainda o estabelecimento de novas relações, todavia é imprescindível que sejam respeitadas as especificidades de cada instituição associada. O desafio está em compreender a profissionalização como uma atribuição técnica, que se dará a longo prazo e é para além das experiências e complexidade uma conquista social.

2.3 Sobre a AJOS e a Cartografia das Práticas Educativas

Destacamos neste processo de pesquisa que foram muitas as buscas por indícios, registros e dados que pudessem auxiliar em nossas inferências e análises. Foi nesse exercício de elaborar as cartografias que fomos compreendendo a complexidade de lidar com os dados empíricos, com as fontes de certo modo “nuas e cruas” e de sabermos que estamos ainda tateando o conjunto das muitas contradições presentes nestes espaços sociais.

O levantamento das falas foi feito por entrevistas abertas que segundo Minayo (2009, p, 64), [...] "o informante é convidado a falar livremente sobre um tema e as perguntas do investigador, quando são feitas, buscam dar mais profundidade às reflexões." Vale salientar que a junção entre recontar e registrar pela escrita demonstra-nos a importância da memória para preservar os rastros do tempo. "Sem memória não haveria uma produção do saber que gerasse processualidades da experiência humana" (PROUST, 1994).

Com a perspectiva de possibilitar novas reflexões, objetivo central nesta dissertação, utilizamo-nos para o exercício dos diálogos/entrevistas, de temas geradores como: Educação Formal, Educação não Formal, emancipação e autonomia dos sujeitos. Desta maneira encaminhamos nossa pesquisa na perspectiva de atingir nossos objetivos, compreendendo que este é um trabalho de muitas mãos e vozes. Um trabalho coletivo buscando construir e reconstruir conhecimentos.

Para este primeiro inventário conforme descrito acima (Quadro nº 01) foram apresentadas quarenta e quatro organizações. Em sintonia com a temática da pesquisa optamos por destacar questões como: instituição, público de interesse, serviços prestados e práticas educativas. Dessas observações, criamos o quadro nº 02[29] sistematizando a leitura para 29 instituições, conforme representação a seguir:

Quadro nº 02 - Instituições Sociais associadas à AJOS com proposta de atividades educativas e/ou formação.
Fonte: AJOS e pesquisadora.

INSTITUIÇÃO	PÚBLICO DE INTERESSE	SERVIÇOS PRESTADOS	PRÁTICAS EDUCATIVAS
Albergue de Integração Social "Um Novo Dia"	Atendimento Terapêutico para Dependentes Químicos.	Comunidade terapêutica, palestras, oficinas e atendimento odontológico.	Oficinas e palestras.
Associação Água da Vida	Criança e Adolescentes em situação de risco.	Atendimento psicológico, terapêutico e palestras.	Oficinas e palestras.
Associação Beneficente Bakhita	Educação Infantil de 2 a 6 anos.	Educação infantil.	Oficinas pedagógicas, oficinas de artes e cursos.
Associação Casa do Adauto – Apoio às Crianças e Adolescentes com Neoplasia	Apoio às Crianças e Adolescentes com Neoplasia.	Apoio às Crianças e adolescentes com Neoplasia.	Oficinas.

[29] Consta no regimento interno da AJOS, capitulo II, art. 2º, § IV - Das Instituições Associadas, da Filiação, do Quadro Social, dos Direitos e Deveres das Instituições Associadas [...] Apresentar documentos comprobatórios de sua instituição como: Estatuto Social, Ata e Termo de Posse de sua Diretoria, Registro do CNPJ, Alvará de Funcionamento, Cópia da Lei que concede o Título de Utilidade Pública Municipal, Plano de Atividades, Relatório de atividades e Plano de ação anual. [...] Fonte: AJOS e pesquisadora.

Associação de Amigos do Autista – AMA	Pessoas com a Síndrome do Autismo.	Palestras sobre uso de medicação, comportamento, avaliação ortopédica, fisioterápica, neurológica e psiquiátrica.	Palestras, oficinas pedagógicas e oficinas de Artes.
Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Joinville – APAE	Pessoas com Deficiências Mentais.	Serviços e oficinas pedagógicas, psicoterapia, fonoaudiologia, psicologia, terapia ocupacional, serviço social e médico.	Serviços e oficinas pedagógicas.
Associação dos Deficientes Educáveis e Síndrome de Down – ADESD	Pessoas com Síndrome Down.	Atendimento fonoaudióloga, terapia ocupacional, apoio pedagógico e dentista.	Oficinas e apoio pedagógico.
Associação dos Deficientes Físicos de Joinville – ADEJ	Pessoas com Deficiência Física.	Fisioterapia, terapia ocupacional, atividade física e mercado de trabalho.	Cursos para inserção no mercado de trabalho e oficinas.
Associação dos Moradores e Amigos do Bairro Itinga -CEI Vovó Juliana – AMORABI	Crianças da Educação Infantil, Comunidade e famílias.	Assistência a moradores e CEI.	Oficinas, cursos e palestras.
Associação Essência de Vida	Usuário de substância psicoativa.	Tratamento regime de internação para usuário de substância psicoativa.	Oficinas, cursos e palestras.
Associação Joinvilense dos Ostomizados	Pessoas com Ostomia.	Atendimento ao ostomizado, cuidados, orientação e palestras.	Oficinas e palestras.
Associação Joinvilense para Integração dos Deficientes Visuais – AJIDEVI	Pessoas com Deficiência Visual.	Alfabetização Braille, oficinas, informática, atividades da vida pessoal, atividades da vida diária e Terapia Ocupacional.	Alfabetização Braille e oficinas.
Associação para Integração Social de Crianças e Adolescente Especiais – APISCAE	Atendimento ao adolescente e jovem com necessidades educativas especiais.	Palestras, cursos, oficinas e Terapia Ocupacional.	Palestras, cursos e oficinas.
Casa da Amizade das Famílias de Rotarianos de Joinville	Gestantes	Atendimento à gestante, palestras, cursos de culinária.	Palestras, cursos de Saúde e qualidade de vida e cursos de culinária.
Centro de Educação Infantil Cantinho Feliz	Atendimento a crianças de 1 ½ a 2 anos	Educação Infantil.	Oficinas de Artes, oficinas pedagógicas e cursos.
Centro de Educação Infantil Recanto dos Querubins	Atendimento a crianças de 1 a 6 anos.	Educação Infantil.	Oficinas de Artes, pedagógicas e cursos.
Centro de Estudos e Orientação da Família – CENEF	Famílias em situação de risco.	Atendimento psicossocial educativo à família.	Palestras, cursos e oficinas.
Centro Educacional e “Creche Conde Modesto Leal”	Berçário ao Ensino Fundamental.	Berçário ao Ensino Fundamental, Educação Complementar, cursos profissionalizantes, Marcenaria e Inclusão Digital.	Educação Complementar, cursos profissionalizantes, marcenaria e Inclusão Digital.
Centro Educacional Infantil Criança Feliz	Crianças de 2 a 7 anos	Educação Infantil.	Cursos e oficinas.
Centro Integrado João de Paula	Adolescentes, jovens e família.	Atendimento a adolescentes, jovens e família, curso informática e inglês.	Curso informática, inglês e oficinas.
Circulo Operário de	Pessoas da	Cursos profissionalizantes:	Cursos

Joinville	Comunidade em Geral.	cabeleireiro, corte e costura, informática, manicure, pintura em tecido.	profissionalizantes: cabeleireiro, corte e costura, informática, manicure e pintura em tecido.
Complexo Assistencial Lar Espírita Maria de Nazareth	Comunidade em Geral.	Atendimento médico, odontológico, doações, creche de 2 a 6 anos e abrigo crianças.	Creche de 2 a 6 anos, oficinas e cursos.
Instituto de Reabilitação do Potencial Humano – IRPH	Pessoas em situação de risco.	Serviço de terapia ocupacional, pedagogia, fonoaudiologia, fisioterapia, serviço social, oficinas.	Reforço pedagógico e oficinas.
Instituto Pedagógico de Reabilitação e Inclusão – ISPERE	Pessoas com deficiências.	Reabilitação, educação especial, fonoaudiologia, fisioterapia e serviço social.	Oficinas e cursos.
Legião da Boa Vontade – LBV	Atendimento para crianças de 6 a 11.	Atendimento para crianças de 6 a 11 anos, plantão social, doações e palestras.	Palestras, cursos e oficinas.
Serviço de Ação Social de Integração Educação e Qualidade – SASIEQ	Usuário de substância psicoativa. Grupo de Terceira Idade.	Atendimento Psicológico e Terapêutico ao usuário de substância psicoativa. Grupo de Terceira Idade.	Oficinas, cursos e palestras.
Sociedade de Assistência Social e Educacional "Deus Proverá" – SASEDEP	Pessoas em situação de risco.	Cursos de informática, costura e bordado. Plano de benefício familiar e casamento social.	Curso de informática, oficina de costura e oficina de bordado.
Sociedade Espírita de Joinville – SEJ	Comunidade em Geral.	Atendimento a famílias. Benefícios: Cesta Básica e Vestuário. Cursos de Informática e Tapeçaria. Coral Infanto-Juvenil.	Cursos de Informática e Tapeçaria. Coral Infanto-Juvenil.
Sociedade Espírita Luz do Oriente – SELO	Comunidade em geral.	Benefícios e trabalhos manuais.	Oficinas de trabalhos manuais.
Sociedade Pavilhão da Caridade / Centro Educacional Inf. Maria Ofélia Guimarães	Atendimento a crianças de 1 a 6.	Atendimento a crianças de 1 a 6 anos, palestras e benefícios.	Oficinas pedagógicas e palestras.

Consideramos os princípios de atuação da AJOS e suas associadas que se baseiam em seus documentos institucionais, os quais rezam as normas e procedimentos de suas práticas, passamos então, para uma análise documental que entendemos necessária para impetrarmos mais detalhes dos trabalhos dessas organizações.

De posse dessa documentação existente nos arquivos da AJOS foram observados os aspectos históricos da criação de cada uma delas, conforme quadro nº 02. A observação foi feita pela análise dos seguintes documentos: Ata da Fundação, Estatuto Social, Ata e Termo de Posse de sua Diretoria e Plano de Atividades. Esse levantamento está representado no quadro nº 03, como segue.

Quadro nº 3 - Instituições AJOS. Aspectos Históricos de sua Criação. Levantamento Documental.
Fonte: AJOS e Pesquisadora

NOME DA INSTITUIÇÃO	DOCUMENTOS / ATAS
Albergue de Integração Social "Um Novo Dia" Presidente: Jose Bispo de Souza Filho. CNPJ: 03.487.960/0001-16	Não atualizado.
Associação Água da Vida CNPJ: 00.582.263/0001-56	Não é mais sócia.
Associação Beneficente Bakhita Presidente: Maria das Dores Figueira dos Santos. Fundação: 1968 CNPJ: 84.715.507/0001-11	Ata da assembléia – alteração de estatuto – 1994. Cópia de estatuto alterado – 1994. Alteração de estatuto – 2005. Atestado de funcionamento 2010 a 2012. Ata eleição da diretoria – 2009 – 2012. Certidão utilidade Pública Federal, Estadual e Municipal. Certidão de Entidade de Fins Filantrópicos. Balanço Patrimonial.
Associação Casa do Adauto – Apoio às Crianças e Adolescentes com Neoplasia – Câncer Fundação: 08/12/2002 Presidente: Noemi Teresinha Chagas da Rosa. CNPJ: 05.642.552/0001-17	Cópia do novo estatuto alterado – 2004. Ata eleição da diretoria – 2011. Plano de ação 2012. Balanço Patrimonial 2011. Relatório de atividades 2011. Certidão conselho municipal AS
Associação de Amigos do Autista – AMA Presidente: Luis Erico Bachtold. Fundação: 24/05/1988 CNPJ: 79.361.382/0001-39	Estatuto de Formação 1988. Alteração de estatuto 2009. Certidão utilidade Pública Municipal. Ata eleição da diretoria – 2011. Balanço Patrimonial 2011. Relatório de atividades 2011. Plano de ação 2012. Certidão conselho municipal AS.
Associação dos Deficientes Educáveis e Síndrome de Down – ADESD Presidente: Solange Abrocesi Iervolino. Fundação: 04/10/1990 CNPJ: 81.144.099/0001-05	Certidão conselho municipal AS. Estatuto de Formação 1988. Alteração de estatuto 2005. Certidão utilidade Pública Municipal. Ata eleição da diretoria – atual. Balanço Patrimonial 2011. Relatório de atividades 2011. Plano de ação 2012.
Associação dos Deficientes Físicos de Joinville – ADEJ CNPJ: 83.797.936/0001-12 Fundação: 18/07/1983	Certidão conselho municipal AS 2010. Certidão utilidade Pública federal e Municipal 2010. Ata eleição da diretoria – atual – 2012. Balanço Patrimonial 2011. Relatório de atividades 2011. Plano de ação 2012.
Associação dos Moradores e Amigos do Bairro Itinga - CEI Vovó Juliana – AMORABI Fundada: 17/05/1981 CNPJ: 83.792.671/0001-60	Certidão conselho municipal AS 2010. Certidão utilidade Pública federal e Municipal 2010. Ata eleição da diretoria – atual 2010. Balanço Patrimonial 2010. Relatório de atividades 2010. Plano de ação 2010.
Associação Essência de Vida Presidente: Neiva Maria Bellani Westrupp. Fundação: 30/08/1989 CNPJ: 81.140.139/0001-32	Certidão conselho municipal AS – CMAS 2012. Certificado de Registro CMDCA – 2012. Alteração de estatuto 2003. Ata eleição da diretoria – atual. Balanço Patrimonial 2011. Relatório de atividades 2011. Plano de ação 2012.

Associação Joinvilense dos Ostomizados CNPJ: 02.689.711/0001-40	Não atualizado.
Associação Joinvilense para Integração dos Deficientes Visuais – AJIDEVI Presidente: Onizia da Silva. Fundação: 03/06/1981 CNPJ: 83.792.143/0001-00	Certidão conselho municipal AS – CMAS 2012. Certificado de Registro CMDCA – 2012. Alteração de estatuto 2003. Ata eleição da diretoria – 2008 – 2012. Balanço Patrimonial 2011. Relatório de atividades 2011. Plano de ação 2012.
Associação para Integração Social de Crianças e Adolescente Especiais – APISCAE Presidente: Dante Luiz Fagundes Lemos. Fundação: 23/03/1998 CNPJ: 03.114.767/0001-30 Licenciada da rede AVAPE Programa de Cooperação Técnica Internacional BID	Certidão conselho municipal AS – CMAS 2012. Certificado de Registro CMDCA – 2012. Alteração de estatuto 2011 Ata eleição da diretoria – atual 2011 a 2013. Balanço Patrimonial 2011. Relatório de atividades 2011. Plano de ação 2012.
Casa da Amizade das Famílias de Rotarianos de Joinville Presidente: Fátima Izabel Patel Martins. Fundação: 19/12/1963 CNPJ: 82.599.622/0001-42	Certidão conselho municipal AS – CMAS 2011. Alteração de estatuto 2008 – 7ª alteração. Ata eleição da diretoria – atual para 2012. Balanço Patrimonial 2011. Relatório de atividades 2011. Plano de ação 2012. Título de utilidade Pública – Municipal – Estadual e Federal.
Centro de Educação Infantil Cantinho Feliz CNPJ: 79.361.416/0001-95	Desatualizada – última documentação 2009.
Centro de Educação Infantil Recanto dos Querubins Presidente: Rodrigo Fernando Wittkowski. CNPJ: 03.816.834/0001-68	Certidão conselho municipal Criança e Adolescente – CMDCA 2011. Alteração de estatuto 2008 – 7ª alteração. Ata eleição da diretoria – atual para 2011 a 2012. Balanço Patrimonial 2011. Relatório de atividades 2011. Plano de ação 2012. Título de utilidade Pública – Municipal.
Centro de Estudos e Orientação da Família – CENEF Presidente: Mario Antonio do Nascimento. Fundação: 10/03/1980 CNPJ: 83.791.590/0001-45	Certidão conselho municipal Criança e Adolescente – CMDCA. 2011 Da criança e do Idoso. Alteração de estatuto 2004. Ata eleição da diretoria – atual para 2012 a 2014. Balanço Patrimonial 2011. Relatório de atividades 2011. Plano de ação 2012. Título de utilidade Pública – Municipal.
Centro Educacional e "Creche Conde Modesto Leal" Presidente: Bernardo Kuerten. Fundação: 19/03/1936 CNPJ: 84.697.341/0001-58	Certidão conselho municipal da Assistência Social e da Educação e do Direito a Criança e Adolescente. Alteração de estatuto 2004. Ata eleição da diretoria – atual para 2010 a 2013. Balanço Patrimonial 2011. Relatório de atividades 2011. Plano de ação 2012. Título de utilidade Pública – Municipal – Estadual e Federal.
Centro Educacional Infantil Criança Feliz CNPJ: 83.797.712/0001-00	Não é mais associada.
Centro Integrado João de Paula CNPJ: 43.898.923/0005-49	Não é mais associada.
Círculo Operário de Joinville Presidente: Julio A. Serpa. Fundação: 1935 CNPJ: 84.697.333/0001-01	Certidão conselho municipal da Assistência Social e da Educação e do Direito a Criança e Adolescente. Alteração de estatuto 2003. Ata eleição da diretoria – atual para 2009 – 2012. Balanço Patrimonial 2011.

	Relatório de atividades 2011. Plano de ação 2012. Título de utilidade Pública – Municipal – Estadual.
Complexo Assistencial Lar Espírita Maria de Nazareth Presidente: Valério Weber. Fundação: 12/12/1989 CNPJ: 81.140.428/0001-31	Certidão conselho municipal da Assistência Social e da Saúde e do Direito a Criança e Adolescente. Estatuto 1998. Ata eleição da diretoria – atual para 2010 a 2012. Balanço Patrimonial 2011. Relatório de atividades 2011. Plano de ação 2012. Título de utilidade Pública – Municipal – Estadual e Federal.
Instituto de Reabilitação do Potencial Humano – IRPH Presidente: Anna Destefani Duffeck. CNPJ: 00.695.563/0001-41	Certidão conselho municipal da Assistência Social e da Educação e do Direito a Criança e Adolescente. Alteração de estatuto 2004. Ata eleição da diretoria – atual para 2011 a 2013. Balanço Patrimonial 2011. Relatório de atividades 2011. Plano de ação 2012. Título de utilidade Pública – Municipal – Estadual e Federal.
Instituto Pedagógico de Reabilitação e Inclusão – ISPERE CNPJ: 82.603.614/0001-22	Não atualizada.
Legião da Boa Vontade – LBV Gerente Municipal: Diomara Abigail da Silva. CNPJ: 33.915.604/0438-60	Certidão conselho municipal da Assistência Social e da Educação e do Direito a Criança e Adolescente. Alteração de estatuto 2008. Ata posse quadro gerente municipal – atual para 2009. Balanço Patrimonial 2011. Relatório de atividades 2011. Plano de ação 2012. Título de utilidade Pública – Municipal –Estadual e Federal.
Serviço de Ação Social de Integração Educação e Qualidade – SASIEQ Presidente: Claudio Fernandes D'Aquino. Fundação: 31/01/89 CNPJ: 81.140.360/0001-90	Certidão conselho municipal da Assistência Social. Alteração de estatuto 2004. Ata eleição da diretoria – atual para 2011 e 2012. Balanço Patrimonial 2011. Relatório de atividades 2011. Plano de ação 2012. Título de utilidade Pública – Municipal.
Sociedade de Assistência Social e Educacional "Deus Proverá" – SASEDEP CNPJ: 83.096.958/0001-55	Não atualizada.
Sociedade Espírita de Joinville – SEJ CNPJ: 82.606.864/0001-16	Certidão conselho municipal da Assistência Social. Alteração de estatuto 2004. Ata eleição da diretoria – atual para 2011 a 2012. Balanço Patrimonial 2011. Relatório de atividades 2011. Plano de ação 2012. Título de utilidade Pública – Municipal.
Sociedade Espírita Luz do Oriente – SELO Presidente: Ladir E. Franco. Fundação: 23/05/1994 CNPJ: 02.236.003/0001-54	Não atualizado.
Sociedade Pavilhão da Caridade / Centro Educacional Inf. Maria Ofélia Guimarães Presidente: Maria Izabel Pinheiro. CNPJ: 72.407.505/0002-67	Certidão conselho municipal da Assistência Social e da Educação. Alteração de estatuto 2008. Ata eleição da diretoria – atual para 2010 a 2014. Balanço Patrimonial 2011. Relatório de atividades 2011. Plano de ação 2012. Título de utilidade Pública – Municipal.

Com as informações e destacando os aspectos históricos das organizações sociais foi possível observarmos de maneira mais criteriosa quais dados seriam relevantes nesta reflexão. Sendo que a centralidade presente está na identificação das práticas educativas das organizações sociais em Joinville, analisadas sob a perspectiva de conceitos e práticas de Educação não Formal, cujo sujeito é assumido na dimensão do cuidado e do acolhimento.

Primeiramente o levantamento documental nos apontou que cinco das organizações sociais já não fazem mais parte do quadro associativo da AJOS, isso nos fez optar por não levar adiante essa investigação, já que o nosso foco são as organizações sociais associadas à AJOS. As organizações que se desligaram da AJOS são: Albergue de Integração Social Um Novo Dia, Associação Água da Vida, Associação Joinvilense de Ostomizados, Centro Integrado João de Paula, Instituto Pedagógico de Reabilitação e Inclusão – ISPERI. Na sua maioria essas organizações não conseguiram manter suas certificações. Todas as associadas da AJOS, conforme estatuto precisam atualizar seus certificados e licenças e apresentar anualmente, até 30 de março, juntamente com o plano de ação para o ano vigente e o relatório de atividades do ano anterior.

Em segundo lugar, observamos que oito organizações rezam em seus estatutos *oferecer Educação Infantil*, ou seja, estão diretamente vinculadas com a Educação Formal, e estão atreladas às diretrizes da Secretaria Municipal de Educação, os chamados CEIs[30]. Como o objetivo da nossa pesquisa está diretamente ligado à Educação não Formal, optou-se então por não pesquisar esses CEIs. Essas organizações sociais apresentam em seus estatutos serem também entidades filantrópicas o que lhes asseguram o direito de estarem associadas à AJOS, porém sua atividade principal é com a Educação Infantil, sendo elas:Associação Beneficente Bakhita, Associação de Moradores e Amigos do Bairro Itinga – CEI Vovó Juliana,Centro de Educação Infantil Cantinho Feliz,Centro de Educação Infantil Recanto dos Querubins, Centro de Educação Infantil Criança Feliz,Centro de Educação Infantil Maria Ofélia Guimarães, Centro Educacional Conde Modesto Leal e Legião da Boa Vontade – LBV.

Numa terceira etapa deste levantamento documental constatamos que três associadas são Centros Espíritas e seus estatutos contemplam como finalidade principal o ensinamento da doutrina espírita, o qual não faz parte do objetivo maior da pesquisa. A seguir relacionamos as três organizações: Sociedade Espírita de Joinville, Sociedade Espírita Luz do Oriente e Complexo Assistencial Lar Espírita Maria de Nazaré.

---

[30] CEI – Centro de Educação Infantil – Secretaria Municipal de Educação de Joinville.

Um trabalho não menos importante dentre as organizações sociais da AJOS está o dos centros de reabilitação de dependentes químicos. Estes também desenvolvem várias atividades, mas todas estão ligadas à Secretaria de Saúde e Assistência Social, tratando-se de espaços terapêuticos, visando o tratamento de pacientes dependentes de substâncias psicoativas. Os espaços terapêuticos são em numero de três, como segue: Associação Essência de Vida, Serviço de Ação Social de Integração Educação e Qualidade – SASIEQ, Sociedade de Assistência Social e Educacional "Deus Proverá" – SASEDEP.

Destacamos alguns casos isolados como a Associação Casa do Adauto – Apoio às Crianças e Adolescentes com Neoplasia – Câncer, esta organização nos últimos tempos tem se dedicado a abrigar pessoas com Câncer que vêm para Joinville fazer tratamento, ou seja, é o que se chama *casa de passagem*, não tendo atividades desenvolvidas na Educação não Formal.

Das vinte e nove organizações relacionadas no quadro 03, vinte delas fogem ao principal objetivo da pesquisa. Partiremos, então, para um olhar mais atento às nove organizações restantes que são elas: Associação de Amigos Autista – AMA, Associação de Síndrome de Down de Joinville - ADESD, Associação dos Deficientes Físicos de Joinville – ADEJ, Associação Joinvilense para Integração dos deficientes Visuais – AJIDEVI, Associação para Integração Social de Crianças e Adolescentes Especiais – APISCAE, Casa da amizade das Famílias de Rotarianos de Joinville – Casa da Amizade, Centro de Estudos e Orientação da Família – CENEF, Círculo Operário de Joinville, Instituto de Reabilitação do Potencial Humano – IRPH

Para se obter um panorama mais elucidativo, ou seja, uma cartografia das nove organizações, elaboramos o quadro nº 04, por público assistido, por atividades desenvolvidas e práticas educativas. Este mapeamento está fundamentado com dados extraídos do plano de ação das organizações, onde estão relacionados os serviços prestados das mesmas, que foram observados no levantamento documental já feito inicialmente. Documentos estes arquivados na AJOS.

Quadro nº04 - Quadro nº 04 – Organizações Sociais da AJOS com práticas educativas.
Fonte: AJOS e pesquisadora.

INSTITUIÇÃO	PÚBLICO ALVO	ATIVIDADES	PRÁTICAS EDUCATIVAS
Associação de Amigos do Autista – AMA	Pessoas com a Síndrome do Autismo	Palestras sobre uso de medicação, comportamento, avaliação ortopédica, fisioterápica,	Palestras Oficinas pedagógicas Oficinas de Artes

		neurológica, psiquiátrica.	
Associação dos Deficientes Educáveis e Síndrome de Down – ADESD	Pessoas com Síndrome Down	Atendimento fonoaudióloga, terapia ocupacional, apoio pedagógico, dentista.	Oficinas Apoio pedagógico
Associação dos Deficientes Físicos de Joinville – ADEJ	Pessoas com Deficiência Física	Fisioterapia, terapia ocupacional, atividade física, mercado de trabalho.	Cursos para inserção no mercado de trabalho Oficinas
Associação Joinvilense para Integração dos Deficientes Visuais – AJIDEVI	Pessoas com Deficiência Visual	Alfabetização Braille, Oficinas, Informática, Atividades da Vida Pessoal, Atividades da Vida Diária, Terapia Ocupacional.	Alfabetização Braille Oficinas
Associação para Integração Social de Crianças e Adolescente Especiais – APISCAE	Atendimento ao adolescente e jovem com necessidades educativas especiais	Palestras Cursos Oficinas Terapia Ocupacional	Palestras Cursos Oficinas
Instituto de Reabilitação do Potencial Humano – IRPH	Atendimento a pessoas com necessidades especiais	Serviço de terapia ocupacional, pedagogia, fonoaudiologia, fisioterapia, serviço social, oficinas.	Reforço pedagogia, Oficinas
Casa da Amizade das Famílias de Rotarianos de Joinville	Pessoas da comunidade em geral e Gestantes	Atendimento à gestante, palestras, cursos de culinária.	Palestras Cursos de Saúde e Qualidade de Vida Cursos de culinária
Circulo Operário de Joinville	Pessoas da Comunidade em Geral	Cursos profissionalizantes: cabeleireiro, corte e costura, informática, manicure, pintura em tecido.	Cursos profissionalizantes: cabeleireiro, corte e costura, informática, manicure, pintura em tecido
Centro de Estudos e Orientação da Família – CENEF	Pessoas e Famílias em situação de risco	Atendimento psicossocial educativo à família.	Palestras Cursos Oficinas

As instituições apresentadas no quadro 04 estão organizadas pelo seu público assistido. As seis primeiras, AMA, ADESD, ADEJ, AJIDEVI, APISCAE, IRPH atuam com o mesmo público – pessoas portadoras de deficiência física e ou intelectual e as outras seguintes, Casa da Amizade, Circulo Operário e CENEF têm como público, gestantes, famílias e pessoas da comunidade em geral.

2.4 Sobre as Instituições Pesquisadas – As Práticas Educativas

Para que o leitor e a leitora compreendam nossas escolhas apresentaremos neste momento um breve panorama histórico das instituições ouvidas na pesquisa, fundamentado especialmente nas fontes documentais pertencentes aos arquivos da AJOS, que são elas:

1. A Associação de Síndrome de Down[31] de Joinville – ADESD. Está em Joinville desde 1990, e foi fundada por familiares de pessoas portadoras de Síndrome de Down. Atua exclusivamente com os portadores de Síndrome de Down e seus familiares, tendo como objetivo auxiliar este portador da Síndrome desde o seu nascimento até a fase adulta, buscando apoiar a família, dando o suporte de estimulação necessário para cada fase do desenvolvimento para a inclusão na família, na escola, no trabalho e na sociedade, tentando romper com o preconceito e a desigualdade, melhorando a qualidade de vida individual e de seus familiares.

A ADESD tem desenvolvido um trabalho de construção de valores pautados na potencialização dos valores positivos de seus usuários e de sua família, dando orientação para que a pessoa com Síndrome de Down tenha independência individual e social, priorizando a autonomia nas atividades instrumentais da vida diária durante seu processo de desenvolvimento pessoal para amenização dos efeitos da deficiência. A ADESD atua na divulgação da capacidade que as pessoas com Síndrome de Down têm para brincar, estudar, trabalhar, expressar-se, comunicar-se e serem capazes de construir vínculos sociais.

Nesta perspectiva a ADESD tem como finalidade manter programas e serviços de assistência à pessoa com Síndrome de Down e sua família, assegurando-lhes as garantias constitucionais legais e aplicáveis, implementando convênios e parcerias com órgãos públicos e privados para auxiliar no processo de inclusão social. Busca também garantir os direitos

---

[31] A síndrome de Down (SD) é uma alteração genética produzida pela presença de um cromossomo a mais, o par 21, por isso também conhecida como *trissomia 21*. A SD foi descrita em 1866 por John Langdon Down. Esta alteração genética afeta o desenvolvimento do indivíduo, determinando algumas características físicas e cognitivas. A maioria das pessoas com SD apresenta a denominada *trissomia 21 simples*, isto significa que um cromossomo extra está presente em todas as células do organismo, devido a um erro na separação dos cromossomos 21 em uma das células dos pais. Este fenômeno é conhecido como disfunção cromossômica. Existem outras formas de SD como, por exemplo: mosaico, quando a trissomia está presente somente em algumas células, e por translocação, quando o cromossomo 21 está unido a outro cromossomo. O diagnóstico da SD se realiza mediante o estudo cromossômico (cariótipo), através do qual se detecta a presença de um cromossomo 21 a mais. Este tipo de análise foi utilizado pela primeira vez em 1958 por Jerome Lejeune. Não se conhece com precisão os mecanismos da disfunção que causa a SD, mas está demonstrado cientificamente que acontece igualmente em qualquer raça, sem nenhuma relação com o nível cultural, social, ambiental, econômico, etc. Disponível em: <http://www.fsdown.org.br/site/pasta_116_0__o-que-e-sindrome-de-down-.html> Acesso em: 09 fev. 2013.

destas pessoas, promovendo intercâmbio com as demais associações que comunguem dos mesmos ideais para promover a inclusão das pessoas com Síndrome de Down na comunidade.

A ADESD tem estimulado a realização de estudos e pesquisas para a capacitação dos profissionais envolvidos na habilitação e reabilitação dos portadores da síndrome. Ao mesmo tempo tem buscado parcerias com os serviços competentes na área médica, odontológica, psicossocial e outras especialidades para o acesso dos portadores de Síndrome de Dowm a estes serviços, bem como aos benefícios tecnológicos, científicos e culturais.

Assim sendo a missão da ADESD é de acolhimento às famílias após o nascimento da criança com Síndrome de Down para aceitação e visualização de um futuro positivo para esta criança através de orientações e assistência adequada, acompanhando o seu desenvolvimento.

A ADESD conta com uma equipe habilitada e qualificada de profissionais de diversas áreas de conhecimento, para atender os seus usuários com atividades que lhe proporcionem autonomia e qualidade de vida.

2. Associação dos Deficientes Físicos[32] de Joinville – ADEJ. Foi fundada em 1983 e tem como missão reabilitar e reintegrar à sociedade as pessoas com deficiência física, através de terapias, capacitações e inserção no mercado de trabalho. A ADEJ conta com uma equipe multidisciplinar atualmente de vinte e um profissionais, nas áreas de psicologia, fisioterapia, terapia ocupacional, massoterapia, entre outros.

Desenvolve os projetos nas áreas de reabilitação e inclusão social, mantém um projeto de inclusão digital, teatro, arteterapia e dança com a finalidade de melhorar a qualidade de vida, mobilidade, atividades da vida diária e autoestima, promovendo a autonomia das pessoas com deficiência física.

A ADEJ faz em media quinhentos atendimentos por mês, além do tratamento terapêutico, cultura e lazer, a ADEJ oferece aos seus usuários encaminhamento para transporte gratuito, mercado de trabalho e à rede socioassistencial. Todos os atendimentos estão embasados no processo de socialização e integração comunitária e no apoio às famílias. Presta atendimento de forma sistematizada e continuada às pessoas com deficiência física, tendo como perspectiva o restabelecimento e a construção de vínculos afetivos e comunitários para seus usuários.

---

[32] Deficiência Física: Alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física, apresentando-se sob a forma de paraplegia, paraparesia, monoplegia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, triplegia, triparesia, hemiplegia, hemiparesia, amputação ou ausência de membro, paralisia cerebral, membros com deformidade congênita ou adquirida, exceto as deformidades estéticas e as que não produzam dificuldades para o desempenho de funções. Disponível em: <http://www.deficientesemacao.com/deficiencia-fisica> Acesso em: 09 fev. 2013.

3. Associação para Integração Social de Crianças e Adolescentes Especiais – APISCAE. Teve sua fundação em 1998 a partir de um grupo de pessoas com interesses e necessidades comuns, ou seja, promover as competências das pessoas com deficiências que se encontravam em situação de vulnerabilidade social. É ligada à rede AVAPE[33]e tem como missão "promover as competências das pessoas com deficiência, visando a sua autonomia, segurança e dignidade para o exercício da cidadania." A APISCAE tem como finalidade a promoção gratuita de assistência social, promoção de ações de geração de renda, prevenção, habilitação, reabilitação de pessoas com deficiência. A APISCAE desenvolve atividades com uma equipe multidisciplinar de profissionais capacitados e qualificados para as funções na área da saúde, educação e cultura.

Suas atividades têm como objetivos promover a autonomia e melhoria de qualidade de vida das pessoas com deficiência, seus cuidadores e familiares, assegurando o direito à convivência familiar e comunitária. Pautado na defesa e afirmação de direitos e no desenvolvimento de capacidades e potencialidades, com vistas ao alcance de alternativas emancipatórias para enfrentamentos da vulnerabilidade social.

4. Casa da Amizade das Famílias Rotarianas de Joinville. – Há quase cinquenta anos atuando em Joinville, fundada no ano de 1963, hoje tem como objetivo orientação de caráter sócioeducativo, saúde, jurídico, psicológico, profissionalizante, oftalmológico para as gestantes da comunidade Joinvilense. Faz uma média de trinta atendimentos mensais, sendo que os atendimentos são realizados através de cursos com duração de um mês, uma tarde por semana.

As inscrições são feitas através de preenchimento de uma ficha cadastral e um questionário socioeconômico. Em seguida é feita uma triagem e quando detectado alguma situação de vulnerabilidade a Assistência Social Municipal é comunicada para que faça o acompanhamento necessário à gestante.

---

[33] A Avape (Associação para Valorização de Pessoas com Deficiência) é uma organização filantrópica de assistência social, que atua no atendimento e na defesa de direitos, promovendo a inclusão, a reabilitação e a capacitação de pessoas com todo tipo de deficiência e também de pessoas em situação de risco social. A Associação foi fundada em 1982 na região do ABC e é considerada modelo de gestão, tendo sido a primeira no mundo a receber o certificado ISO 9001 pela DNV – Det Norske Veritas. Com um plano de crescimento para os próximos anos, a organização prevê a abertura de, pelo menos, uma unidade em cada estado brasileiro por meio da Fenavape (Federação Nacional das Avapes) e do projeto de expansão da Rede Avape, que conta com o apoio do Programa de Cooperação Técnica Internacional do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) e FUMIN (Fundo Multilateral de Investimentos). A Avape tem como missão promover as competências das pessoas com deficiência visando à sua autonomia, segurança e dignidade para o exercício da cidadania. A associação oferece um trabalho completo que engloba o atendimento clínico, o desenvolvimento de competências para o convívio social, a reabilitação e capacitação profissional, além da inserção no mercado de trabalho. Disponível em: <http://www.avape.com.br/portal/index.php?option=com_content&view=section&id=63&Itemid=58(=PT> Acesso em: 09 fev. 2013.

Durante o mês de formação são oferecidas aulas de legislação e direito das gestantes, higiene pessoal e do bebê, maternidade, parto, planejamento familiar, depressão pós-parto, benefícios previdenciários. O curso também oferece apoio psicológico e enxoval para o bebê. Todas estas atividades têm como objetivo maior acolher e cuidar das gestantes, principalmente as em situação de vulnerabilidade, dando-lhes suporte para um parto saudável e seguro.

Desta maneira, ressaltamos que o trabalho de campo foi realizado em três dessas instituições que atuam com pessoas portadoras de deficiência física e ou intelectual, levando-se em conta o número expressivo de atendimentos na cidade de Joinville. ADESD, ADEJ e APISCAE.

Para tanto, das três instituições que atuam com gestantes, famílias e pessoas da comunidade em geral, entrevistamos a Casa da Amizade de Famílias Rotarianas, instituição que há 50 anos presta atendimento à comunidade.

Por fim, salientamos que os dados sobre as instituições pesquisadas foram retirados dos documentos contidos nos arquivos da AJOS. A observação e análise foram realizadas a partir dos relatórios de atividades que ,como já dito, são entregues anualmente para AJOS junto com as demais documentações.

3 MOMENTO III – EDUCAÇÃO NÃO FORMAL NAS INSTITUIÇÕES SOCIAIS DA AJOS: DO ACOLHIMENTO AO CUIDADO[34]

Iniciamos este momento com as palavras de Paulo Freire, quando referencia o amor como uma tarefa do sujeito, e segundo ele:

> Não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita. (FREIRE, 2011, p.36)

Há nas palavras e nas conversas das pessoas ouvidas para essa pesquisa uma particularidade quanto ao modo como lidam com as pessoas em suas atividades. Esses sujeitos são recebidos nesses espaços na sua inteireza, como relata Leni[35] sobre os adolescentes que participam das ações educativas na APISCAE:

> Quando eles entram aqui, é incrível, muitos vem com a história de bullying,de fracasso escolar, de rebaixamento, autoestima rebaixada, família também assim, quando a gente chama pra uma reunião, a gente não chama pra falar mal do filho, a gente chama pra orientar as famílias, eles vem morrendo de medo quando eles vem aqui – aí, minha nossa, tem reunião na APISCAE, eles vem morrendo de medo, daí quando a gente vem pra falar do filho, do que vai ser feito com ele, do que ele pode melhorar eles – nossa, daí realmente muda, daí começa realmente ter uma parceria com a família. É isso que a gente também procura fazer. Até, esqueci de mencionar o trabalho que é feito com as famílias, reuniões mensais que nós fazemos, reuniões até semanais se algumas precisam ser realizadas, pra que realmente os pais entendam o que é feito, o que eles precisam dar continuidade em casa, porque sozinhos... a escola sozinha não funciona. (LENI, em entrevista cedida à pesquisadora, 2012)

---

[34] BOFF Leonardo (1999) - Fábula-mito do cuidado por Leonardo Boff - De origem latina e com base grega, ganhou sua expressão literária definitiva pouco antes de Cristo, em Roma.
"Certo dia, ao atravessar um rio, Cuidado viu um pedaço de barro. Logo teve uma idéia inspirada. Tomou um ouço do barro e começou a dar-lhe forma. Enquanto contemplava o que havia feito, apareceu Júpiter.
Cuidado pediu-lhe que soprasse espírito nele. O que Júpiter fez de bom grado.
Quando, porém, Cuidado quis dar um nome à criatura que havia moldado, Júpiter o proibiu. Exigiu que fosse imposto o seu nome. Enquanto Júpiter e o Cuidado discutiam, surgiu de repente, a Terra. Quis também ela conferir o seu nome à criatura, pois fora feita de barro, material do corpo da Terra. Originou-se então uma discussão generalizada. De comum acordo pediram a Saturno que funcionasse como árbitro. Este tomou a seguinte decisão que pareceu justa: "Você, Júpiter, deu-lhe o espírito; receberá, pois, de volta, este espírito por ocasião da morte dessa criatura. Você, Terra, deu-lhe o corpo; receberá, portanto, também, de volta, seu corpo quando essa criatura morrer. Mas como você, Cuidado, foi quem, por primeiro, moldou a criatura, ficará sobre seus cuidados enquanto ela viver. E uma vez que entre vocês há acalorada discussão a cerca do nome, decido eu: esta criatura será chamada *Homem*, isto é, feita de *húmus*, que significa terra fértil".

[35] **Leni** é nome fictício da entrevistada na APISCAE – Associação para Integração Social de Crianças e Adolescentes Especiais

O ato de acolher, de escutar o sujeito e sua família, possibilita que este se apresente com suas particularidades e que possa ser visto e ouvido como tal. Evidenciamos este ato nas palavras de Crema:

> A primeira nobre função de uma autêntica educação é a de facilitar que o aprendiz esclareça o seu próprio desejo e desvele a sua própria palavra. Não se trata apenas de conhecer o mundo exterior para, nele, atuar e construir. Trata-se, sobretudo, de aprender a estar no mundo, navegar o encontro e florescer como ser humano. (CREMA, 2009, p. 68)

Emília[36] (2012) ao manifestar a importância do cuidado no processo educativo e de transformação das participantes dos cursos da Casa da Amizade relata a maneira como as mulheres chegam para as aulas e como saem no final do processo:

> Uma das aulas chama o projeto caráter conta, é uma pessoa da educação que dá essa aula, é um projeto do Rotary que ensina como elas têm que trabalhar o caráter de seu filho. E elas ali mudam o seu próprio. Elas saem dali com outra visão de vida, elas chegam ali revoltadas, muitas revoltadas, porque foram abandonadas, ou porque tem muitos filhos e o marido já desempregado, já não quer mais assumir, já sumiu, ou o namorado que nega que é o pai do bebê. E elas chegam revoltadas querendo se vingar de alguma forma, e ali elas mudam de idéia, elas saem dali sabendo onde procurar seus direitos e com outra idéia de procurar um emprego, de criar seu filho. E o amor acima de tudo, o amor acima de tudo, numa das aulas é falado muito em amor, em compreensão, em troca, então, a gente percebe ali dentro já. (EMÍLIA, cedida em entrevista à pesquisadora, 2013)

Streck (2008, p. 21) lembra-nos que "educar faz parte da vida, sempre se ensinou e sempre se aprendeu. Educar e aprender faz parte da natureza de qualquer ser vivo". Portanto, o ensinar e o aprender estão naturalmente inseridos no nosso cotidiano. Ou seja, como afirmamos anteriormente, segundo Paulo Freire, o ser humano é inconcluso:

> Como processo de conhecimento, formação política, manifestação ética, procura da boniteza, capacitação científica e técnica, a educação é prática indispensável aos seres humanos e deles específica na História como movimento, como luta. A História como possibilidade não prescinde da controvérsia, dos conflitos que, em si mesmos, já engendrariam a necessidade da educação. (FREIRE, 2001, p. 10)

Com os desafios das complexidades e desigualdades sociais sejam elas econômicas, políticas ou informacionais, a Educação tem sido chamada para solucionar ou amenizar as questões sociais, como a miséria do povo, a promoção do acesso aos excluídos a uma sociedade mais justa e igualitária, buscando novas formas de justiça social.

Daí nossa concordância com os pressupostos conceituais de Streck e Freire (2008, 2001) quando afirmam que o ser humano está sempre em construção, não importando sua posição ou classe social onde está inserido, e sua incompletude carece de relações. Neste sentido, há um grande desafio posto para a Educação na atualidade, diante de um panorama

---

[36] **Emilia** - nome fictício da entrevistada da Casa da Amizade

tão diversificado e desigual e de sociedades e movimentos sociais ativos exigindo constantemente novas ações no que tange à esfera pública e privada. Mudanças profundas afetaram as configurações sócio-históricas da educação escolar.

Sabendo que a Educação é vista de vários ângulos, aqui vamos nos ater na perspectiva de uma Educação inclusiva que visa trabalhar o indivíduo como cidadão, sua autonomia e sua emancipação, como coloca Gohn (2011, p. 23)

> Educação como promotora de mecanismos de inclusão social, que promove o acesso aos direitos de cidadania. Trata-se de uma concepção ampliada, que alarga os domínios da Educação para além dos muros escolares e que resgata alguns ideais já esquecidos pela humanidade, como por exemplo, o de civilidade.

Neste contexto a Educação não Formal tem um caráter pedagógico com práticas educativas voltadas para a coletividade, visando trabalhar o sujeito, a sua cidadania, desenvolvendo nele consciência crítica, e exercitando a democracia e a ética. Marta[37] relata estas práticas quando afirma:

> Educar abrange muita coisa, educar é passar o conhecimento para uma pessoa, é trazer ela pra um mundo diferente, é quando ela é apresentada a um conhecimento que ela não sabia, isso transforma a vida dela, traz ela, eu vejo aqui pelas pessoas, uma qualidade de vida melhor, elas conseguem explorar melhor o mundo sabendo. (MARTA, entrevista cedida à pesquisadora, 2012)

Esse sujeito, que é cidadão, tem um espaço na Educação não Formal que o valoriza e discute suas perspectivas, seus anseios, buscando, nele próprio, um acervo de conhecimento gerador de um saber que vai além dos conteúdos teóricos da Educação Formal. Esses saberes trabalham valores e atitudes para viver e sobreviver, desenvolvendo no indivíduo sua capacidade humana de lidar com a vida, ampliando sua visão de mundo, valorizando sua cultura e oportunizando a aprendizagem de habilidades extraescolares. Esta reflexão vem referenciada nas contribuições de STAMM e PILLOTTO (2007, p.33,34):

> Na educação não-formal os focos principais são a cidadania, a coletividade, o aprendizado compartilhado. E a voz ou vozes que entoam seus protagonistas – os alunos -, ou deles ecoam, são mescladas de sentimentos, emoções, desejos, dúvidas, sensações, sonhos. Ao se expressar, os alunos articulam o universo de saberes disponíveis com o esforço de apropriar/elaborar/ressignificar sobre a realidade em que vivem. Os códigos culturais são acionados e se desvelam nas emoções contidas na subjetividade de cada um.

---

[37] **Marta** é nome fictício da entrevistada ADEJ – Associação dos Deficientes \Físicos de Joinville

Durante as visitas e as conversas nos espaços das instituições, percebeu-se em todas, sem exceção, uma dinâmica de trabalho sistematizada, responsável e muito cuidadosa com o outro.

Essa preocupação social, essa ideia de amorosidade com o outro, é que alimenta uma convicção, uma utopia[38], condição essa que nutre o trabalho dos trabalhadores sociais de prover um bem-estar, promover a autonomia e emancipação do sujeito. Como prática educativa, como princípio fazemos um acolhimento, um recebimento, uma escuta, para que esse outro, essa outra, tenha a dimensão do seu potencial, da sua capacidade e do quanto sua trajetória como sujeito pode ser emancipadora. A Educação, como prática social, é um processo complexo e tem uma intencionalidade.

As práticas educativas da Educação não Formal apresentam processos interativos intencionais. Os espaços educativos estão direcionados às trajetórias de vida dos grupos e indivíduos. Como afirma Gohn (2010, p.16) "o aprendizado gerado e compartilhado na Educação não Formal não é espontâneo porque os processos que o produzem têm intencionalidades e propostas. Essa intencionalidade e planejamento aparecem quando Leni relata:

> Temos pedagogas que trabalham com eles de manhã diariamente, cada uma com atividades bem distintas, uma que vai trabalhar habilidades básicas para o trabalho, e uma que vai trabalhar habilidades práticas, a gente tem aqui de manhã um curso de auxiliar de cozinha duas vezes por semana, uma parte prática outra parte teórica, informática duas vezes na semana e nas sextas feiras eles tem reforço pedagógico, apoio pedagógico, porque as atividades que a gente desenvolve durante toda a semana elas são direcionadas com um tema, a gente tenta contextualizar. (LENI, entrevista cedida à pesquisadora, 2012)

---

[38] - Em STRECK (2002:101) – " no caso do utópico freireano, uma palavra que (ainda) está fora da história como "sonho possível" [...] a utopia, para Freire, não consiste num retorno a um passado ideal ou da dicotomização entre um estado de perfeição e uma condição presente à qual estamos fatalisticamente presos."

Em BOFF (1999:81) – "o que constatamos é que o ser humano e a sociedade não podem viver sem utopia. Quer dizer, não podem deixar de projetar seus melhores sonhos nem desistir de buscá-los dia após dia. Se não houvesse utopias, imperariam os interesses menores".

Em CREMA (2009:69) – é necessário transcender o possível, se quisermos conspirar por uma educação que faça jus ao seu próprio sentido etimológico: facilitar que o outro encontre e expresse a sua própria palavra. Pedir apenas o possível é se deixar capturar pela hipnose sistêmica, pela alienação coletiva, pelo *status quo* vigente, ou seja pela normose. O desafio da utopia é abrir espaço para o *apocalipse humano*, a revelação e desvelamento da inteireza do projeto humano.

Para cada sujeito envolvido, trabalhar na instituição seja como funcionário ou como contratado tem um significado muito especial. Percebemos estas questões na narrativa de Emília, quando a dedicação cuidadosa vai além do compromisso e responsabilidade profissional. Há um envolvimento e militância , onde transparece sua emoção, quando relata o que significa trabalhar na casa da amizade:

> [...] crescimento, amadurecimento, porque tudo o que a gente vê ali é um aprendizado também. Então, assim é muito importante, por isso que quando a gente entra é difícil sair, porque aquele relacionamento, aquele convívio, aquela troca é bem importante. (EMÍLIA,entrevista cedida à pesquisadora, 2013)

Das questões refletidas nesta pesquisa o que aparece como problemática argumentada por diferentes olhares é a necessidade de se compreender com a realidade social e educativa dos sujeitos atendidos nos trabalhos, e ainda a necessidade de um processo de avaliação comprometida com uma proposta de autonomia e emancipação. O que ressalta a importância de ações direcionadas e intencionais, neste sentido Sol[39](2012) salienta:

> A gente usa muito o método da discussão, o método da roda, que o Gastão Freire fala muito disso, mas o Paulo Freire já trazia isso, quanto é importante essa conversa, essa discussão e na educação popular se usa muito. Então eu trago essa experiência do trabalho, da saúde da família e nós conversamos muito isso também dessa discussão, então se uma criança está, segundo a visão de um profissional, precisando da atenção de mais de um profissional esse caso vem pra reunião e vai ser discutido com todos os profissionais. (SOL, entrevista cedida à pesquisadora, 2012)

Compartilhamos nesta dissertação os pressupostos de uma Educação humanizadora e emancipatória, presente em muitos autores. Entretanto, o alinhavo desta centralidade parte de Paulo Freire. Também para nos ajudar compreender a complexidade presente neste estudo buscamos em Leonardo Boff a dimensão do cuidado. Boff (1999) acrescenta que educação e cuidado são dimensões comuns em nosso caminho de humanização. Acima citamos Paulo Freire, quanto a sua referência ao amor como uma tarefa do sujeito, e que segundo ele "não há educação sem amor" (FREIRE, 2011, p. 36)

Leonardo Boff define cuidado, dizendo:

> [...] Cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e desvelo. Representa uma *atitude* de ocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro [...]. E mais, segundo o próprio autor, cura em latim se escrevia *cuera,* e era usada num contexto de relação de amor e de amizade. Outros derivam cuidado de *cogitare-cogitatus* e de sua corruptela *coyedar, coidar, cuidar.* A atitude de cuidado pode provocar preocupação, inquietação e sentido de responsabilidade. (BOFF, 1999, p.33)

[39] **-Sol –** nome fictício da entrevistada da ADESD – Associação de Síndrome de Down

É nessa atitude de cuidado que percebemos os trabalhadores sociais participantes desta pesquisa. Ao darem sentido a este movimento de cuidar do outro, pela entrega de estar junto com o outro no mundo, desencadeiam-se processos mobilizadores do "ser" no mundo com os outros. Para Boff o cuidado é um modo de ser essencial, assim:

> Um modo-de-ser não é um novo ser. É uma maneira de o próprio ser de se estruturar e dar a conhecer. O cuidado entra na natureza e na constituição do ser humano. O modo-de-ser cuidado revela de maneira concreta como é o ser humano. Sem cuidado, ele deixa de ser humano. Senão receber cuidado, desde o nascimento até a morte, o ser humano desestrutura-se, definha, perde sentido e morre. Se, ao largo da vida, não fizer com cuidado tudo que empreender, acabará por prejudicar a si mesmo e por destruir o que estiver a sua volta. Por isso o cuidado deve ser entendido na linha da essência humana. (BOFF, 1999, p.34)

Há nestas práticas educativas uma preocupação com o outro, calcada na afetividade e no cuidado, conforme mencionado acima. Observamos no cotidiano institucional que as práticas e saberes se constituem e instituem, se organizam e se desconfiguram, mas é neste mesmo contexto que tais práticas são problematizadas, tensionadas, refutadas, ressignificadas e adotadas. Daí a dimensão do cuidado interligando a existência da educação, enquanto ocupação e preocupação com o outro. Ao educar, no entanto, cuidamos da vida em seu significado mais integral. Logo, o viver em sociedade, ter humanidade, recoloca o sujeito como um aprendiz na perspectiva da autonomia e emancipação.

Nosso entendimento é que as ações educativas desenvolvidas por estas instituições estudadas buscam possibilidades de cidadania, civilidade e humanização. É na complexidade do acolhimento e do cuidado que se constroem os elementos de convivência e reinserção comunitária. Compreendemos, portanto, que tais pressupostos instigam os sujeitos a pensarem sobre o ser e o estar na relação com o outro e ainda o compromisso social de estar na vida que se vive.

Estas reflexões vêm corroborar com os nossos diálogos evidenciados nesta dissertação. Cabe acrescentar que o traço mais original deste século, na Educação, é o deslocamento da formação puramente individual do ser humano para o social, o político, o ideológico. Assim o significado maior está na inclusão das diferenças, na aceitação das diversidades, na atitude de cuidado que pode provocar preocupação, despertando o sentido de responsabilidade e de atenção para com o outro.

3.1 As práticas Educativas Sociais como Possibilidades: Da Autonomia à Emancipação?

Segundo Santos (2003) “a percepção é sempre um processo seletivo de apreensão. Se a realidade é apenas uma, cada pessoa a vê de forma diferenciada; dessa forma, a visão das coisas materiais e imateriais será sempre deformada”. Nossa tarefa, assim, é a de ultrapassar “a leitura do mundo” como “denúncia”, para chegar ao seu significado, ou seja, o “anúncio de uma nova pronúncia” (STRECK, 2000).

Como se vê o conceito de educação é socialmente construído e significado culturalmente. O objeto do conhecimento não é simplesmente o que é oficialmente dado, mas é também aquele que, em certo sentido, nos opõe, mobilizando-nos a encontrar classes de compreensão. “A cidade futura da qual Gramsci fala não desce do céu nem se coloca como conclusão necessária de um parto da História, mas é a construção ativa, consciente, aberta, permanente, conduzida por homens reais, expostos sempre ao imponderável e às contradições” (SEMERARO, 2002, p.185).

Os trabalhos desenvolvidos nos espaços não escolares têm sim um papel importante na formação dos sujeitos. Suas práticas educativas podem e devem ser de transformação, autonomia e emancipação.

> O papel do trabalhador social não se dá no processo de mudança em si, mas num domínio mais amplo. Domínio do qual a mudança é uma das dimensões. Naturalmente, este domínio específico, no qual atua o trabalhador social, é a estrutura social. Por isso é que é preciso tomá-la na sua complexidade. Se não a entendemos em seu dinamismo e em sua estabilidade, não teremos dela uma visão crítica. (FREIRE, 2011, p. 58,59)

Freire (2011) também considera que a tarefa fundamental do trabalhador social é a de ser sujeito do processo e objeto de transformação. É importante dizer que não estamos aqui avaliando a postura dos trabalhadores sociais em questão, já que as conversas se deram no sentido de saber das práticas educativas das instituições. Todavia, cabe destacar que consideramos estas relações intrínsecas a um processo que compreende a intencionalidade e o compromisso em estar com o mundo. STRECK (2000, p. 109) analisa que “o sujeito histórico freireano não existe como um *a priori*, mas se constitui nas múltiplas lutas e marchas que o povo realiza pela conquista de sua humanidade.”

Por um lado, observamos que o princípio do cuidado na Educação Formal é diluído por um conceito de “razão”, dada a necessidade de justificar o seu lugar instituído e racional. Acolhimento, afeto, amorosidade e cuidado não fazem muito sentido neste espaço.

Observamos, de modo significativo, que as práticas educativas estudadas vêm carregadas de amorosidade e de cuidado, não que não aconteça nos espaços Formais de Educação.

Paulo Freire convoca-nos a respeitar os conhecimentos de cada cultura e a termos consciência de que a elaboração do conhecimento faz parte da "longa experiência milenar e histórica" e que homens e mulheres, antes mesmo de conseguirem falar, já constituíam compreensões sobre o mundo: "em todo o processo de compreensão do mundo há um processo de produção e compreensão do conhecimento" (FREIRE, 2004, p. 82).

Neste sentido aprender a ser realmente humano, ser gente, tem sido o grande desafio de uma Educação Emancipatória. Nesta direção destacamos ainda que ser um educador, uma educadora afetiva, acolhedor (a) não significa desenvolver um trabalho descompromissado, sem competência técnica e política (FREIRE, 1996). O cuidado, e a amorosidade implicam também em compromisso, firmeza e rigorosidade, mas essa prática não pode aparecer em momentos separados, como algo a complementar a prática educativa.

De acordo com Gramsci (1978) a Educação escolar deveria ter um papel fundamental na vida do educando, preparando-o para interagir na vida em sociedade, de forma crítica e reflexiva, agindo como agente de transformação social

O que constatamos neste processo de pesquisa, a respeito da Educação não Formal é que as experiências dos movimentos sociais, as experiências das organizações sociais, as práticas educativas nos espaços além da escola têm fornecido subsídios a novas experiências para Educação Formal. E segundo, Gohn (1999) é preciso unir os conteúdos da Educação Formal com o da Educação não Formal para auxiliar no sucesso dos alunos, pois a forma como a Educação Formal tem sido organizada, em muitos casos, tem promovido mecanismos de exclusão social e pouco o acesso à cidadania. Nas concepções educacionais da Educação não Formal procura-se romper com metodologias educacionais tradicionais e currículos que não respeitem os saberes, valores e modos de viver das classes populares.

O princípio aglutinador presente nos movimentos sociais combate a lógica centralizadora, propondo experiências-processos em permanente construção para que todos possam se sentir co-responsáveis, por este motivo facilmente tomam-se interpretações equivocadas que afirmam a fragilidade organizativa dos movimentos, pelo contrário, aí reside sua força e capacidade de ação.

Compreendemos, portanto, que uma educação significativa, uma vez emancipatória, não será alcançada com uma proposta universalista, sem espaço para os saberes locais, muito menos em uma que tenha como base uma perspectiva de realidade homogênea e retilínea.

Falamos de Educação humanista e de modo amplo, como responsabilidade de toda a humanidade pelos que chegam neste mundo. No sentido atribuído por Hannah Arendt:

> A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse à renovação e à vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum. (ARENDT, 2005, p. 247)

Neste contexto, destacamos que os movimentos sociais e as organizações sociais têm contribuído para as posturas pedagógicas e práticas educativas emancipatórias, que envolvem a dimensão da concepção de sujeito, da concepção de sociedade e ensino que desejamos, tendo como foco principal o cuidado com o outro. Tratamos aqui o cuidado como princípio fundamental da educação emancipatória.

Nessa linha de reflexão apropriamo-nos também da discussão de Eggert e Cunha (2011, pg.61) que apresentam emancipação e autonomia como conceitos correlatos [...] não sendo algo pronto e acabado, a conquista da autonomia é processual e duradoura, feita na luta constante e coletiva. Sendo que o conceito de emancipação que trazem é o conceito compreendido a partir de Paulo Freire (1987; 1996; 2006) como momento de luta e conquista, vividos pelas pessoas cotidianamente e segundo elas:

> Respeitar a “autonomia do ser” significa estar ciente de que todos somos inacabados e que, reconhecendo nosso inacabamento, estamos aptos a reconhecer, nos outros, seus limites e possibilidades. (EGGERT e CUNHA, 2011, p.61)

Para ilustrar esse contexto das práticas educativas trazemos os princípios da Educação não Formal para o Plano Nacional de Educação de Direitos Humanos (PNEDH) que contempla a Educação não Formal, trazendo na sua concepção e princípios reflexões acerca dos espaços de produção de conhecimento, entendendo que essa produção não acontece somente nas escolas formais.

Cumpre destacar que a Educação não Formal contribui com uma nova maneira de lidar com o cotidiano, com os saberes, tendo sempre um caráter coletivo. Ao reconhecer a Educação não Formal como uma modalidade da Educação o PNEDH afirma que:

> [...] A educação não-formal em direitos humanos orienta-se pelos princípios da emancipação e da autonomia. Sua implementação configura um permanente processo de sensibilização [...] de consciência crítica, [...] para

> encaminhamento de reivindicações [...] de propostas para as políticas públicas[40].

Essa autonomia e emancipação que tanto Freire, Gohn, Streck, Boff e o PNEHD entre outros discutem, são vivenciados nos processos educativos das instituições quando Leni relata que:

> [...] a primeira coisa que a gente percebe quando eles começam a andar de ônibus sozinhos. É uma conquista muito grande, aqui eles já começam, assim, perceber que eles podem. Tanto tempo sem que eles.... Aí.. que eles tinham medo, claro , é uma resistência da família, até a gente compreende, mas tenta dar o máximo de apoio possível pra que isso aconteça de uma forma natural. Então, já começa por aí, quando eles têm autonomia para ir e vir, essa autonomia pra ir e vir acaba acarretando em outras questões assim, muito... eles começam a se sentir mais seguros, mais capazes e aí junto com isso acaba vindo uma oportunidade de trabalho e quando eles são inseridos no trabalho é que a gente realmente começa a perceber o que foi válido ou não.[...] (LENI, entrevista cedida à pesquisadora, 2012)

Daí compreendemos que na *praxis* (teoria/prática) se apresenta os processos de cidadania, autonomia e emancipação dos indivíduos que frequentam as atividades das instituições, criando-se então novas formas de aprendizagens e saberes. Para Freire (1980) é a partir do entendimento e da reflexão sobre seu contexto, do comprometimento, das decisões, que os homens e mulheres se constroem a si mesmos e chegam a ser sujeitos, chegam a ser autônomos. O ser humano percebe-se como um ser histórico porque se percebe no tempo, na sua temporalidade. Desta maneira se reconhece e se percebe nas relações com o outro e consigo. Estas relações, estas percepções de suas relações, seu contexto estabelecem desafios. Ao enfrentar os desafios, buscando respostas, homens e mulheres, causam mudanças a sua realidade e a si próprios.

Assim, ajuda-nos a refletir Leonardo Boff (1999, pg.82)

> O ser humano constrói a sua existência no tempo, precisa do tempo para crescer, aprender, madurar, ganhar sabedoria e até para morrer. No tempo vive a tensão entre a utopia que o anima a sempre olhar para cima e para frente e a história real que o obriga a buscar mediações, dar passos concretos e olhar com atenção para o caminho e sua direção, suas bifurcações e empecilhos, suas ciladas e chances.

Neste contexto podemos entender a emancipação como processo individual e como um processo social, coletivo, ou seja, um conjunto de práticas e ideias que abarcam a

---

[40] Livre acesso pelo portal Ministério da Educação e Ministério da Justiça. Secretaria Especial dos Direitos Humanos / Presidência da República. Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/sedh/edh/ pnedhpor.pdf>. Acesso em: 24 set. 2011.

sociedade. Perceber-se no mundo e do mundo, fazer valer suas lutas e suas conquistas, ter uma nova concepção de mundo construída a partir de novos sentidos e (re) significados, perceber-se como sujeito da história que pode se posicionar, fazer escolhas, emitir opiniões a partir do acesso a informações, buscando saídas e novas perspectivas são situações evidenciadas em casos relatados por Emília:

> Uma das grandes conquistas da casa da amizade em minha opinião, é que nenhuma mãe abandona o bebê, mesmo aquelas que chegam com essa intenção, durante o curso elas mudam de idéia. Nenhuma, não tem nenhuma história de mãe que passou pela casa que abandonou o seu bebê. É bem emocionante assim, quando elas saem, depois que elas mudaram de idéia. Tem aquelas que chegam dizendo: eu vim fazer esse curso pra ganhar o enxoval pro meu filho ter o que vestir quando nascer, mas eu não vou levar pra casa, eu vou deixar lá. E quando acaba o curso, elas já mudaram, já mudaram de idéia. E não tem nenhum histórico de que foi abandonado o bebê. (EMÍLIA, entrevista cedida à pesquisadora, 2013)

Essa preocupação com um trabalho sério e responsável, com o compromisso de mudança, trabalhando os valores das pessoas, aqui no caso, as gestantes, como relata Emília, evidencia que esse jeito de ensinar passa pelo cuidado, pela valorização dos sujeitos inseridos nesse processo de aprendizagem, suas lutas e seus desafios.

Esses sujeitos a partir da compreensão de si mesmos, iniciam um processo de significativas mudanças. Quando se percebem como um ser total e criam consciência desta inteireza, trazem para si novas atitudes de vida. Começam a exercitar suas potencialidades e sua criatividade tendo, então, sentimentos de mais plenitude e inteireza. Desta maneira, descobrem um jeito novo de ser, de cuidar e ser cuidado, aprendendo que cada momento é único e necessário para sua evolução. Percebendo novos caminhos, novas possibilidades. Tomando para si a vida e percebendo-se sujeitos no mundo e do mundo.

Segundo, Cunha e Eggert (2011, p. 74) [...] “o que distingue a formalidade da não formalidade são as formas de sistematização e certificação. [...] não há perfeição em nenhuma delas e há possibilidades de emancipação em ambas.”

Percebemos então, que as práticas educativas não formais têm contribuído para avançarmos na concepção de Educação com um caráter humanista que transcende territórios conceituais formais.

A escola, lugar oficial por onde se legitima o que é conhecimento e quem deve ter acesso a ele, necessita reconhecer na sociedade indivíduos que trazem novas demandas individuais ou coletivas. Entender esse indivíduo como sujeito e protagonista de sua história, um sujeito político, que pensa que age, e tudo isso são saberes necessários à prática educativa.

> Uma das características do “ser humano” é que somente é ser humano. Somente ele é capaz de tomar distância frente ao mundo. Somente o ser humano pode distanciar-se do objeto para admirá-lo, analisá-lo. Objetivando ou admirando se toma aqui o

> sentido filosófico. Os seres humanos são capazes de agir conscientemente sobre a realidade objetiva. É precisamente isto, a "práxis humana", a unidade indissolúvel entre minha ação e minha reflexão sobre o mundo." (FREIRE,1980, p.26)

Essa prática (pedagógica) precisa incluir os valores da comunidade em que se atua e que esta atuação se dê a partir de um compromisso social básico, nas palavras de Gohn (2010). Tanto Freire (1996) como Gohn (2011) afirmam [...] "que toda a prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, e outro que, aprendendo, ensina." Segundo Freire (1996) [...] "o aprendizado do Educador Social, numa perspectiva da Educação não formal, realiza-se numa mão dupla – ele aprende e ele ensina." Gohn (2011) diz que na Educação não Formal o Educador Social não pode desconsiderar o contexto onde está inserido e o grupo em que está atuando.

E ainda, ressaltamos que, neste processo de intervenção no mundo, em especial pelo viés do cuidando e da educação, é premente nossa aprendizagem para o "diálogo". Mas, como diz Paulo Freire (2002), não é qualquer diálogo que se faz para construirmos mudanças substanciais. Nesta perspectiva, o diálogo testemunha "a abertura aos outros" como "disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios e, sobretudo, como potência criativa na busca por cuidar-se como categoria emancipatória.

Por fim, registramos aqui a importância do diálogo construído entre nós, pesquisadora, e os trabalhadores dos espaços pesquisados. O acolhimento e o cuidado foram extensivos ao receber-nos para as conversas e trocas de experiências. Desde os primeiros contatos, as conversas informais, as observações de campo, até o momento das visitas nas instituições construímos importantes diálogos que deram subsídios para nossa pesquisa.

4 PRÁTICAS EDUCATIVAS EMANCIPATÓRIAS MANTENDO O OLHAR E A ESCUTA – (IN) CONCLUSÕES

Quando do início desta pesquisa já imaginávamos que seria uma caminhada desafiadora, porém o que aconteceu foi muito mais do que imaginávamos. Deparamos com uma caminhada trabalhosa, um trabalho de "Arqueologia de Saberes". Escavações inusitadas num campo ainda inexplorado. Escavações para desconstruir concepções já internalizadas e, em muitos momentos, vimo-nos em contradições profundas, posturas tomadas no dia a dia de uma mulher, professora e trabalhadora social que nos levaram a reflexões importantes. Os conflitos foram surgindo e permaneceram em boa parte deste caminhar.

Mas, de maneira cautelosa, fomos perseguindo a trilha e nos reconhecendo nela, desnudando os cenários e paisagens de além muros. A trilha ainda segue, percorremos apenas um trajeto dela, até então desconhecido, mas mágico, e que nos trouxe prazer e alegria na caminhada.

Entretanto, as escavações deram-se de maneira muito responsável e pessoas muito significativas fizeram parte desta trilha, ajudaram-nos a construir novas concepções, novas ideias e porque não dizer, novos ideais. Nossos orientadores e orientadoras, professoras, colegas de turma, pessoas das instituições sociais que dividiram seus saberes, pessoas que fizeram parte deste processo de conhecimento e deram fôlego e força para a realização da pesquisa.

As escavações deram-se a cada encontro, cada conversa, e claro, as disciplinas tão bem ministradas por nossas professoras foram fundamentais para abrir os horizontes dando arrimo na construção teórica, apresentando conceitos e métodos.

"O papel das práticas educativas, nas organizações associadas da Associação Joinvilense de Organizações Sociais – AJOS, analisadas pelo viés conceitual da Educação não Formal, cujo sujeito fundante é assumido na dimensão do cuidado e do acolhimento", que tomamos como temática desta pesquisa foi brotando à medida que fomos entrando em contato com conceitos importantes e que embasaram as questões teóricas e permitiram a construção da reflexão presente neste texto.

Percebemos que conforme seguíamos a trilha as questões iam surgindo e, então, deparamos com o tema, e o mais surpreendente é que o tema já fazia parte de nós, e ao escavarmos nossa existência o encontramos. Começavam-se, então, as buscas...

Esta é uma atividade que necessitou empreender uma grande viagem de explorações e descobertas. Foi necessário descobrir-se como sujeito no mundo e do mundo, localizar-se no aqui e agora, desvelar os mistérios da existência, encontrar-se com sua criança, sua essência. Foi preciso refazer caminhos, trilhas, sair dos trilhos, refazer itinerários, rever a bagagem. Buscamos ao longo dessa escavação alimentar nossa utopia, nutrir nossos sonhos.

Passamos por momentos de complexidade e também de perplexidade, enredamos por caminhos confusos, mas com carinho e desejo de seguir fomos nos encontrando. Pessoas admiráveis fizeram parte dessa caminhada, dando pernas e braços para seguirmos em frente. As conversas, as informações, colocaram-nos diante de muitas histórias. Histórias que constituíram o enredo das práticas educativas da Educação não formal, a temática que nos propomos a discutir, buscando, de alguma forma, indícios de uma prática emancipatória .

Aprendemos com o olhar e a escuta atentos que além de pensarmos os sujeitos que protagonizam esta história como sujeitos cognitivos, pensarmos como sujeitos socialmente constituídos. Estes sujeitos também são constituídos de significados e significações, seus saberes, seus fazeres não podem ser descartados em nome de uma cientificidade, uma metodologia, uma prática pedagógica cristalizada. Precisamos levar em conta suas percepções de vida, de mundo, suas experiências e sua *praxis, teoria/ação,* aqui talvez muito mais *sabedoria/ação*.

Compreendemos, sobretudo, que se saber responsável pela tessitura do conhecimento permite entrelaçar compromissos sociais de maneira singular em cada contexto histórico vivido. Conceitualmente percebemos que o ato de “ler o mundo”, “de anunciá-lo “ e “de pronunciá-lo” por meio da escrita é uma atitude de humildade diante de nossas incompletudes, e de maneira cuidadosa vamos compondo com os traços da história, enlaçando os tempos e suportando a difícil tarefa de seus pontos “dizíveis” e “intraduzíveis.”

Encontramos nestes sujeitos uma prática amorosa e responsável, e quando refletíamos se era uma prática emancipatória - a emancipação aqui compreendida segundo Freire (l992, 1996) e Gohn (2010) como sendo momentos de lutas e conquistas nas práticas do dia a dia, dependendo do nível de consciência e sensibilidade do indivíduo, aqui especificamente nas práticas dos sujeitos envolvidos nos trabalhos sociais, que se colocam a trabalho do bem do

outro - entendemos que sim, era possível a emancipação dos indivíduos usuários neste contexto.

A pesquisa também revelou que o trabalho integrado ao cuidado e amorosidade prestado pelas instituições nem sempre tem como premissa a reflexão no sentido político desta ação, mas o que se percebeu é que a ação reflete e tem poder sobre os sujeitos. Se não existe uma prática intencional de consciência política, existe práticas educativas onde o sujeito se vê como cuidador, como doador . Este sujeito, muitas vezes voluntário, tem uma visão ingênua do processo de trabalho, mas na verdade toda essa ação tem extrema importância sobre os usuários e sobre os próprios sujeitos da ação educativa que pode, algumas vezes, ser alienadora e, outras vezes, pode ser emancipadora.

No entanto, também constatamos nas conversas sobre o dia a dia das atividades nas instituições sociais que o acesso à informação e formação, a compreensão dos direitos sociais, o entendimento de cidadania podem levar, sim, os sujeitos usuários destes serviços à autonomia e emancipação, tornando-os sujeitos de sua própria história. Estas práticas educativas acontecem de maneira não formal, mas com intenção e objetivos cultivando vários saberes necessários a uma prática educativa transformadora.

Deste modo nossa caminhada deu-se de forma grandiosa, no sentido do aprendizado adquirido. Revisitamos conceitos e preconceitos, questões do cotidiano que buscamos com leveza e criatividade. Sabemos não concluir tudo, apenas nos propusemos a um tempo de investigação para que, de maneira provocativa, corajosa e esperançosa, pudéssemos avançar alguns passos nas discussões e reflexões a cerca da educação não formal e da dimensão de suas práticas.

Esperamos que este pequeno trajeto aqui feito possa instigar o conflito e o debate entre educadores, educadoras e os sujeitos envolvidos na prática social quanto ao ato de educar como prática amorosa e humanizadora. Desejamos que este trajeto também seja capaz de instaurar, como lembra Freire (1996), “posturas vigilantes e conscientes”, um olhar e uma escuta contra as práticas educativas recheadas do discurso ideológico dominante que operam no pensamento e na prática, estimulando o individualismo e a competição , abandonando o sonho, a utopia e a solidariedade.

Concluímos esta etapa de trabalho destacando que esse movimento tem grande relevância para a área da educação, e especialmente no campo da Educação não Formal; e, conforme a pesquisa revelou, tratando-se de Joinville, apenas iniciamos a reflexão em torno

desta problemática. Abriu-se, assim, um caminho de reflexões e diálogos e esta construção consideramos como uma contribuição social significativa para a história das práticas pedagógicas no Brasil neste século XXI.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO JOINVILENSE DE ORGANIZAÇÕES SOCIAIS-AJOS. – Disponível em: <http://www.ajos.org.br>. Acesso em 23 set.2011.

ARANTES, Valéria Arantes (Org.). **Educação não-formal:** pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2008.

ARENDT, Hannah. Entre o passado e o futuro. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
_____. A condição humana. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005

ALVES, Rubens. **Filosofia da Ciência.** Introdução ao Jogo e as Regras, 4 ed. Brasiliense. São Paulo, 1983.

ALVES, Rubens. Histórias com Gosta de Ensinar. Campinas,SP: Papirus, 2004

BOAVENTURA, E. M. *Memorial*. 1995. Disponível em: <http://www.edivaldo.pro.br/ memorial.html>. Acesso em: 12 fev. 2003.

BOBBIO, NORBERTO. Estado, Governo e Sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra,

BOFF, Leonardo. **Princípios de Compaixão e Cuidado.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

_____ **Saber Cuidar** – ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari K. **Investigação Qualitativa em Educação**. Coimbra: Porto Editora, 1994.

BONFIM, Paula. **A Cultura do Voluntariado no Brasil.** São Paulo: Cortez, 2010.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BUFFA, Ester; ARROYO, M.; NOSELLA P. **Educação e Cidadania** – quem educa o cidadão? 14 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

BRASIL. Lei Orgânica de Assistência Social. Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993. Disponível em: < http://www.mds.gov.br/assistenciasocial>. Acesso em: 25 set.2011.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Base da educação Nacional. Lei n. 9394, de 20 de dez. 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em: 24 set.2011.

BRANDÃO, Ana Paula (coord.). **Saberes e Fazeres, modos de sentir.** Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, v. 2, 2006. (Projeto A Cor da Cultura).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação.** São Paulo: brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos)

BRANDÃO, Dênis M. S., Roberto Crema. Tradução Antonio Fernando Negrini, Denise Bolanho, Mirian Goldfeder. Org. **Visão Holística em psicologia e educação.** São Paulo: Summus, 1991.

Caderno de Textos: Participação e Controle Social no SUAS. Conselho Nacional de Assistência Social, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome – Brasília, DF: CNAS/MDS, 2009.

CORTELLA, Mario Sérgio. **A contribuição da educação não formal para a construção da cidadania**. In: CORTELLA, Mario S. *et al*. Visões singulares, conversas plurais. São Paulo: Itaú Cultural, 2007. Disponível em: < www.itaucultural.org.br>. Acesso em 24 set.2011.

CREMA, Roberto. **Saúde e Plenitude** – um caminho para o ser. São Paulo: Summus, 1995.

CREMA, Roberto. **Pedagogia Iniciática** – Uma escola de lideranças. Petropolis, RJ. Vozes, 2009.

CUNHA, A.L e EGGERT, E. **O Ensino do Crochê de Grampada como Possibilidade Emancipatória para Mulheres Negras em Rio Grande, RS,** In. EGGERT, Edla (Org).Processos Educativos no Fazer Artesanal de Mulheres do Rio Grande do Sul. 1 ed.Santa Cruz: EDUNISC, 2011.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral – memória, tempo, identidades.
Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DEMO, Pedro. Princípio Científico Educativo. São Paulo, Cortez, 1993.

DIÁRIO CATARINENSE. Disponível em<http://diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc/geral/noticia/2012/04/indios-tentam-preservar-tradicoes-na-aldeia-guarani-tiaraju-no-norte-de-sc-3732035.html> Acesso em: 06 fev. 2013.

DICIONÁRIO MICHAELIS. Disponível em: <http://www. michaelis.uol.com.br > Acesso: 20 jan. 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982 e 2011.

_____ **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____ **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho d'água, 2006.

_____ **Pedagogia da indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora Unesp, 2000b.

_____ **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Editora da Unesp, 2001.

_____ **Política e Educação**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____ **Política e educação**: ensaios / Paulo Freire (1921 – 1997) – 5 ed - São Paulo, Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época. v.23)

_____ **Pedagogia da Esperança.** Um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____ **Pedagogia do Cuidado**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FERNANDES, Renata Sieiro (orgs.). **Educação não-formal:** cenários de criação. Campinas: Editora Unicamp, 2001, p. 147-166.

FLEURI, R. M**. A Questão do Conhecimento na Educação Popular.** Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2002.

FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). **Educação e crise do trabalho:** perspectiva de final de século. 6ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. Coleção estudos culturais em educação.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2005.

_____ **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FAZENDA, Ivani (org**). Metodologia da Pesquisa Educacional.** Cortez, 3 ed. SP, 1994.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura.** 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal/não-formal**, 2005. Disponível em:< www.paulofreire.or> Acesso em 25 set.2011.

GARCIA, Valéria Aroeira. **A educação não-formal no âmbito do poder público: avanços e limites.** In: SIMSON, Olga R. de M. Von e GUSMÃO; PARK, Margareth B. e

_____. **Um sobrevôo: o conceito de educação não-formal**. In: PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro (Orgs.). Educação não-formal: contextos, percursos e sujeitos. Holambra: Editora Setembro: Campinas: UNICAMP/CMU, 2005, p.19-44.

GASP. Disponível em: <http://www.gasp.com.br> Acesso em: 22 jan 2013.

GIDDENS, **A. A terceira via e seus críticos**. São Paulo: Record, 2001.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e educação**. – 3ª ed. – São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativo do terceiro setor.** – 2 ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010. – (Coleção questões da nossa época; v.1).

_____. **Movimentos Sociais no Inicio do século XXI. Antigos e novos atores sociais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

_____. Um sobrevôo: o conceito de educação não-formal. In: PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro (Orgs.). Educação não-formal: contextos, percursos e sujeitos. Holambra: Editora Setembro: Campinas: UNICAMP/CMU, 2005, p.19-44.

GRAMSCI, Antonio. Os **intelectuais e a organização da cultura.** 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

JOINVILLE. Associação Joinvilense de Organizações Sociais – AJOS. Ata de Formação, Estatuto Social, Histórico. Joinville, 2009.

KONDER, Leandro. **O Que é Dialética**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, M.A**. Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**. São Paulo: Autêntica, 1999.

_____ **Nietzche e a Educação**. São Paulo: Autêntica, 2002.

_____ Tecnologias do Eu e Educação. In: **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. São Paulo: Editora Vozes, 2008.

LIMA, P.G.; DIAS, I.C.G. **Revista de CIÊNCIAS da EDUCAÇÃO – UNISAL –** Americana/SP – Ano X- nº 19 – 2º Semestre/2008 – Educação não-formal: um intertexto sobre sua caracterização pg. 141-173

MÉSZÁROS, Istvan. **A educação Para Além do Capital**. Tradução Isa Tavares. 2 ed. São Paulo: Bom Tempo, 2008.

MINAYIO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social – Teoria, método e criatividade**. 28 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MORAES, I. N. *Memorial:* síntese. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1992. Documento apresentado à Faculdade de Medicina para o Concurso de Professor Titular do Departamento de Cirurgia – Disciplina de Cirurgia Vascular Periférica.

NEVES, Lúcia Maria Wanderley. **Educação e Política no Brasil de Hoje**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PROMOTUR. Disponível em: <http://www.promotur.com.br> Acesso em: 22 jan 2013

PROUST, M.. **Nas trilhas da Crítica**. São Paulo: Imaginário, 1994

RODRIGUES, Deneusa L. e TAMANINI, Elizabete: **Educação Não Formal e Movimentos Sociais - Práticas Educativas nos Espaços Não Escolares.** (artigo) IX ANPED SUL – Caxias do Sul/RS, 2012.

ROTARY CLUB JOINVILLE MANCHESTER. Disponível em: < www.rotarymanchester. com.br >. Acesso em: 23 set. 2011.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização** – do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SAVIANI, Dermeval. ***Escola e Democracia:*** teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 33.ed. revisada. Campinas: Autores Associados, 2009.

SEMERARO, Giovanni. O Marxismo de Gramsci. In: A Obra Teórica de Marx. Campinas: CEMARX/UNICAMP, 2002.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

STAMM, Eliana; PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. **A Arte Como Propulsora da integração escola e comunidade.** Joinville, SC: Editora Univille, 2007.

STRECK, Danilo. **Educação para um novo Contrato Social.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

_____. **Pesquisar é Pronunciar o Mundo**. In. STRECK, Danilo; EGGERT,Edla; SOBOTTKA, Emil (Orgs.) Dizer a Sua Palavra: educação cidadã, pesquisa. Pelotas: Seiva, 2005.

_____. **Rousseau & a Educação**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____ **Paulo Freire:** ética, utopia, e educação. 9.ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2010.

_____. **Qual o conhecimento que importa? Desafios para o currículo.** Currículo sem Fronteiras, v. 12, n. 3, p. 8-24, Set/Dez 2012 ISSN 1645-1384 (online) Disponível em www.curriculosemfronteiras.org . Acesso em 27 de abril de 2013.

SEDH/GOV, 2012- UNESCO - Ministério da Educação e Ministério da Justiça. Secretaria Especial dos Direitos Humanos / Presidência da República. Disponível em: < http://portal.mj.gov.br/sedh/edh/pnedhpor.pdf> Acesso em: 03 mar. 2012.

TAMANINI, Elizabete. **Vidas transplantadas: museu, educação e a cultura material na (re) construção do passado.** (TESE). Campinas: UNICAMP, 2000.

TAMANINI, Elizabete; GRÜN, Mauro; PEIXER, Zilma I. Desertos Verdes e Azuis: grandes empreendimentos (UHE e Pínus) e as práticas de resistência da sociedade civil na Serra Catarinense. In: BRAVO, Alvaro. Ciudades, Medioambiente y Sostenibilidad . Sevilla: ArcBel, 2007

TRILLA, J. **A educação não-formal.** In: ARANTES, Valéria Arantes (Org.). Educação não-formal: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2008.

UNESCO - Ministério da Educação e Ministério da Justiça. Secretaria Especial dos Direitos Humanos / Presidência da República. Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/sedh/edh/pnedhpor.pdf>. Acesso em: 24 set. 2011.

UNIPAZ. Disponível em: <http://www.unipaz.sul.org.br> Acesso em: 11 dez 2012.

VII CONFERÊNCIA NACIONAL DE ASSISTENCIA SOCIAL – Participação e Controle Social no Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Brasília, DF. Anais, 30 de nov. a 3 de dez. de 2009.

APÊNDICE 1

ENTREVISTA FEITA NA ASSOCIAÇÃO DE SÍNDROME DE DOWN DE JOINVILLE – ADESD
Entrevistada: SOL (Nome Fictício)
Data: 28 de novembro de 2012
Formação: enfermeira e professora
Função na APISCAE – presidente
Tempo de atividade – um ano
Atividade da ADESD é. **Solange – assistir as pessoas com síndrome de Down nas suas necessidades,**
O público alvo da ADESD é. **Sol -** pessoas com síndrome de Down e seus familiares como um todo.
Trabalhar aqui significa. **Sol** – doação, acima de tudo
Educação não formal é. **Sol** – contribuir muito mais a educação não formal é aquela pra mim, que dá o substrato para que o indivíduo tenha recursos pra manejar a vida dele com inteligência. É na educação não formal que eu consigo segundo meu ponto de vista, criar substrato pra a autonomia. A ferramenta da educação formal ela vai dar sim, ferramentas pra pessoa ser um profissional, mais ela dá igual pra todos, agora a educação não formal é aquela que vai diferenciar. É aquela que vai possibilitar o indivíduo a ter mais recursos para sua autonomia. Pra sua autonomia, criatividade de viver pra que ele possa buscar com mais facilidade a qualidade de vida dele.E eu posso ter n maneiras de trabalhar a educação não formal, é na arte, e na dança, é na cultura, é o no lazer, e na relação. A relação com os pais é a primeira educação não formal. A educação não formal, a primeira educação á não formal, aquela que traz de casa é que faz com que a pessoa, a criança, vá pra escola já com aqueles recursos internos e que a partir dali que a educação formal vai bater diferente pra uma e pra outra. Porque que os conteúdos eles são iguais pra Mariazinha, pro Joãozinho e pro Zezinho e umas tem desenvolvimento diferentes pra este ou pra aquele recurso. Porque tem haver com isto também, claro que não é só, eu sei que não é só, mas tem haver com a educação não formal, com o acesso que a gente dá para a

criança, o acesso é importantíssimo..

Nosso dia a dia é

Sol - paulera (risos), é de muita busca pra acertar e é também um fazer todos os dias pra que a gente atinja de fato todos os objetivos de atender as crianças, atender as famílias nas suas necessidades. Então, quando lá no começo do ano pensou, lá no começo deste, desta fase pensou numa estratégia e num plano de atuação e pensou numa estratégia de trabalho, esse dia a dia se constrói nessa busca incessante, de como fazer dar certo. Então, é construir a relação primeira entre os profissionais trabalham numa interação entre eles pra que o usuário , pra que o associado tenha de fato o melhor da ADESD. Então sempre a busca de aprender da melhor forma possível a qualidade. Mas, é assim... É buscar recursos pra trabalhar, recursos financeiros pra poder dar conta que atualmente tem sido uma das principais demandas que atrapalham todas as outras, que atrapalha o objetivo, atrapalha o caminho, então a gente não tem recursos financeiros, a gente não consegue pagar o profissional, o profissional que trabalha não da conta de atender todo mundo, então é uma busca incessante de dar condições para que a associação funcione. A gente não consegue de fato fazer funcionar como a gente pensou que ela funcionaria como a gente gostaria porque ta sempre buscando recurso, buscando recurso, buscando recurso, e isso atrapalha inclusive todo o processo de trabalho. Então, PE correr atrás todos os dias..

A equipe de profissionais aqui é

Sol – são: é terapeuta ocupacional, nós temos duas terapeutas ocupacionais, duas, uma fonoaudióloga, duas pedagogas, uma inclusive é psicóloga e ela faz essa atuação lá também, uma fisioterapeuta, uma assistente social, agente administrativa, uma enfermeira voluntária, eu sou enfermeira também, mas eu não consigo atuar como enfermeira. É ...todas as funções que o cargo exige nesse momento, não consigo. Então, tem mais uma enfermeira que é a voluntária que trabalha principalmente mais de perto com as famílias no trabalho de promoção a saúde. Então nesse momento é essa a equipe de profissionais. Nós temos uma reunião mensal, toda última quinta feira do mês nos fazemos uma reunião mensal pra discutir as questões administrativas, mas principalmente que condução que a gente está dando, quais são as necessidades dos usuários como é que está a aplicação de tudo aquilo que a gente pensou, da metodologia do trabalho e como é que a gente pensa a assistência se tem alguma família com algum problema .... Então a gente faz sim...Como se fosse, se você conhece, é claro, o método da roda, se você tá falando da educação popular você conhece isso se aplica muito a educação ... A saúde. A gente usa muito o método da discussão, do método da roda, que o Gastão Freire fala muito disso, né, mas o Paulo Freire já trazia isso, quanto é importante essa conversa, essa discussão e na educação popular se usa muito, né. Então eu trago essa experiência do trabalho da saúde da família e nos conversamos muito isso também dessa discussão, então se uma criança esta segunda a visão de um profissional precisando da atenção de mais de um profissional esse caso vais ser... Vem pra reunião e vai ser discutido com todos os profissionais, se a gente tá percebendo uma mãe que

está num luto muito mais exacerbado do que naquela fase a gente tem visto que já era pra tá mais calmo é isso que a gente vai discutir também. Mas, tem uma reunião mensal, todos os meses a gente faz. E tem o prontuário que é um prontuário único que também é uma ferramenta de comunicação muito poderosa que foi implantada pelos acadêmico de enfermagem que agora com um convenio com o IELUSC que aqui está eles começam então a fazer a anotação, todos os profissionais fazem a evolução do seu atendimento pra aquela criança, pra aquele usuário no mesmo prontuário, tem um espaço onde é a caracterização e depois cada um faz a sua evolução.

Minha avaliação de tudo isso é:

Sol - como equipe nós tivemos um momento delicado de troca, então nós viemos construindo. Quando eu assumi em outubro do ano passado nós tínhamos uma equipe. Então começamos a preparar essa equipe fizemos um trabalho bem bom no que diz respeito ao trabalho... não sei se você sabe, mas assim, o terapeuta ocupacional,o fisioterapeuta, o fonoaudiólogo tem uma formação muito para trabalhar em consultório, então, diferente do enfermeiro que tem um preparo para trabalho em equipe, então, o que eu percebia enquanto mãe usuária da ADESD com a filha, que eu não via essa integração de trabalho. Nesse momento que eu assumo então, no ano passado eu vim com essa proposta. E nos começamos a fazer um preparo de trabalho de modificação de trabalho, então, fizemos no começo deste ano uma semana inteira de discussões de preparo de discussão de metodologia, trouxe dois profissionais de fora pra fala do trabalho integral, do trabalho de equipe, dessa atenção integralizada do quanto é importante todos conversarem e construímos então uma equipe. Quando foi em junho nós começamos a ter problemas, que precisamos sair da sala onde nós atendemos 11 anos. Isso começou a contribuir para desmanchar esse trabalho que estava sensível ainda, fragilizado, não estava construído, estava começando. Neste momento estão, a gente deixa de ter um espaço de atendimento e começa a se usar de salas de parceiros, na qual atende-se quando e como é possível. Então, aquele trabalho que vinha sendo formado pra existir um atendimento em grupo e quando necessário tira essa criança e ela tem um atendimento individual, mas a socialização como um foco muito grande porque é trabalho de equipe, ele acaba sendo fragilizado. Em agosto a gente consegue mudar pra sede nova, uma profissional saiu. Dali a pouco a outra profissional no final de agosto, uma profissional nem começou, a outra já também quando logo que mudamos foi embora, daí vieram mais duas para começar. E aí começamos tudo de novo, e agora recentemente saiu mais uma, então estamos num processo de refazimento, ficamos um tempo sem uma das profissionais, então agora nos já estamos nos programando pra começarmos novamente. Então, eu percebo que não houve uma construção, muito embora, os profissionais já consigam visualizar de uma forma diferente, já consigam trabalhar em conjunto então, hora uma chama a outra, chama o outro, e consigam fazer esse trabalho mais integral, mas o que tinha sido proposto não conseguiu se concretizar, não houve esse espaço de concretização. Então, isso vai ter que começar de novo com esta nova equipe. Então essa é uma primeira avaliação. Nós começamos, eu acho que o fato de a gente estar numa sede nova, também mobilizou

tudo isso. Até que os usuários também estejam se apoderando daquele espaço, teve criança que queria entrar lá. Então a gente tem toda uma questão de adaptação, então nós estamos começando de novo. É claro que nesse tempo não parou o atendimento, mas infelizmente muito com um ar de consultório, coisa que a gente não queria, com algumas nuances, mas não era o a gente queria. Então, eu percebo que isso, é, agora a gente tá numa fase muito delicada que precisa ser retomada, porque a construção ta muito fragilizada.A minha interpretação, eu vejo que isso não poderia ter sido de outro jeito. A minha inexperiência, eu era, sou mãe, professora, nunca tinha atuado, me dispus e veio essa bomba no meu colo. E aí a luta tem sido a cada dia pra manter a associação em pé. E a vida não para o filho pra manter, o trabalho pra manter, então a dedicação não pode ser integra, que anda do jeito que dá pra andar. E aí essa frustração de ter sido quebrada no meio um trabalho que começou muito bem que vinha vindo exatamente como eu tinha pensado, que eu escrevi no meu plano de atuação eu fiz um plano de atuação pra dois anos e ali começou muito bem com isso, então, às vezes algumas frustrações sim, muitas frustrações de não ta podendo ver acontecer aquilo que eu planejei e não ta dando certo. Mas, também entender que eu não sei como que teria feito diferente com esses adventos todos que aconteceram. E isso tem barrado alguns progressos dentro da ADESD, mas hoje em dia eu já consigo perceber que assim, é um processo que tá acontecendo e que ta se construindo algumas coisas e que não dava pra ser diferente, a gente não conseguiu nem terminar a sede, tá tudo por fazer. Então, nós estamos indo a passos lentos, na administração temos uma equipe muito dirigida, na diretoria uma equipe que era pra ser. Uma equipe que foi pensada, que foi convidada, as pessoas também tem as demandas da vida, a gente conta numa mão quem conseguiu participar. E então a gente tá tentando ver se renova esse desejo de fazer acontecer agora pro começo do ano. Então é isso.

A ADESD significa para Joinville.

Sol- eu acho que assim, a ADESD pra Joinville já é importante, porque eu assumi a ADESD com 42 atendimentos e nós já estamos em 96 atendimentos, 96 crianças, 96 usuários inscritos. Eu acho a que cada dia que passa essa importância tá crescendo, eu nem sei se eu sabia que isso ia acontecer tão rápido assim. Eu achava que ao final de dois anos isso ia acontecer, não achava que ia ser tão rápido. Em coisa de 8 a 10 meses isso aconteceu tão rápido. Então, eu acho que já é muito importante, mas que poderia ser muito mais, ter muito mais visibilidade, muito mais, ser muito mais eficaz. Mas a história não muda de uns meses pro outro, então eu tenho certeza que a ADESD precisa ter uma atuação mais presente, mais incidente na atuação, nas portas abertas, só que a gente não achou o caminho ainda de como se manter pra que isso aconteça. Nós temos espaço físico agora, nós temos o desejo de trabalhar, nós só não temos como manter os profissionais pra manter às 8 horas por dia ou um pouco mais que 10, 12 horas por dia, porque não temos recursos pra manter, porque público tem todo dia batendo na nossa porta. Então eu acho que a ADESD já é sim muito importante para Joinville. E é muito interessante, quem nunca teve na família uma pessoa com síndrome de Down, não conhece, não sabe, nunca viu e aí de repente quando acontece o mundo se abre,e vai, vai

bater a porta, é lá que se sente bem, é lá que quer estar, e gente nem sempre consegue acolher todo mundo, já não tá acolhendo mais, a gente já tá com fila de espera. Então é isso, acho que dá pra gente crescer muito mais.

APÊNDICE 2

ENTREVISTA NA ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES FÍSICOS DE JOINVILLE
Entrevistada: Marta (nome fictício)
Data: 05 de dezembro de 2012
Formação: fisioterapia
Função na ADEJ - fisioterapeuta e responsável técnica
Tempo de atividade – 3 anos
Atividade da ADEJ **Marta** – ADEJ oferece pro público associado, serviços de fisioterapia, na reabilitação, psicologia, terapia ocupacional, hidroterapia com associação com o C3, e tem também o trabalho da fonoaudióloga e nós temos assistência social, que além das pessoas que vem fazer um tratamento, ou atrás de um tratamento pra reabilitação, elas também vêm atrás de benefícios sociais, transporte eficientes, transporte normal, mas sem pagamento, transporte livre.
O público alvo da ADEJ **Marta** – os associados são pessoas que adquiriram alguma alteração física, geralmente são pessoas acometidas por problemas neurológicos, que sofreram TCE, ou um AVC, ou tiveram alguma patologia congênita adquirida, e aí eles vem aqui na ADEJ fazem essa associação que beneficia eles fazer esse tratamento, necessário para a reabilitação deles, em geral, são essas pessoas que vem até aqui.
Trabalhar aqui significa... **Marta** – a ADEJ na realidade foi a minha primeira experiência como fisioterapeuta, então trabalhar aqui é realização da minha profissão, porque eu já trabalhei em outros lugares, depois, trabalho com outras coisas, que não é reabilitação, então eu vejo a necessidade de estar trabalhando com reabilitação e aqui é onde eu me encontro.
Educar pra mim é **Marta –** é uma coisa fácil e difícil de responder. Educar abrange muita coisa, educar é passar o conhecimento para uma pessoa, é trazer ela pra um mundo diferente, é quando ela é apresentada a um conhecimento que ela não sabia isso transforma a vida dela, trás ela, eu vejo aqui pelas pessoas, uma qualidade de vida melhor, elas conseguem explorar melhor o mundo sabendo.

Educação não formal é

Marta– aqui nós temos poucas crianças, e as pessoas que vem pra cá geralmente é um público assim que eu percebo que não teve uma oportunidade, são pessoas mais carentes, eu consigo ver de outra forma, que quando a gente consegue observar esse público, essas pessoas, esses adultos que não puderam terminar uma grade curricular, de primeiro grau, segundo grau como eles falam e fazer uma faculdade, eu vejo assim, que através desse ensino fora da escola é a oportunidade que eles têm de aprender e saber. Então, se isso ficasse só entre quatro paredes de uma escola e uma lousa, já seria difícil de alcançar essas pessoas, então, de um simples ensino que nós temos aqui, de uma coisa que você ensine e eles fazem um curso, que nem a gente já teve aqui um curso de espanhol, eles fizeram esse curso de espanhol, então imagine se eles tivessem que ir pra uma escola, se eles tivessem que aprender isso na escola, talvez eles nunca teriam acesso a uma palavra, uma língua estrangeira.

A equipe de profissionais aqui é:

Marta– a equipe de reabilitação, nós temos 3 fisioterapeutas com tratamento no solo, 1 fisioterapeuta pra tratamento na hidro, tem 1 terapeuta ocupacional, 1 psicóloga e 1 fonoaudióloga.

Nós temos na equipe reunião mensal. Que é reunião de equipe mesmo e todas as quartas feiras as quatro e meia nós temos a triagem, e na terceira quarta feira nós temos a triagem e nós tomos estudo de caso. Então a gente pega aquele nosso paciente que tá mais comprometido, que a gente tá com uma dificuldade de evolução e a gente vai conversa. Às vezes eu preciso de uma segunda opinião da terapeuta ocupacional, às vezes a visão psicóloga já é diferente, então a gente integra nesse momento. E além do mais é uma equipe muito boa, ela se relaciona muito bem, então quando eu to com alguma dificuldade, eu já venho aqui busco a terapeuta, a terapeuta vai lá conversa comigo, analisa o paciente comigo, a mesma coisa se ela precisar de mim eu venho, to com um paciente com dificuldade na fono eu chamo ela e vem na hora, então é uma equipe bem unida.

Minha avaliação de tudo isso

Marta - Eu acho assim que eu fui premiada, em trabalhar aqui. Porque eu conheci pessoas diferentes, histórias diferentes. Quando eu cheguei aqui a ADEJ era uma situação, era uma entidade e depois ela evoluiu. As pessoas tinham muitas dificuldades, a entidade ela passa por muitas dificuldades porque nós não temos uma renda fixa, então assim, eu sinto por não ter mais como ter mais tempo aqui, trabalho só duas tardes. Mas, não porque eles não querem ou porque não precisa é porque não se pode mesmo, se pudesse eu trabalharia todos os dias aqui, porque nós temos uma demanda muito grande. Então assim, eu fui premiada de trabalhar aqui, eu adoro, já tive oportunidade de sair, mas assim como eu falei até na minha formação, farei duas coisas da minha profissão, amor e o sustento. Então a ADEJ é o amor.

APÊNDICE 3

ENTREVISTA FEITA NA ASSOCIAÇÃO PARA INTEGRAÇÃO SOCIAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES ESPECIAIS - APISCAE
Entrevistada: Leni (nome fictício)
Data: 12 de outubro de 2012
Formação: Terapia Ocupacional e Pedagogia – Especialista em Ed.Especial e Psicopedagogia
Função na APISCAE – Professora
Tempo de atividade – Sete anos
Atividade da APISCAE é: **Leni –** a atividade principal da APISCAE é trabalhar a questão de autonomia e independência dos jovens que estão aqui inseridos para que a gente possa promover o máximo de interação social, seja através do trabalho, seja através de um... de alguma atividade social que ele não vinha realizando, seja pegar um ônibus, seja contar dinheiro, seja.. enfim...
O público alvo da APISCAE é: **Leni** - pessoas com deficiência a partir de 14 anos
Trabalhar aqui significa; **Leni** - Pra mim identifico muito com o nosso emblema a nossa logo marca que são as pernas com o arco, que seria o que? Tentar promover que.. o que eu faço aqui significa dar o caminho, tenta auxiliar esse caminho da melhor forma possível, assim como eu gostaria que fizesse algo pra minha filha se eu tivesse uma filha especial eu gostaria de fazer pras filhos das... das mães das famílias que tem filhos aqui, que seria o que.. que seria dar o básico pra que eles, pra que tenham autonomia tenham independência,. E pra mim não foi por acaso que parei aqui, eu comecei aqui como voluntaria, eu ficava duas vezes na semana, a entidade nao tinha nada, eu trazia tudo o eu tinha que promover uma atividade eu trazia de casa, televisão se eu queria promover um vídeo, material de... queria fazer um artesanato alguma coisa diferente com lês , tudo eu tinha que trazer...mas sem expectativa de iniciar algum trabalho. E aí acabo... acabei deixei uma sementinha aqui me identifiquei com o público bastante e depois de algum tempo eu fui chamada para trabalhar aqui como funcionaria da APISCAE, entrei aqui como terapeuta ocupacional e depois a APISCAE não pode manter uma terapeuta ocupacional e como eu tenho formação também... eu tenho magistério, então eu pude ser inserida aqui como professora pra continuar exercendo a função aqui. É obvio que... esse meu olhar de terapeuta ocupacional ele jamais vai ser perdido né - por mais que eu esteja numa

função diferente eu não vou tirar esse meu olhar ... que isso na verdade uma contribui com a outra, essa questão que eu estou buscando na educação de me interar mais de saber um poço mais como acontece o desenvolvimento né... essa parte de.... de promover a educação de uma forma como nos trabalhamos aqui informal, eu penso que isso agrega muito no meu trabalho.

Educar pra mim é:

Leni

-Nossa... aí! educar pra mim é tudo. Nossa... educar... eu nunca tinha parado pra pensar nessa pergunta. O que é educar pra mim? penso que educar é uma coisa de muita responsabilidade, muita porque.. penso que não é fácil educar alguém,sei lá...ela acontece de uma forma bem gradativa né... plantando sementinhas, principalmente aqui, a gente não tem, ah - hoje eu vou educar alguém – eu penso que isso vai muito do nosso exemplo do meu exemplo, da minha atuação da minha forma de agir isso também espelha muito da forma que eles me enxergam, da forma que eu tento passar buscar isso pra eles.

Educação não formal é:

Leni - Ed não formal seria aquela que não é proposta pela escola que não tem um currículo, que não exista um sistema, que não existe... a educação não formal acontece a toda hora é... acontece através da... não da mediação mas da interação, eu pendo que a educação informal seria realmente isso.

Nosso dia a dia é:

Leni – nosso dia a dia, como a gente trabalha ...temos dois grupos bem distintos grupo da manhã e grupo da tarde, o grupo da manhã seria um grupo de capacitação para o trabalho, então as nossas atividades aqui são realmente voltadas com olhar pra capacitar esse jovem pra que ele possa ter autonomia para o trabalho coisas muito básicas pra que a gente tenta contextualizar o máximo possível , iniciando pelo bom dia né... iniciando pelo... como se fosse bater o cartão, alguma coisa nesse sentido, cobrando uniforme, cobrando higiene, cobrando atitudes, enfim , é uma coisa que acontece no dia a dia. Eles têm atividades aqui que eles já têm responsabilidades, assim já fazem parte da rotina deles, assim como no trabalho eles vão ter uma rotina também, né... de tá respeitando os superiores.... de tá....respeitando o colega, de saber também como interagir com esse colega, porque no trabalho eles também vão ter dificuldades, vão ter desavenças e de que forma que isso vai ser resolvido lá. Então a gente tenta simular o máximo possível aqui dentro. Nós temos de manhã atendimento com psicólogas que faz o grupo... todo o atendimento aqui é em grupo, né...nenhuma atividade aqui é individualizada, então de manhã nós temos dois grupos a gente trabalha com grupo de no máximo oito jovens. Temos pedagogas que trabalham com eles de manhã diariamente, cada uma com atividades bem distintas, uma que vai trabalhar habilidades básicas para o trabalho, e uma que vai trabalhar habilidades práticas, a gente tem aqui de manhã um curso de auxiliar de cozinha duas vezes por semana, uma parte prática outra parte teórica, informática duas vezes na semana, cinco s duas vezes na semana e nas sextas feiras eles tem reforço pedagógico, apoio pedagógico, porque as atividades que a gente desenvolve durante toda a

semana elas são direcionadas com um tema, a gente tenta contextualizar, cap. 3 mas assim a gente pensa que tem que ter um momento também do pedagógico de reforçar algumas defasagem, de trabalhar aquelas defasagem, momento de trabalhar realmente de resgate, porque como a gente não tem como certificar,no caso, como a educação formal, a gente tenta promover o máximo possível para eles realmente consigam superar algumas dificuldades acadêmica que eles venham tendo.

O grupo da tarde já é diferente, já é um grupo que precisa de mais autonomia, mais independência que não tá tão maduro ainda, que é o de preparação para o trabalho,que tem que ter alguns pré requisitos para trocar de grupo, que ainda não pegam o ônibus sozinho, que não são totalmente independente na alimentação ou na higiene pessoal, então assim, são semi dependente, você precisa estar lembrando, agora você precisa fazer isso, fazer aquilo. Precisam ainda de um direcionamento. Esse grupo da manha já não, eles já são um grupo mais autônomo, eles precisam realmente daquela capacitação para serem inseridos no trabalho.

Essa educação é emancipadora:

Leni –Assim, - a primeira coisa que a gente percebe quando eles começam a andar de ônibus sozinhos. É uma conquista muito grande, aqui eles já começam, assim,perceber que eles podem. Tanto tempo sem que eles.... aí.. que eles tinham medo, claro , é uma resistência da família, até a gente compreende, mas tenta dar o máximo de apoio possível pra que isso aconteça de uma forma natural, então já começa por aí, quando eles tem autonomia para ir e vir, essa autonomia pra ir e vir acaba acarretando em outras questões assim, muito... eles começam a se sentir mais seguros, mais capazes e aí junto com isso acaba vindo uma oportunidade de trabalho e quando eles são inseridos no trabalho é que a gente realmente começa a perceber o que foi válido ou não. Ai eles começam a repetir o que eles aprenderam aqui no trabalho, começam a colocar em prática o que a gente pode contribuir com a aprendizagem deles, e a gente tem obtido resultados bem positivos referentes a isso, referente a questão da responsabilidade com o horário, com uniforme, com respeito a hierarquia, respeito ao colega e realmente a execução do trabalho em si, a gente faz um acompanhamento no trabalho justamente pra ver se...pra ta verificando essa emancipação, pra ver de que forma ela está acontecendo. Tem uns que realmente são tão inseguros que ficam com medo no inicio então a gente tem que ir semanalmente fazer o acompanhamento, orientamos muito bem a pessoa que recebe a equipe que tá lá, que trabalha junta, a gente orienta muito esse pessoal, de que forma proceder, não é só porque tem uma deficiência que tem que tratar como coitadinho, que não sabe fazer, dar uma coisa mais fácil mostrar o potencial aos poucos pra ver o que pode e que não pode fazer, até pra pessoa conhecer eles, né..

A equipe de profissionais aqui é:

Leni -A gente tem, nós temos as pedagogas, profissional de educação física, temos assistência social e a psicóloga. nós temos horário para cada um fazer o seu planejamento aqui dentro

porque a gente procura fazer contextualizado, cada...como nos atendemos em grupo pra não ser uma coisa.. ah, trabalha uma coisa aqui , agora corta, agora você vai fazer outra atividade,

então, pra que haja continuidade e eles precisam dar significado pra o que eles aprendem. Então, dar significado eu penso que já e metade da atividade, então eles tem compreender porque que eles estão fazendo aquilo, pra que é, pra que serve, isso é muito bem trabalhado aqui dentro, eles sabem porque tão fazendo aquilo, pra que serve aquilo, então a psicóloga gente tem toda semana, geralmente na terça feira de manhã a gente senta pra conversa, vê como é o planejamento, o que tá procedendo de uma forma bacana o que não tá fora o que tem que alinhar. A gente sempre faz normalmente isso.

Minha avaliação de tudo isso é:

Leni - Então, a APISCAE já como está em Joinville há treze anos, então assim, foi construindo um...iniciamos com um... eu falo assim como se eu tivesse desde inicio porque e eu já to muito tempo aqui e já conheço um pouco da história iniciou com crianças totalmente dependentes ai a APISCAE acabou tomando um outro rumo, de trabalhar realmente com turma com independência a partir de quatorze anos e vem caminhando desde então, e pra essa caminhada poder ter assim um... a gente tava buscando o que? Ter um diferencial no mercado a gente buscou uma parceria com a AVAPE, porque a AVAPE já a vinte e quatro anos no Brasil, principalmente iniciou lá em São Paulo realmente com a preparação de pessoas, capacitação e inserção de pessoas no mercado de trabalho a gente buscou ter um pouco dessa metodologia pra que a gente pudesse crescer um pouco mais aqui em Joinville, e foi que nos buscamos e a gente conseguiu, porque pra você poder ser licenciado a AVAPE você tem que passar por um crivo bem criterioso, não é qualquer um que pode ser licenciado deles aqui, e a APISCAE passou por esse crivo, então Joinville assim eles receberam varias propostas - não propostas – varias entidades puderam se inscrever pra ser licenciada APISCAE foi escolhida pra ser. Penso que pelo trabalho que é devolvido aqui parecido com o que é desenvolvido lá, por ter um perfil realmente bem parecido a gente acabou sendo escolhido pra usar a metodologia deles. Essa metodologia são para os programas de capacitação para o trabalho, que a gente chama de reabilitação profissional, capacitação profissional e inclusão profissional. A gente busca tá... tá utilizando a metodologia principalmente na parte da capacitação e na inclusão profissional, a representação profissional a gente não utiliza tanto a metodologia, usa mais os outros dois programas.

A APISCAE significa para Joinville:

Leni – penso que nosso trabalho precisa ser melhor divulgado, porque tem muitos pais que não conhecem que podem ta de repente trabalhando o potencial do filho, não conhece realmente o que o filho pode desenvolver, quatorze anos é uma idade que eles estão na escola e que não vai nem pra frente nem pra traz o pai não sabe o que fazer com ele e não conhece a APISCAE, que pode fazer grande diferença na vida do filho. A gente tem parceria com a assistência social que de repente pode ta auxiliando, essa parceria não tem custo algum pra família, seja dentro daquela linha de carência. E gente pode ta oferecendo aí um trabalho super bacana que o pai, realmente - a gente em visto aí muitos resultados positivos, famílias que não sabiam o que fazer com o filho e até hoje agradecem que o filho ta lá trabalhando, e ... tendo autonomia, tem uns que estão até buscando sozinhos outra oportunidade de trabalhado, que iniciou em uma foi colocado, desenvolveu, desempenhou, ta buscando outra oportunidade, viu que tinha potencial pra aquilo , achou que era pouco buscou mais, e isso pra gente minha nossa....é o nosso trabalho realmente assim... caminhando e é isso que a gente busca. Que as pessoas realmente não conhecem. Que quando eles entram aqui, é incrível, muitos vem com a história de bullying, de fracasso escolar, de rebaixamento, autoestima rebaixada, família também assim... quando a gente chama pra uma reunião, a gente não chama pra falar mal do filho, a gente chama pra orientar as famílias, eles vem morrendo de medo quando eles vem aqui – ai minha nossa tem reunião na APISCAE – sabe assim.. eles vem morrendo de medo, daí quando a gente vem pra falar do filho, do que vai ser feito com ele, do que ele pode melhorar eles – nossa daí realmente muda, daí começa realmente ter uma parceria com a família. É isso que a gente também procura fazer. Até, esqueci de mencionar o trabalho que é feito com as famílias, reuniões mensais que nós fazemos, reuniões até semanais se algumas precisam ser realizadas, pra que realmente os pais entendam o que é feito, o que eles precisam dar continuidade em casa, porque sozinhos... a escola sozinha não funciona,cap4 o tratamento de uma pessoa no hospital também não funciona sozinha, então... o trabalho da APISCAE é igual. É um trabalho de parcerias, é um trabalho em conjunto que sozinho ninguém é ninguém, a gente precisa realmente de parcerias.

APÊNDICE 4

ENTREVISTA FEITA NA CASA DA AMIZADE DAS FAMILIAS DE ROTARIANOS DE JOINVILLE
Entrevistada: Emilia (nome fictício)
Data: 06 de janeiro de 2013
Formação: ENSINO MÉDIO
Função na Casa da Amizade– ex- presidente e conselheira
Tempo de atividade – **Emília** – Faz mais de 20 anos, comecei assim devagarzinho, frequentando, conhecendo o trabalho. Quando casei com o Fischer, que era rotariano. Quando engravidei, a atual presidente me pediu que assistisse às aulas do curso, pra dar a idéia de gestante e esposa de rotariano. Aí, fiz as duas funções, dei minha visão pra ela como gestante e como participante voluntária do trabalho. E não saí mais, continuei e passei por várias funções, até chegar a presidência. Hoje faço parte dos conselhos: fiscal e consultivo.
Atividade da Casa Da Amizade **Emília** atividade é dar informação pra gestante de como cuidar do bebê e de si própria. Durante a gestação e depois do bebê nascer. Porque a maioria das gestantes são adolescentes ou muito jovens, primeira gravidez. Tem aquela que vem pela segunda ou terceira vez. Ou que já veio a mãe ou a sogra, e até a que é neta de gestante que freqüentou a casa.
O público alvo da Casa da Amizade. **Emília** Gestante. A casa atende em média 35 gestantes mês. 50 anos atrás quando a casa começou, e há 20 anos que eu participo, são atendidas as gestantes carentes de Joinville. Chamava-se carentes, agora é em vulnerabilidade social. O conceito mudou nesse tempo, porque carência não é só financeira. O público alvo são as gestantes.
Trabalhar na Casa da Amizade significa. **Emília** – Crescimento, amadurecimento, porque tudo o que se vê, é um aprendizado também. Por isso que quando a gente entra é difícil sair, o relacionamento, o convívio, é uma troca bem importante.
A equipe de profissionais aqui é. **Emília –** da saúde principalmente, dentistas, médicos, terapeutas. Do direito: o

advogado orienta aquelas mães abandonadas pelo marido, pelo pai do bebê, aquelas que não têm como dizer quem é o pai. O que elas têm que procurar e onde. É mostrado o caminho de como elas tem que fazer. Uma profissional do INSS, dá todas as dicas de como encaminhar e receber o benefício. Elas ganham também orientação espiritual. Uma enfermeira da maternidade passa todas as informações, tira dúvidas e medos em relação a hora do parto. Em uma aula lá dentro da maternidade vão conhecer o banco de leite, a sala de parto, os quartos a recepção. Aprendem a chegar à maternidade, na data prevista para o parto. A exigência principal é o acompanhamento pré-natal. Quando chegam para a triagem sem o cartãozinho do pré-natal, são imediatamente orientadas a procurar o médico. Uma grande conquista da casa da amizade, em minha opinião, é que nenhuma mãe abandona o bebê, mesmo aquelas que chegam com essa intenção, durante o curso mudam de idéia. Não tem nenhum caso de mãe que passou pela casa e abandonou o seu bebê. É bem emocionante quando elas saem, depois que mudaram de idéia. Tem aquelas que chegam dizendo: eu vim fazer esse curso pra ganhar o enxoval. Pro bebe ter o que vestir quando nascer, mas eu não vou levar pra casa, vou deixar lá. E quando acaba o curso, elas mudaram de idéia. E não tem nenhum histórico de que foi abandonado o bebê.

Educar pra mim é.

Emília - Ensinar as coisas da vida. Da vida porque além dos professores ensinarem as técnicas, as coisas formais, as gestantes trocam idéias, as mais experientes passam o que sabem para as outras. E as professoras, as educadoras ali, no caso, aprimoram, dão as suas opiniões, melhoram aquilo que elas querem dizer. Enfim, as que já têm experiência vão passando pra frente, é bastante importante isso. Pra quem ta ensinando e pra elas que estão ouvindo, aprender por uma pessoa que já passou, já viveu aquilo, é interessante.

Educação não formal

Emília – é a educação que vem do coração, de mãe pra filha, a importância dos detalhes, da troca, porque as gestantes se ajudam desde a hora que chegam. Elas se ajudam na ida ao banheiro, hora de fazer o lanche. Aquelas que estão com a gestação mais avançadas recebem o auxilio das outras, das que estão no inicio da gestação. Quando uma não está se sentindo bem a outra vem comunicar. Então assim, a educação não é no sentido de escola é no sentido de vida.

Minha avaliação de tudo isso é

Emília - Um trabalho fundamental, tanto na vida de quem passa por lá como na vida de quem trabalha. É um engrandecimento pessoal. A gente sai de lá com o coração aliviado. Como terapia, não importa os problemas que existem dentro das entidades, esquecemos esse lado. Acho que toda pessoa devia fazer um trabalho voluntário.

A Casa da Amizade significa para Joinville.

Emília – até onde eu sei foi a primeira entidade, mesmo antes de ser entidade constituída, que teve essa visão, de trabalhar com gestante. No início era só ajudar dando roupinhas e cesta básica. Com a evolução, foi mudando essa idéia, aí viu-se a necessidade do ensinamento. Depois de alguns anos com esse trabalho, outras entidades, outras instituições viram o resultado e começaram a fazer esse trabalho também. Hoje tem mais entidades e até clinicas particulares trabalhando com gestantes. Há 50 anos, quando as fundadoras, algumas mulheres de rotarianos iniciaram um trabalho paralelo ao Rotary. Reuniam-se à tarde, por serem mulheres da sociedade de Joinville, pra tomar chá e fazer um trabalho voluntário. Anos depois foi feito uma parceria com a prefeitura já vendo a necessidade quanto prefeitura. Acho que o trabalho da casa da amizade sempre foi fundamental pra Joinville.

A transformação e a emancipação

Emília - Existe porque percebemos algumas mudanças em apenas um mês de curso. Algumas chegam de uma forma e saem de outra. Chegam fechadas, sem trocar nada, amarguradas, e saem de lá abraçando umas as outras, combinando de se encontrar e de fazer os seus bebês se conhecerem. É um aprendizado, porque percebemos em pouco tempo de convívio, a mudança. Uma das aulas se chama: o projeto caráter conta, é uma pessoa da educação que dá essa aula. Um projeto do Rotary que ensina como a mãe precisa trabalhar o caráter de seu filho. Muitas mudam o seu próprio modo de agir. Saem com outra visão de vida, algumas chegam revoltadas porque foram abandonadas, ou porque tem muitos filhos e o marido desempregado já não quer mais assumir, ou sumiu. O namorado que nega a paternidade. Elas chegam revoltadas querendo se vingar de alguma forma, e mudam de idéia. No final do curso já sabem onde procurar seus direitos e com a intenção de procurar um emprego, de criar seu filho. É o amor acima de tudo, em uma das aulas é falado muito em amor, compreensão, troca. Algumas voltam depois que o bebê nasce, e trazem o bebê pra gente conhecer. Temos um histórico de fotografias com as crianças e de depoimentos. Isso é bem legal.

ANEXO

CARTA DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins que concordamos com os itens citados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que será assinado pelos sujeitos de pesquisa participantes de nossa instituição. Assim, autorizamos a Pesquisadora, **Deneusa Luzia Rodrigues,** mestranda da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, Mestrado em Educação – Políticas Públicas e Práticas, a realizar a pesquisa com o título **EDUCAÇÃO NÃO FORMAL: DO CUIDADO A EMANCIPAÇÃO? CARTOGRAFIAS DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DAS ORGANIZAÇÕES SOCIAS DE JOINVILLE VINCULADAS A ASSOCIAÇÃO JOINVILENSE DE ORGANIZAÇÕES SOCIAIS – AJOS**

Cumpriremos o que determina a Resolução 196/96 – CONEP/MS e contribuiremos com a pesquisa mencionada sempre que necessário, fornecendo informações. Sabemos que nossa instituição poderá, a qualquer fase dessa pesquisa, retirar esse consentimento. Também foi, pelo pesquisador acima mencionado, garantido o sigilo e assegurado a privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa. Concordamos que os resultados deste estudo poderão ser apresentados por escrito ou oralmente em congressos e revistas científicas, totalmente anônimas.

Colocamo-nos à disposição para qualquer dúvida que se faça necessária.

Atenciosamente,

_____

Instituição:

Data:_____/_____/_____